

1993



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

ANO XXVII

Nº 177

Outubro/Novembro

EDUCACÃO CIDADANA
HISTÓRIA PROFISSIO
trabalho DUCAC
PROFIS ALIZAÇÃO
ALFABÉTIZAÇÃO ÉDU
trabalho ISSONALI
HISTÓRIA ALFABÉTIZAÇÃO
CIDADANIA trabalho PROFISSIONALI
trabalho PROFISSIONALI



Expediente / 1993

Governo do Estado

Alceu Collares

Secretaria da Educação

Neuza Canabarro

Conselho Editorial

Jussara Ferreira Binz - GASE/DG
Helena C. Zampogna Marcon - DDE
Ma. Fátima Werlang - DAF
Ma. Helena Lopes - DP
Marilene Scalabrin Rodrigues - RDH
Luis Enrique Iramendi Gil - DAE/DDE

Equipe Técnica

Direção: Ana Lia Ibargoyen
Jornalista Responsável: Plínio Dotto
Redação/Edição: Lígia M. S. Oliveira
Ma. Clara C. Boose
Ass. Especial: Gilberto Scarton
Programação visual: Waldeny Elias
Arte: Éverson Godinho Vicente
Reportagem: Elen de Oliveira
Adriana Silva
Ligia M.S. Oliveira
Fotos: Elen de Oliveira
Edson Fagundes
Guilherme Dias
Ligia Oliveira
Datilografia: Lina Ferraro
Execução Gráfica: Corag



Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul
Av. Borges de Medeiros, 1501
CEP 90119/900 - Porto Alegre

SUMÁRIO

• Editorial — "Do giz ao computador — Desafios da Educação"	3
• "Nenhum Adulto Analfabeto"	7
• Entrevista — "Analfabeto x Monitor"	9
• Livre Opinião — "Colônia de Sacramento"	11
— "Contribuição da Mulher Negra"	12
— "Dos Campos às Senzalas"	16
— "Educação de Adúltos: Um Processo de Parceria"	17
— "Aspectos Relevantes no Processo de Adaptação Escolar"	18
— "Não Alfabetizado"	19
• Revistando	23
— "Informática na Educação"	27
— "Ensino Supletivo"	30
— "Escola Agrícola — Esc. Est. Cruzeiro do Sul"	34
— "Projeto Resgate de Crianças que estão fora da Escola"	35
— "Projeto Autor Presente"	37
— "O Negro e a Educação/32ª DE"	38
— "Educação Física — Uma Forma de Integração"	41
— "A História de um Sonho — Hoje Realidade"	44
• Experimente, Tente	47
Faça uma Aula Diferente	48
— "Introdução à Álgebra através da Geometria"	49
— "Jogo da Berlinda"	50
• Você cria, Nós divulgamos	53
— "Projeto Melhoria — Habilitação Magistério	54
— "Brique da Rio Branco e a Experiência com a Leitura Além da Escola"	55
— "Projeto Artesanato em Lâ"	56
— "Guias Mirins"	57
— "Projeto Poemas na Cidade"	58
• Espaço do Estudante	59
— "Construa seu Grêmio Estudantil"	60
• Outras Leituras	61
— "Lavar, Cozinhar, Engomar. Quem trabalha no Século XIX?"	62
— "Cultura e Tradição"	63
— "Os Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira"	64
• Espaço Cultural	65
— Livros	66
— Carta do Leitor	67
— Televisão	68
— Arte	69
— Música	70
— Teatro	71
— Vídeo	72
— Cinema	73
• Informe-se	74
— Aconteceu... — Está Acontecendo...	75
• Serviços	76
— "Valorização do Idoso e Integração de Gerações"	77
— "Oficinas Pedagógicas"	78
• Referências Bibliográficas	79
• Revistinha do Turismo	80

DO GIZ AO COMPUTADOR — Desafios da Educação

Assim como este século ficará marcado na história como o *início da era da comunicação*, o próximo será, de certo, caracterizado pela *informatização*.

Com efeito, o que está programado para o futuro é de estarrecer os espíritos mais céticos diante dos poderes do engenho humano: não se iria mais, por exemplo, ao trabalho, mas se comunicaria com ele pelas linhas acopladas ao computador; não haveria deslocamentos para compras e visitas, pois isso seria feito por videofones computadorizados; também não se iria mais à escola — a aprendizagem dar-se-ia por sistemas de computadores interativos ligados a outras pessoas e a fontes de informação.

Previsões de futurólogos à parte, é fato inconteste que os computadores chegaram, e para ficar. O acelerado processo de informatização da sociedade — que vai do automóvel ao escritório, da cozinha de nossa casa aos bancos — coloca a Educação frente a um novo desafio: a introdução do computador na escola.

Mediante uma rápida visão do que se pode fazer com computadores na escola, percebe-se, de imediato, que esta não pode deixar de ser receptiva ao potencial que o vídeo, a cor, a alta resolução técnica, a animação, o som, a velocidade, a exatidão e a capacidade de manipular grandes quantidades de dados podem trazer à Educação.

Aumentar e tornar mais eficaz o currículo regular e a metodologia de ensino; levar as crianças a aprender através de uma forma nova e excitante; intensificar o aprendizado de maneira mais profunda, clara e intensa, enriquecendo o funcionamento intelectual dos alunos; incentivar o questionamento por parte dos estudantes; aperfeiçoar o ensino de conceitos; estar a serviço das necessidades de aprendizado dos que apresentam deficiências físicas ou mentais; preparar os jovens para o trabalho, considerando-se que é cada vez maior o número de empregos que requerem o uso do computador; integrar o computador ao sistema de administração educacional; em suma, realizar melhorias na postura e na eficácia da escola são alguns objetivos que levaram esta Pasta a equipar as escolas da rede com esta possante ferramenta para a qual se deve buscar a melhor forma de utilização.

Poder-se-ia contra-argumentar que muitas de nossas escolas têm necessidades mais elementares, como giz, bons quadros e outros programas. Na verdade, nossa Administração vem resolvendo também esses problemas, resgatando o adulto que é analfabeto, porque não teve oportunidades quando mais jovem; o filho do agricultor que, ao instrumentalizar-se para a lida na terra, não se tornará um migrante à margem dos centros urbanos; o idoso com respeito ao saber envelhecer produtivamente, o profissional da Educação, na busca pela melhoria da qualidade do ensino.

Dessa forma, nossa Administração também pensa no giz sem, contudo, deixar de acreditar e investir nos modernos equipamentos, considerando que o avanço progressivo nessa área é um imperativo contemporâneo. Manter a população estudantil à margem dos avanços de nossa época, alijada de todas as possibilidades de progresso e carente de todos os meios modernos, é uma forma de desperdício, é insistência em práticas obsoletas na formação de nossas crianças e adolescentes.

Neusa Canabarro



Nenhum Adulto Analfabeto

* Adriana Silva

Elogio do Estudo

**Aprenda o mais simples! Para aqueles
Cuja hora chegou
Nunca é tarde demais!
Aprenda o ABC; não basta, mas
Aprenda! Não desanime!
Comece! É preciso saber tudo!
Você tem que assumir o comando!
Aprenda, homem no asilo!
Aprenda, homem na prisão!
Aprenda, mulher na cozinha!
Aprenda, anciã!
Você tem que assumir o comando!
Frequente a escola, você que não tem casa!
Adquira o conhecimento, você que sente frio!
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.
Você tem que assumir o comando.
Não se envergonhe de perguntar, camarada!
Não se deixe convencer
Veja com seus olhos!
O que não sabe por conta própria
Não sabe.
Verifique a conta
É você que vai pagar.
Ponha o dedo sobre cada item
Pergunte: o que é isso?
Você tem que assumir o comando.**

Bertold Brecht

Em nossa sociedade de cultura letrada, o analfabeto é considerado um doente que será curado ao aprender a ler e escrever. A alfabetização é um grande salto que visa superar o abismo que separa os mundos do analfabeto do alfabetizado.

A Educação é, sem dúvida, importante. Trata-se de uma força vital que atua em todos os aspectos da vida, desenvolvendo aos indivíduos e, consequentemente, à sociedade. Ela determina, em grande parte, o que somos e em que vamos nos transformar. É o fato de se saber ler e escrever que permite a expressão e o intercâmbio das idéias, informações e dos conhecimentos. Sem o direito à Educação, não pode-

ser garantido o exercício dos demais direitos fundamentais, nem a participação ativa do cidadão na sociedade moderna.

Existe, hoje, no Brasil, aproximadamente 30 milhões de analfabetos absolutos, segundo definição da Unesco — pessoas incapazes de escrever um texto simples e breve sobre fatos de sua vida cotidiana. Há, também, muitos analfabetos ditos funcionais que, em geral, ao deixarem a escola, perderam o hábito de ler e escrever em sua existência de todos os dias, embora em determinado momento tenham sido capazes de fazê-lo. Se o número de analfabetos funcionais fosse acrescentado ao dos absolutos, um grande número de adultos illetrados viria engrossar as fileiras do analfabetismo.

Vivemos, hoje, num contexto complexo e cheio de surpresas. A Educação não escapa a esta constatação. A luta contra o analfabetismo se coloca como fato urgente. Portanto, é imperativo tomar medidas para reverter esta tendência para o declínio, a estagnação e a erosão da qualidade de ensino. A consciência e o bom-senso exigem que se atue com dinamismo contra o que representa uma profunda injustiça e um desperdício de potencialidades humanas.

Pára mostrar que a tarefa de vencer o analfabetismo é árdua, mas não impossível, em 1986 a professora Neuza Canabarro, então Secretária de Educação e Cultura de Porto Alegre, implantou o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto. O sucesso do empreendimento no município encorajou a extensão do Projeto para o plano estadual na Administração Collares, que tem a consciência clara que é impossível se alcançar uma democracia efetiva, enquanto houver grande parte da população sem acesso à língua escrita.



Grande parte dos analfabetos vive nas ruas.

Projeto Nenhum Adulto Analfabeto

À medida que os anos passam é maior a desigualdade social. Grande parte da população entra na era da informática, enquanto outra parte significativa ainda não sabe ler nem escrever.

O analfabetismo é uma realidade social e a persistência dele está vinculada às condições de desenvolvimento histórico da sociedade. A possibilidade da população ter acesso à Educação continua submetida aos altos e baixos da economia e às necessidades ideológicas das classes dominantes.

Existe em nossa sociedade preconceito contra o analfabeto como elemento incapaz e responsável pelo escasso progresso do país. Eles, além de marginalizados, vêem-se impedidos — por não dominarem os códigos da escrita, as habilidades da leitura, da redação e das operações matemáticas — de ter acesso à vantagens econômicas, políticas e culturais que a sociedade oferece.

Ná luta contra o analfabetismo sabe-se, porém, que enquanto a escola primária não cumprir de forma efetiva sua missão de ensinar a ler e escrever e continuar a expulsar considerável número de crianças as quais não consegue alfabetizar, haverá uma reprodução do contingente de analfabetos no Estado.

O Estado do Rio Grande do Sul salienta-se entre os demais Estados do País com um bom índice de escolaridade, embora ainda possua um grande número de cidadãos não escolarizados. Como o sistema escolar tem dificuldades de revertir este quadro e, consequentemente, solucionar esta questão, o crescimento da rede escolar não comporta a demanda, como também não acompanha a mobilidade dos gaúchos, evidenciada pelo contingente expulso do campo para os centros urbanos.

Além destas dificuldades, o ensino no estado apresenta altas taxas de reaprovação e evasão.

Segundo O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Rio Grande do Sul, existem 618.268 gaúchos de 15 anos ou mais não alfabetizados. Destes 331.618 residem em zonas urbanas e 228.650 em zona rural.

Os analfabetos no Estado são, em sua grande maioria, subempregados com renda mensal incerta, donas-de-casa, adolescentes, ora para ingressar no mercado de trabalho ora evadidos por não terem sido atendidos dentro de sua necessidade e realidade.

O Projeto Nenhum Adulto Analfabeto traduz a necessidade de se tomar medidas efetivas para erradicação deste grande problema da Educação Brasileira: o analfabetismo. Esta foi a grande preocupação do Governador Alceu Collares e da Secretaria da Educação, Neuza Canabarro, ao elaborar o projeto que, sem gastar bilhões em campanhas publicitárias como fez o Movimento Assistencial Brasileiro (Mabral), na década de 70, propõe, com apoio da comunidade, reduzir o índice de analfabetos com mais de 15 anos no Estado.

Jovens, adultos e idosos não alfabetizados por questões pedagógicas ou que mesmo por preconceito não tiveram acesso à escola regular, são atendidos no Projeto Nenhum Adulto Analfabeto.

O Governo do Estado, que tem como meta prioritária a Educação, pretende colaborar para a forma-

ção de uma nova imagem do analfabeto, como homem capaz e produtivo, responsável por grande parte da riqueza da nação.

Resgatando atividades de alfabetização que, antigamente uniam gerações, como aquelas em que as mães e avós ensinavam filhos e netos a ler e escrever, o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto permite, a qualquer um, voluntariamente, ser agente de alfabetização de seu semelhante, estabelecendo um vínculo entre quem aprende e ensina.

Baseado em correntes pedagógicas inovadoras, trata-se de um método de alfabetização individualizada que permite superar os obstáculos do processo de aprendizagem. O estudante adulto é o principal agente da alfabetização, num processo constante, íntegro e crescente de conscientização crítica de si e do mundo exterior.

A sociedade gaúcha está aderindo amplamente ao Projeto. Fábricas, associações comunitárias, bancos, presídios, entidades religiosas, canteiros de obras, são, apenas, alguns dos locais que se tornaram "salas de aula" para alfabetização de adultos. O material instrucional do Projeto, consta de 10 livros, com os respectivos manuais do monitor, distribuídos, gratuitamente, na Secretaria da Educação, Delegacias de Ensino e diversos órgãos do Estado e particulares.



Os módulos são estudados em etapas

Partindo-se do princípio de que a alfabetização só é autêntica quando confere um sentido mais amplo e significativo para o alfabetizando, e abre uma estrada rumo à compreensão dos problemas da vida real, os textos e atividades dos livros do Projeto, buscam trabalhar com a realidade do aluno, encorajando-o a questionar sua participação na vida social e colaborando para a transformação e evolução da sociedade como um cidadão consciente, participativo e crítico.

A TV Educativa apresenta programas sobre o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto, visando tornar mais clara a proposta do material pedagógico. No final da alfabetização o alfabetizando recebe um certificado de participação.

Durante o período em que a secretaria Estadual da Educação, Neuza Canabarro, esteve na Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre, o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto atingiu 15 mil pessoas. Desde a época em que foi estendido ao âmbito de todo o Estado, em março de 1992, até o final desse ano o Projeto pretende alfabetizar cerca de 70% dos analfabetos adultos do Rio Grande do Sul.

O Governo do Estado cumpre, assim, através do Projeto Nenhum Adulto Analfabeto, sua posição assumida na Nova Carta Constitucional, garantindo en-

sino fundamental para todos aqueles que o buscam... independente de idade, e contribuindo para o resgate da cidadania, como convém a um verdadeiro regime democrático.

Aprender a ler e escrever não é um ato isolado, nem se resume à simples aquisição da capacidade de decodificar e codificar. A aprendizagem integra um projeto bem mais amplo, no qual intervêm o conhecimento, a reflexão e a ação.

Os temas abordados nos livros foram escolhidos de acordo com as necessidades da vida cotidiana de uma pessoa que vive no Rio Grande do Sul e é analfabeto, mostrando também aspectos da realidade do Estado.



O trabalho realizado pelo ...

Os volumes apresentam uma reorganização básica, divididos em unidades, estruturadas em torno de textos e atividades. A Matemática aparece em tópicos abordados no final de cada livro, relacionados com situações-problema do dia-a-dia das pessoas.

A preocupação com a formação do leitor fica bem evidente nos textos que abrem as unidades. Extraídos de materiais bastante significativos, como jornais, Constituição, livros de cartuns, entrevistas, poemas, letras de músicas, e alguns elaborados especialmente para o Projeto, estimulam as situações de escrita e leitura.

O estudo dos textos é um convite ao diálogo, à problematização, ao questionamento, relacionando o assunto às vivências pessoais e coletivas do analfabeto, como reforço a sua disposição de aprender o código da leitura e da escrita.

As atividades propõem experiências variadas com a palavra, a frase, o texto, contemplando a alfabetização como um todo.

Cada um de nós tem seu papel na construção de uma sociedade alfabetizada. Ajudar um semelhante a adquirir o conjunto de conhecimentos necessários ao melhoramento das condições de vida e de trabalho, torna-se um compromisso de toda a comunidade.



... monitor é importantíssimo

Qualquer pessoa, mesmo sem experiência, pode ensinar um analfabeto a ler e escrever no Projeto Nenhum Adulto Analfabeto. Através do trabalho voluntário de monitores, muitos jovens, adultos e idosos de todo o Estado estão tendo o primeiro contato com as letras. Há um forte componente afetivo no processo de alfabetização, pois o monitor não é um estranho ao aluno. Pode ser um amigo, um colega, um parente, enfim, qualquer pessoa que conheça um analfabeto, se interesse por ele e queira ajudá-lo a aprender a ler e escrever. O estudo acontece em casa, ou qualquer outro lugar de escolha do alfabetizador e alfabetizado.

O monitor recebe apoio pedagógico, gratuitamente, da Secretaria de Educação. Junto com os livros de alfabetização, o monitor recebe o Manual do Monitor que contém orientações sobre a utilização adequada do material.

Através de uma linguagem simples que convida à participação, o manual propõe uma postura dialógica estimuladora para obter do monitor interesse e responsabilidade no processo de alfabetização.

Os textos, em evidência nos livros, levam ao diálogo, à socialização das informações, através da conversa espontânea entre o alfabetizador e alfabetizado, estimulando a circulação de idéias e um melhor conhecimento entre eles.

Ao retirar o material instrucional, o monitor recebe uma ficha e, periodicamente, envia à Secretaria informações sobre o progresso da alfabetização. No final do processo, o monitor recebe um certificado de participação no Projeto Nenhum Adulto Analfabeto.



Presidiárias, moradoras de vilas, operários estudam em horários especiais



Na luta contra o analfabetismo

Alfabetização de operários da Fábrica Filler, em Santa Cruz do Sul. Detentos aprendendo a ler, escrever em presídios. Alunas de 5º série ensinando pais, avós e vizinhos. Clubes de Mães formando grupos de estudo para alfabetização da comunidade. Terreiros de Umbanda e Casas de Nação transformadas em salas de aula. Estes são apenas alguns exemplos concretos de que a alfabetização de adultos, deixou de ser um sonho e tornou-se realidade no Rio Grande do Sul.

Reconhecendo que a escola tradicional não seria possível, em função da carga horária de trabalho dos funcionários, Gerson Künzel, diretor industrial da Filler, em Santa Cruz do Sul, resolveu montar uma escola nas dependências da empresa. Com o objetivo de qualificar o funcionário, adaptando-o à realidade de 180 alunos estão estudando na fábrica, no intervalo das atividades.

A escola é legalizada, mantida pela empresa e pelo salário-educação de cada funcionário. "Com a escola ganham os funcionários e a empresa, pois a qualidade de vida do operário influí no produto final". O empreendimento tem dado tão certo que a Universidade de Santa Cruz do Sul está estudando a possibilidade de estender para a fábrica, as aulas práticas de curso de especialização.

Foi através de um programa da TVE que, Luis Nabor Silva Figueira, conheceu o projeto de alfabetização de adultos do Governo do Estado. Como voluntário, está ensinando a ler e escrever 16 alunos da Vila Ipiranga, em Porto Alegre, desde fevereiro deste ano. O Clube de Mães cedeu a sala, onde estão sendo realizadas as aulas, três dias por semana. "Quan-

do se ajuda alguém, pratica-se o bem, é que nos tornamos pessoas felizes. Eu estou feliz por realizar este trabalho, que é um sonho de criança".

As casas de religiões africanas também entraram na luta contra o analfabetismo. A Casa da Mãe Dorsa, em Porto Alegre, atende 8 alunos, desde maio. Segundo a professora Vera Lúcia Lucas da Silva, para ser alfabetizado na Casa da Mãe Dorsa não é necessário ser da religião. "Qualquer pessoa pode participar, pois a intenção é ajudar aqueles que não tiveram acesso à escola regular".

Inicialmente as aulas de alfabetização no Presídio Dona Cariota, em Santa Cruz do Sul, eram ministradas por professores de fora. Hoje, o detento, Leônidas César dos Santos, formado em Matemática e convidado pelo diretor do presídio, está proporcionando aulas de alfabetização a 29 presos. Quatro dias por semana os detentos tornam-se estudantes, aprendem a ler e escrever e recebem, também, noções de Língua Inglesa. Segundo o preso, Ricardo Frantz, as aulas ocupam de forma positiva o tempo dos presidiários. "Este é um grande benefício para aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, estão aprendendo na cadeia".

Exemplos como estes, estão se tornando cada vez mais comuns na sociedade gaúcha. Os resultados da guerra contra o analfabetismo, estão ai em fábricas, presídios, associações comunitárias e muitos outros que estão aderindo a esta luta que abrange todo o Rio Grande do Sul.

* Estagiária Jornalismo
7º semestre - UNISINOS

Analfabeto x monitor

Adriana Silva



Todos os sábados D. Rosa Barbosa, 84 anos, tem um compromisso ao qual não gosta de faltar. Ela participa de um grupo de idosos que estão tendo o primeiro contato com as letras e números. Vencendo todas as dificuldades que a idade possa causar, ela tem um único objetivo: aprender a ler e escrever.

Quem possibilita esta oportunidade à D. Rosa é D. Elmira Borges Mota, 76 anos, monitora do Projeto Nenhum Adulto Analfabeto.

A Revista do Ensino participou de uma aula de alfabetização e trouxe até os leitores um pouco da vida destas duas senhoras que lutam juntas, mas em lados opostos, por um mesmo ideal: a alfabetização.

R. E. — Por que a senhora não frequentou uma escola quando era criança?

D. Rosa — Meus pais não queriam que eu aprendesse pois não era preciso para a mulher, não fazia falta. Todos os meus irmãos aprenderam. Uma vez um de meus irmãos tentou me ensinar escondido, mas minha mãe descobriu e proibiu. Meu pai dizia que eu só queria aprender para escrever bilhetes para o namorado.

R. E. — Como ficou saudando das aulas de alfabetização?

D. Rosa — Foi através do Clube dos Idosos do Postão do IAPI. Eu faço parte do grupo de idosos que assinavam com o dedo e a professora Belmira começou a alfabetizar. Sempre tive vontade de aprender a ler e escrever. Assim me despertou a vontade de estudar, aprender. Chega no sábado estou ansiosa pela aula, contente por ir estudar. Estou gostando muito.



A sala de estar de D. Elmira se transforma em sala de aula

R. E. — Qual a reação de sua família ao contar que iria ser alfabetizada?

D. Rosa — Minha filha com a qual, eu moro, ficou muito contente quando eu contei que ia aprender. Ela me estimula muito a aprender, estudar. Os netos ficam me ajudando ensinando.

R. E. — Há quanto tempo está frequentando as aulas de alfabetização?

D. Rosa — Faz pouco tempo que eu estou aprendendo. Eu fui a muitas aulas pois tenho uma curha da doente, e outras ocupações com minha filha que só pode sair comigo no sábado.

R. E. — O que a sra. já aprendeu nas aulas?

D. Rosa — Apesar das poucas aulas que fui, já estou escrevendo meu nome, assinando. Tem amigas minhas que vieram para a aula e não sabiam nada, hoje já estão lendo e escrevendo, faceiros, contentes.

R. E. — Quais as maiores dificuldades que a senhora vivenciou como analfabeto?

D. Rosa — Quando eu ia sair tinha de tomar ônibus, levava es-

rito num papel o nome e pedia para uma pessoa me dizer qual era. Depois de certa idade eu dizia que não enxergava direito para verem para mim. Eu tinha vergonha.

Quando eu recebia uma carta, outra pessoa tinha de ler para mim, então, antes de eu saber o que estava escrito na carta, outra pessoa já estava sabendo. Eu dependia muito dos outros.

R. E. — Na sua vida a senhora deve ter vivido muitas situações desagradáveis por não saber ler e escrever. Conte uma que tenha lhe marcado.

D. Rosa — Quando eu era jovem, eu ia muito ao banco para meu marido que era garçom. No banco outras pessoas tinham que preencher os papéis para mim e eu tinha que assinar com o dedo. Eu ficava muito envergonhada, era muito difícil para mim. Eu dizia para meu marido ir, mas ele não podia, pois tinha de atender o pessoal da lavoura.

R. E. — A alfabetização vai possibilitar muitas mudanças em sua vida. O que a senhora mais almeja ao ser alfabetizada?

D. Rosa — Eu ainda tenho ex-

perança de caminhar sozinha, conhecer as ruas que eu não conheço, saber o nome delas. Sabeendo ler eu posso fazer as minhas compras sozinha. Sem saber é chato. A D. Elmira é que sala comigo, eu incomodava ela.

Eu admiro muito a D. Elmira pelo trabalho que ela está fazendo. Agora estou aprendendo a não precisar mais dos outros. Quando eu receber uma carta não vou mais precisar ocupar outra pessoa, e quando quiser escrever uma em mim mesma vou fazer. Se Deus quiser, eu tenho esperança.

Monitora

R. E. — Como iniciou o trabalho de alfabetização?

D. Elmira — A alfabetização é um trabalho realizado por mim há tantos anos que se tornou minha Alfabetização um aluno, começo outro. Todos os meus filhos foram alfabetizados por mim. Quando havia alguém em dificuldade na escola eu dava aulas. A alfabetização é muito gratificante. Toda a minha vida fo assim e eu adoro.

R. E. — Há quanto tempo está alfabetizando idosas?

D. Elmira — Comecei com a alfabetização de idosas quando entrei para o Clube das Idosas do Posto do IAPI. Fiquei com pena de muitas velhinhas que a assinatura era com o dedo. Propus à assistente social realizarmos aulas de alfabetização. Me ofereci para trabalhar aos sábados, voluntariamente, sem gratificação. Realizei este trabalho porque gosto, quero ver as pessoas felizes. Hoje tenho seis alunas idosas sendo alfabetizadas por mim.

R. E. — A partir de quando começou a utilizar o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto?

D. Elmira — Quando iniciei a alfabetização de idosas ouvi falar que a D. Neuza Canabarro tinha lançado modelo de cartilha novo. O método que eu usava era muito antigo, portanto fiquei entusiasmada com o Projeto Nenhum Adulto Analfabeto, que foi uma maneira de me atualizar. As alunas adoraram as cartilhas e, principalmente, os jogos educativos.

R. E. — Onde são realizadas as aulas e qual o horário?

D. Elmira — As aulas são em minha casa, aos sábados, das 14 às 16 horas pois nos outros dias realizo trabalhos voluntários em outros locais.

R. E. — A alfabetização de idosas é muito diferente de adultos e jovens? Há maior dificuldade?

D. Elmira — O atendimento é individualizado com muito amor, carinho, prazer. Não há maior dificuldade, pois as idosas têm mais vontade de aprender.

Tem o caso de uma aluna que sua mão não possuía mais o mesmo movimento de antes. Na primeira aula ela começou a fazer o "quadrado", com a mão trêmula. Hoje, ela já assina o nome de si. É progressivamente, muito amor e carinho.

R. E. — Normalmente quanto tempo é necessário para a alfabetização?

D. Elmira — Na quinta aula, normalmente, já estão escrevendo seu nome, endereço, cidade, enfim, as coisas fundamentais e que realmente interessam. Eu exijo que elas leiam e escrevam bastante em casa.

R. E. — Convivendo com as idosas analfabetas a senhora conhece as dificuldades enfrentadas por elas em seu dia-a-dia. Quais as situações mais comuns de constrangimento, que elas lhe contam?

D. Elmira — Os netos falam: Ah, vó tu não sabes ler? Elas ficam envergonhadas, humilhadas, pois o avô passa a ideia de ser o cabeça da família, de ter experiência.

Quando tem de tomar um ônibus precisam de indicação de outras pessoas, sentem-se constrangidas.

Ao assinar com o dedo, vivem situações muito desagradáveis.

R. E. — Conte algum momento que tenha marcado sua vida de alfabetizadora.

D. Elmira — No Dia Internacional de Alfabetização a Secretaria da Educação, Neuza Canabarro, esteve visitando a minha aula de alfabetização e uma de minhas alunas, D. Rosa, através de palavras que dei a elas para formarem frases, escreveu "Meu pé de laranja lima está velho".

A secretaria achou muito engraçado e foi muito divertido. As idosas gostam de receber visitas. Ficam felizes por mostrarem que estão aprendendo a ler e escrever.

R. E. — Vivendo em uma sociedade em que as pessoas estão cada vez mais individualistas, como é se prestar a uma tarefa tão grandiosa de alfabetização de idosas?

D. Elmira — Acho importante o idoso sentir a idade que tem não como um velho, nem como doente, mas sempre se atualizando, aprendendo coisas novas. Por isso estou sempre realizando trabalhos voluntários e incentivando minhas colegas a fazerem o mesmo, para não sentirmos a idade chegar.

Eu me envolvo profundamente em tudo que faço. Sinto prazer, satisfação de ver as idosas felizes, entusiasmadas ao aprenderem a ler e escrever. Esta é a minha maior gratificação. Eu adoro o que faço. Foco por amor às pessoas.

Estagiária Jornalismo
7º semestre — UNISINOS





Colônia de Sacramento

Decio Freitas

No ano de 1626, o território que então se chamava Rio Grande de São Pedro e hoje constitui o Rio Grande do Sul emergiu subitamente da pré-história para entrar na história.

Desde tempos remotos havia homens nesse território, mas sua existência anterior a 1626 é desconhecida, ou seja, pertence ao obscuro domínio da pré-história. Não dispomos senão de algumas indicações, mais ou menos vagas, da Antropologia, da Etnografia e da Linguística, fontes de restrito valor para a história.

O ingresso do território na história ocorreu quando naquele ano o jesuíta Roque González de Santa Cruz, nascido de espanhóis na cidade de Assunção, 56 anos antes, atravessou o rio Uruguai para fundar, na sua margem oriental, reduções de índios Guaranis.

Marchando audazmente pelas selvas e pelos campos habitados por índios arredios, o padre chegou a um lugar situado entre os rios Ijuí e Piratini. A 3 de maio de 1626, estabeleceu ali o primeiro núcleo estável de povoamento de território que havia de ser o Rio Grande do Sul — a redução de São Nicolau de Piratini, composta de 280 famílias rapidamente catequizadas. Como de hábito sempre que se fundava uma redução, o padre ergueu uma cruz e tomou posse da terra, "em nome de Deus e do rei Felipe Nossa Senhor". Passado menos de um ano, São Nicolau abrigava 2500 almas, uma igreja, casas, lavouras, criações e oficinas artesanais.

O padre Roque González de Santa Cruz chegara sozinho e sozinho fundaria a redução "meramente com as armas do evangelho nas mãos e na boca", segundo disse em carta a seus sucessores. Já realizara antes a mesma extraordinária façanha: em 1615, em Itapuã, no atual Paraguai, e em 1619, em Conceição, na atual Argentina.

Nos anos seguintes, entre 1626 e 1637, outros padres da Companhia de Jesus fundaram mais quinze reduções no atual território sul-rio-grandense.

À margem oriental do rio Uruguai, afora São Nicolau, fundaram as seguintes reduções: Assunção (1628), nas selvas ao norte do rio Ijuí Grande; Todos os Santos do Caaró, ou Mártires (1628), nas proximidades da anterior; São Carlos do Caapi (1613) a norte de Ijuí Grande, nas fraldas da serra; Santos Apóstolos de São Pedro e São Paulo (1613), entre os rios Ijuí Grande e Mirim, nas pontas da coxilha que divide as águas desses rios.

Na região do Alto Ibicuí, floresceram quatro reduções: São Tomé (1632), à margem direita do rio Jaguari, afluente do Ibicuí, proximidades da futura vila de São Martinho; São José (1632), à margem direita do Ibicuí, entre os rios Toropé e Jaquaiti; São Cosme e São Damião (1634), à margem direita do Ibicuí, nas pontas das serras de São Martinho.

A seguir, penetrando na bacia do rio Jacuí — porta que permitiu ligar o rio Uruguai ao litoral — ergiram outras seis reduções: Santa Teresa (1632), nas pontas do Rio Passo Fundo, antigo Uruguai-Mirim; Santana (1633), na bacia oriental do rio

Jacuí pelas alturas do Vacacaizinho; São Joaquim (1633), na serra do Botucural, nas portas do rio Pardo; Natividade (1633), à margem direita do Jacuí; Jesus Maria (1633), à margem direita do rio Pardo e acima da foz do rio Pardinho; São Cristóvão (1634), igualmente à margem do Rio Pardo.

Tudo no espaço de apenas onze anos. Na altura de 1636, quando passaram a sofrer as arremetidas dos bandeirantes caçadores de escravos, essas reduções congregavam uma população total de mais de 40 mil almas. Formavam comunidades prósperas e pacíficas, dedicadas à produção agrícola, pastoril, extrativista e a artesanal. Em quase todas floresciam a escultura, a pintura, a música, a decoração, a arquitetura. Os índios se alfabetizavam rapidamente na sua própria língua.

No todo, essa original civilização duraria nada menos de 170 anos, deixando raízes duradouras na formação social do Rio Grande do Sul.

Sofrendo enormes agruras, fome, doenças e, amiúde, ganhando a coroa do martírio, os padres palmilharam exaustivamente todo o território que ficava entre o rio Uruguai e o oceano Atlântico. Graças a isso, o território rio-grandense deixou de figurar nas cartas geográficas como "terra incógnita". Aos colonizadores jesuítas se deve o conhecimento da geografia, da zoologia e da botânica do território. Em ânuas, crônicas, livros, dicionários e outros escritos, transmitiram informações inapreciáveis sobre as raças, as línguas e os costumes dos aborígenes. Introduziram e propagaram o gado vacum, cavalar e ovino — ba-

se futura da economia riograndense, e, mais que isso, desenvolveram junto com os índios a técnica de pastoreio que havia de ser adotada depois pelos portugueses e seus descendentes. A própria invocação de Rio Grande de São Pedro, que o território teve até a Proclamação da República, foi dada pelos colonizadores jesuítas. Indubitável, portanto, que a colonização jesuítica assinala o princípio da história do Rio Grande do Sul.

Os manuais didáticos fixam erroneamente como tempo inicial da história sul-riograndense o ano de 1737, quando o brigadeiro português José da Silva Pais desembarcou de onde hoje é a cidade de Rio Grande para ali fundar um estabelecimento militar. Noutras palavras, a história gaúcha teria começado com o processo de conquista e incorporação do território ao império colonial português.

Trata-se, portanto, de uma periodização inspirada em interesses históricos vinculados ao colonialismo português, ou seja, uma periodização que nada tem a ver com a ciência histórica.

Os manuais omitem a colonização jesuítica porque aquele tempo a ocupação e o povoamento produziam "uti posseditis". O objetivo consiste, pois, em desconhecer uma posse anterior dos rivais castelhanos, personifi-

cados nos padres jesuítas. Mas é inadmissível que os historiadores efetuem periodizações baseadas numa querela histórica que noutras tempos teve sua importância, mas hoje se configura apenas como um bizantinismo. Basta ver o processo da conquista lusitana que apenas teve início dois séculos e meio depois da descoberta do Brasil e um século depois da colonização jesuítica.

Não se pode tão pouco dizer, como fazem os apologistas do colonialismo lusitano, que já antes do aparecimento dos jesuítas alguns aventureiros portugueses, singrando as águas da Lagoa dos Patos, haviam mercadejado com os indígenas no estuário do Guaíba. Pois a verdade é que esse escambo, de resto muito mal conhecido, não produziu consequências históricas, como não o produziram, por exemplo, as navegações dos vikings antes dos portugueses e dos espanhóis. Tanto mais que depois de iniciada a colonização jesuítica, e pelo espaço de mais de um século, os portugueses visitaram o território apenas para a prática de uma economia predatória — primeiro a raça e escravização dos índios, e, depois, até bem passada a metade do século XVIII, a pilhagem, o saque e o contrabando, ou seja, nenhuma atividade produtiva que caracterizasse um processo civilizatório. De

resto, o Visconde de São Lenpolo, autor da primeira história do Rio Grande do Sul e que, na verdade, constitui ainda a base de toda a historiografia oficial gaúcha, admitiu o fato ao escrever que durante aquele dilatado período os portugueses se limitaram a "transitar o território".

As missões situadas no território gaúcho fizeram parte de um sistema econômico-social que abrangeu extensas regiões hoje integradas na Argentina, no Brasil e no Paraguai. Convencionou-se chamá-lo República Guarani, mas, na verdade, não existiu um Estado Missionário no sentido moderno da palavra. Durante muito tempo essas comunidades se denominaram "reduções", do fato de que nelas os índios eram "reduzidos" à fé e à civilização. Generalizaram-se depois o termo "missões" e o gênero "missionários".

A complexa e original experiência das missões não comporta simplificações ou extrações históricas. Sua criação obedeceu à conjugação de múltiplos interesses sociais e políticos, diversificados segundo os agentes históricos que intervieram no processo — a coroa espanhola, a Companhia de Jesus, os índios Guaranis. Os interesses não eram os mesmos; mas havia uma coincidência que tornou possível a experiência. A

Colônia de Sacramento

A "História Topográfica e Bética da Nova Colônia do Sacramento do Rio da Prata", manuscrito de 1737 de Simão Pereira de Sá, é o primeiro livro que descreve a épopeia da Colônia do Sacramento, fundada em 1680, em frente a Buenos Aires, pela colônia portuguesa. No primeiro dia do ano de 1869, o então governador do Rio de Janeiro, Dom Manoel Lobo, fundando Colônia materializava a teoria geográfica portuguesa sobre a extensão de seus domínios na América do Sul, reivindicando o Amazonas e o Prata como os limites naturais entre os reinos de Portugal e Espanha. Este lance de audácia seria, pelos restes potências daquele tempo. A extraordinária história da Colônia de Sacramento somente findaria em 1777, com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso quando a posse portuguesa nas margens orientais do Prata foi trocada pela posse das Missões Jesuíticas, dando feições definitivas às fronteiras do Rio Grande do Sul.

Socialismo Missionário

Contribuição da Mulher Negra

* Maria Ivete Nunes Ennes

Quando se vive num país de sistema capitalista e machista, a exploração do ser é uma constante. Mas, quando este ser é mulher é uma realidade que dói, principalmente se ela tem o estigma da cor negra esta situação torna-se mais difícil, porque além de ser inferiorizada ainda se nega a esta mulher o reconhecimento de sua contribuição à sociedade.

Nega-se sua capacidade de integração e realização a tal ponto que esta ideia de "marginalização" foi introyetada em nossos irmãos que assumiram um "discurso ressentido" não apresentando nada de concreto e objetivo, que pudesse alterar esta imagem negativa. É por isso que hoje os descendentes dos descendentes, que já possuem uma consciência da identidade negra, desejam que se fale, se explique, se reavalie toda a participação desta mulher em nossa sociedade.

No passado, essa contribuição foi ativa, mas silenciosa. Ativa na medida em que participava dos mais diferentes segmentos da sociedade, como agricultora, dirigente de migrações, guerreira escrava de aluguel e de ganho e porque não dizer até como educadoras, de maneira informal e pela oralidade. Silenciosa porque nada do que ela fez foi registrado, nada lhe foi creditado. Apenas pequenos fragmentos da História falam desta mulher, como se fosse acaso sua presença, engano sua ação, erro sua citação.

Mas hoje clamamos por um espaço, justiça social e exercício da cidadania que nos tornará úteis à sociedade na qual estamos inseridos.

Desejamos retomar a jornada de tantos séculos, voltando a desempenhar papéis como mulher, mãe e profissional.

Mulher atuante, com a grandeza de uma postura firme na defesa dos interesses e direitos dos seus dependentes e de todos os pobres e despossuídos.

Mãe, responsável e preocupada em garantir a segurança e tranquilidade da realização pessoal de seus filhos.

Profissional competente que, com sua ação dinâmica, crítica e consciente, dá uma nova dignidade à sua contribuição e participação.

Queremos nos integrar e participar de todos os projetos que possam beneficiar este po-

bre e sofrido povo brasileiro e, finalmente, mostrar o que somos capazes de realizar por este país, desde que nos sejam dadas oportunidades.

Abri/1992

TU VIVERÁS

Este poema tenta ser uma **HOMENAGEM à grande e sábia MESTRA** de todos nós **MARIA IVETE ENNES** por haver defendido com **AMOR e vida**, nesta **SECRETARIA** e fora dela, a **causa do negro**, neste Estado e neste País.

"Los que mueren con honra, son los vivos.
Los que viven sin honor, son los muertos."



Muito mais do que **FÉ** fosse **SÍMBOLO**,
Muito mais do que **VERSO, CANÇÃO**,
Muito mais que **SAUDADE, TERNURA**,
Muito mais do que **VOZ, CORAÇÃO**.

É por isto que estás dentro **d'alma**
É por isto que **Tu viverás**
Como a **fé** que ilumina e acalma,
É por isto que luz **Tu serás**.

Viverás junto ao **negro** querido,
Viverás para **sempre** entre nós,
Viverás como o **sonho vivido**,
Para **sempre**, entre nós, **VIVERÁS!**

Dos Campos às Senzalas

Solimar O. Lima

A existência de negros cativos em território sulino remonta à sua ocupação e povoamento. Diversos autores já demonstraram, baseados em fontes, a sua presença na formação do Rio Grande do Sul e sua utilização como mão-de-obra nas diversas atividades econômicas que na região se desenvolveram.

Destacamos três fases do processo de introdução de escravos na constituição do escravismo gaúcho. Tomamos como base, um dos maiores e sistemáticos levantamentos realizados sobre a formação da sociedade escravocrata gaúcha. Trata-se do estudo *O escravo no Rio Grande do Sul – A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*, de Maestri Filho (1984), um especialista no tema.

A primeira fase diz respeito à ocupação do Sul pela Coroa portuguesa, no último quartel do século XVII. Coube ao então governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo, a função de assegurar, inicialmente, os interesses lusitanos na região platina. Segundo Maestri Filho (1984:38), os interesses não resultavam somente da estratégia expansionista colonial portuguesa, por novos domínios e terras.

O que efetivamente movia a missão do "bravo súdito" era disputar com os espanhóis o lucrativo comércio clandestino, o contrabando, largamente desenvolvido na região. "Com o maior desplante, com armas e bagagens, chegam os portugueses e se plantam em frente de Buenos Aires, no outro lado do rio da Prata. Abrem seus caixotes, apresentam suas mercadorias, entre elas negros e escravos. É a Colônia do Sacramento" (Maestri Filho, 1984:38). Era o dia 20 de janeiro de 1680.

A expedição de D. Manuel Lobo trazia, portanto, escravos. Rego Monteiro apud Maestri Filho (1984:41), nos informa da presença de "60 negros, sendo 18 escravos de D. Manuel Lobo". Entretanto, apenas três cativos permanecem na Colônia. Os demais foram capturados e vendidos pelos espanhóis em Buenos Aires, como presos de guerra. O processo de ocupação do sul pelos portugueses, foi marcado por lutas pela posse das terras contra os ameríndios, entre as Coroas lusitana e espanhola. 1

Apesar da presença de cativos, a povoação do Sacramento não se caracterizou como polo de fixação desta mão-de-obra. Não só devido as investidas das tropas espanholas, mas porque Sacramento constituiu-se como mercado distribuidor de mercadorias. Como tal, o comércio da "mercadoria escravo" não estava excluído. 2

Obviamente, os negros foram também empregados em diversas atividades. Especialmente naquelas que garantiam a sobrevivência do núcleo populacional. Há referências a escravos, lavradores e condutores de carretas. 3 "Servindo, fundamentalmente, como "mercadorias", ocupados nos mais diversos trabalhos, o escravo será um dos pilares da vida desta região. Servirá, até mesmo, circunstancialmente, como soldado. Como era praxe no mundo colonial, os senhores não titubeavam em prometer a liberdade e armá-los quando suas vidas e suas propriedades se encontravam em perigo." (Maestri Filho, 1984:42)

Do ponto de vista econômico, podemos considerar que essa fase não contribuiu, objetiva-

mente, para a absorção da mão-de-obra cativa. Durante anos, antes e mesmo depois da Colônia do Sacramento, as atividades produtivas prescindiam do trabalho escravo. A "courama" e a "tropeada", utilizaram o trabalho livre como o principal.

A "courama" foi de fato a primeira atividade produtiva da região. Constituía-se da caça ao couro, ao sebo e graxa do gado. "A sua rentabilidade baseava-se na exploração predatória do gado reproduzido a partir das ótimas condições naturais de produção (campos vastíssimos que se adaptavam otimamente à proliferação natural dos rebanhos), não era proveniente da extração do sobretrabalho do produtor direto. Extração que [...] nos quadros coloniais lusitano significava trabalho escravo". (Maestri Filho, 1984:31)

A "tropeada" consistia no transporte de animais, especialmente gado e cavalo, demandados pelo mercado paulista. "A presença do escravo negro na tropeada não era, impossível, em forma acessória. O esforço produtivo estava, entretanto, nitidamente assentado sobre o trabalho livre. O escravo pode, porém, aparecer na tropeada como "parte" desta última. Nestes casos, trata-se de escravos comprados em Sacramento e trazidos, legal ou ilegalmente, junto com os animais" (Maestri Filho, 1984:45).

Maestri Filho aponta como trabalhadores na "courama" o espanhol pobre, o mestigo e o frígio aculturado (p. 32), na "tropeada", "frequentemente, um castelhano" (p. 44). Essa situação permanece praticamente inalterada, até a primeira metade do século XVIII. Neste período começa a definir-se o perfil da

sociedade sul-riograndense. Com a chegada de João de Magalhães e o início "oficial" do povoamento, em 1725, processava-se a fase de fixação do homem à terra.⁴

A constituição de núcleos produtores com base na agricultura e pecuária, possibilitou a utilização efetiva do trabalho escravo. Entretanto, sua participação foi restrita e variou conforme regiões e épocas, não chegando a caracterizar-se como predominante. Por conseguinte, não se tratavam ainda de atividades produtivas baseadas na exploração do trabalho feitorizado.

A agricultura pouco contribuiu para a absorção da mão-de-obra cativa e desenvolvimento da economia escravista sulina. Dos produtos cultivados apenas o trigo pode ser destacado. Para Fernando H. Cardoso (1991) as lavouras de trigo, foram as responsáveis pelo período de prosperidade da agricultura riograndense no último quartel do século XVIII e início do XIX. A exportação do produto para o Rio de Janeiro chegou a crescer de 8.040 alqueires em 1793, para 200.859 alqueires em 1808. Segundo o autor, os núcleos produtores de trigo foram os que mais concentraram escravaria, no período. (p. 56-58)

O mesmo autor chama atenção para as condições de produção do produto.⁵ Tinha como base social a família açoriane e pouca utilização de terras. Tecnicamente precária e economicamente pouco competitiva. Não possibilitava portanto, uma concentração de riquezas nos moldes de outros produtos coloniais. "Não obstante, sempre que a exportação de trigo permitia lucros, havia tendência para crescer os campos e utilizar mão-de-obra escrava." (p. 59)

Maestri Filho (1984) resume desta forma a participação de escravos nas plantações gaúchas. "A utilização do escravo na agricultura gaúcha não cria, no entanto, as bases para uma planta-

ção escravista. Os produtos plantados no sul, cevada, milho, batatas, feijão, trigo, etc., definitivamente, não se adaptavam à grande plantação escravista. A baixa rentabilidade permitia aos agricultores mais felizes comprar, com muita economia, um ou mais escravos, mas era só." (p. 49).

Na atividade pastoral, Cardoso (1991:68-69), baseando-se no diário do naturalista francês Saint-Hilaire, indica a presença do escravo nas fazendas de criação, especialmente nas "zonas de povoamento antigo". Nestas áreas, segundo o autor, o aproveitamento regular do negro, deu-se quando "a criação se transformou em faina rotineira", contrapondo-se ao período da "courama". Nas áreas de povoamento a partir do final do século XVIII e início do XIX, a ocupação do escravo deu-se de forma "mais ocasional que rotineira".

O autor ressalta como exceção "as zonas missionárias" e fronteiriças (Uruguai e Argentina). Inicialmente desenvolveu-se "uma espécie de escravidão dissimulada" da população indígena. A partir do segundo quartel do século XIX, passaram a incorporar o trabalho indígena através do assalariamento.⁴ "No conjunto pode-se, pois, afirmar que, sem ter sido exclusiva ou predominante e variando de importância relativa conforme as diversas áreas e períodos da economia de criação, houve a utilização de escravo negro na vida pastoral gaúcha desde quando a estância substituiu os currais". (Cardoso, 1991:69)

Décio Freitas apud Maestri Filho (1984:52-53) dá-nos a explicação sobre a pouca utilização dos escravos nas lides campeiras. "[...] a mercadoria- boli era obtida através de um processo de produção quase exclusivamente natural, exigindo, em consequência, apenas, um mínimo de trabalho social, daí que não se extraísse trabalho excedente do peão, não havendo trabalho ex-

cedente a extrair, seria absurdo incorporar o escravo ao sistema produtivo [...] Não afirmo a inexistência de escravos nas estâncias. Admito, ao contrário, que em muitas havia muitos escravos, do mesmo modo que em muitas estâncias os escravos eram poucos ou nenhuns."

A vida dos negros escravizados nos campos de criação era "relativamente agradável". Não devido ao mito da democracia e do paternalismo humanitário dos senhores. Mas sim, devido às próprias condições de produção. A criação extensiva possibilitava um controle menos rígido da mão-de-obra escrava. Poderíamos afirmar que, salvo engano, desenvolveu-se outras formas de controle, que não, necessariamente, o chicote e o tronco.⁶

Com a introdução da indústria charqueadora, os negros passaram, efetivamente, a conviver com a disciplina e o rigor do trabalho feitorizado. Passaram a viver em senzalas sumidas e a trabalhar em um ambiente "tétrico, fétido e petífero".⁷ A principal atividade das charqueadas era a produção de carne salgada. A matéria-prima, o gado. A finalidade comercial, a exportação.

Charquear e exportar, eram atividades conhecidas na região platina desde o início do século XVII. Há notícias de exportação de carne salgada de Buenos Aires em 1603. Da Colônia do Sacramento, em 1702. Existem referências à charqueadas no Rio Grande do Sul, antes mesmo de sua fundação oficial.⁸

As descrições sobre as primeiras charqueadas, apresentam-nas como uma atividade artesanal e sem instalações especiais. "O trabalhador, índio escravo ou peão, possivelmente, desempenhava sucessivamente, e com sofrível perfeição, quase todos os atos do processo produtivo." (Maestri Filho, 1984:57) A produtividade era pequena, assim como também era pequeno

o consumo e exportação. 9

Entretanto, a partir de 1780 processa-se uma verdadeira revolução no processo produtivo nas charqueadas gaúchas, com a "introdução da técnica de charquear como ato industrial". A façanha é atribuída ao "primeiro grande charqueador nas regiões do arroio Pelotas", o lusitano José Pinto Martins. A produção industrial permitiu, dentre outros avanços, um maior aproveitamento da matéria-prima. Do boi, extraia-se não só a carne, mas "o couro, o sebo, a graxa, o cabelo, a cinza, etc." 10

"A produção saladeril, a nível industrial, colocava o problema do transporte dos animais até as charqueadas e dos produtos até os mercados consumidores. As charqueadas fixam-se, então, ao longo da Lagoas dos Patos e Mirim, aproveitando o transporte fluvial, único condizente, na época com a locomoção sistemática de grandes cargas, a saída ao mar era feita, exclusivamente, pelo porto de Rio Grande". Maestri Filho, (1984:59)

Dentre os diversos pólos produtores de charque sulino, o pelotense foi o mais importante. Nele, concentrou-se o maior número de charqueadas. Situado ao norte do canal São Gonçalo e às margens direita do arroio Pelotas. Chegou a ser constituído de 30 estabelecimentos contíguos 11

As condições de vida e trabalho na indústria charqueadora afastava qualquer possibilidade de utilização do homem livre, na produção. A charqueada assentava-se na exploração do trabalho excedente. As extenuantes jornadas e a intensidade da produção faziam com que, nos quadros da economia colonial, o escravo fosse a "única solução para obter-se trabalhador". 12

O espaço charqueador chegava a ser "macabro". "Os vapores emanados das águas e detritos parados, dissipavam pelos ares os cheiros nauseabundos

dos sangues putrefatos, dos excrementos apodrecidos, das visceras decompostas pelo forte calor do sol, nos dias de safra. E as nuvens de fumaça, que saíam das fornalhas exalavam o cheiro das gorduras fervidas e dos ossos carbonizados. Os urros dos animais abatidos e esfolados vivos e o som do ritmo do trabalho imposto pelos feitores nos escravos terminavam por compor o tétrico meio ambiente da produção charqueadora pelotense" (Gutiérrez, 1993:230)

Durante os primeiros vinte anos da chegada de Pinto Martins no arroio Pelotas, a indústria saladeril consolidou-se como a principal atividade econômica da província. Transformando-se em um dos maiores centros escravistas da sociedade colonial brasileira. Com Pinto Martins, encontravam-se cerca de 34 negros "20 escravos distribuídos, segundo sua atividade, em campeiros, carneadores, salgadores, sebeiros, graxeiros e mais 14 com ofícios fora da área de charqueada" (Maestri Filho, 1984:75)

O desenvolvimento da indústria pelotense possibilitou a integração das unidades produtivas com setores complementares e alternativos, como a estância, construção civil e olarias. As duas últimas atividades praticadas em períodos de entressafra. 13 A consequência deste processo foi uma maior absorção de mão-de-obra.

"As unidades compostas de estância charqueada e olaria tinham de 30 a 150- escravos. Mais da metade do plantel trabalhava no espaço fabril. Quase dez por cento do total de cativos dedicava-se às lides campeiras, e quase dez por cento, trabalhava como domésticos. Mais de 70% desses trabalhadores eram especializados. As mulheres, as menos qualificadas para o trabalho, representavam 16%, as crianças ficavam em 2% dos escravos" (Gutiérrez, 1993:224)

Como podemos constatar não havia exclusão de sexo ou

idade. Embora, possamos claramente perceber a predominância de homens adultos. Os dados nos levam a refletir não só sobre as duras condições de trabalho, exigindo maior vigor físico, mas também sobre a opção 'empresarial' dos senhores.

Segundo Ester Gutiérrez (1993:224) "os dados referentes à população servil desses empreendimentos, reforçam a hipótese de que os senhores preferiam investir em novas "peças" a apostar na reprodução dos cativos, afastam a possibilidade de o casamento ser usual entre os escravos e questionam o discurso da dificuldade de qualificação da mão-de-obra servil".

A autora analisando inventários dos charqueadores pelotenses, constatou cerca de 33 profissões de escravos. Divididas entre a área de produção e as diretamente ligadas a casa senhorial. A qualificação entretanto, não será rigidamente respeitada nos períodos de safra. Períodos, que demandavam maior trabalho e desgaste da mão-de-obra.

Podia-se encontrar, durante a safra, campeiros, carroceiros, ferreiros, trabalhando lado a lado com carneadores, descarnadores. Cozinheiros e salgadores, graxeiros. "De novembro a maio, quando o gado estava mais robusto e os dias eram os mais quentes do ano, trabalhavam da meia-noite ao meio-dia". (Gutiérrez, 1993:220)

As charqueadas constituíram o modo de produção escravista no Sul. Pelotas, o centro do escravismo gaúcho. A riqueza oriunda da exploração direta do trabalho servil, fez prosperar as regiões produtoras de charque. Desenvolveu uma malha de distribuição e circulação de mercadorias. Fez surgir e crescer vários núcleos urbanos.

A população negra escrava, em números absolutos, passou de 5.102 habitantes, em 1780, para 20.611 em 1814, 70.880 em 1858, chegando a

98.450 no ano de 1874. Este incremento populacional ressalta a importância que adquire a força de trabalho cativa na sociedade sulina. 15

No levantamento realizado por Günter Weimer (1991), com base em anúncios de venda e fugas de escravos em jornais, no período de 1829 e 1884, podemos constatar a presença do negro nos mais variados ofícios. Al-

guns, passíveis de identificação como eminentemente urbanos e especializados. 16

Negros carregadores, ourives, douradores, oçougueiros, encontravam-se nas principais vilas, especialmente na capital da província, Porto Alegre. Os homens também estavam presentes em serviços domésticos. Muitas são as referências a cozinheiros e engomadores.

As negras estavam nas ruas, preparando a terra e plantando. Nas ruas, como quitadeiras. Na casa senhorial, em todos os serviços. Eram costureiras, lavadeiras, doceiras e cozinheiras. Eram penteadeiras e mucamas. Eram amas-de-leite. Sob diferentes condições de vida, os escravos desempenharam variadas ocupações no campo e nas cidades.

QUADRO I
PROFISSÕES DE ESCRAVOS NAS
CHARQUEADAS PELOTENSES
1810-1887

Carneadeir	Carpinteiro	Peixeiro
Servente	Pedreiro	Lustrador
Salgador	Tanoeiro	Serrador
Descarneador	Lavadeiro(a)	Engomador
Graxeiro	Sapateiro	Corteceiro
Sebeiro	Afaiate	Cempeiro
Chimango	Boleiro	Roceiro
Charqueador	Carreteiro	Costureira
Aprendiz	Carroceiro	Marnhinho
Tripeiro	Barbeiro	Ferreiro
Cozinhento	Padeiro	Mucamas

Fonte: Gutierrez, Ester J. B. Negros, charqueadas & Olanas. Um estudo sobre o espaço pelotense. Porto Alegre, 1993. Dissertação PUCRS. A categoria identifica mundo escravado tem que haverão, crianças, idosas e mudos dos foros, escravos em outros locais (estâncias, cidades) e sem declaração. Tabela 10, p. 180

QUADRO II
POPULAÇÃO ESCRAVA NO
RIO GRANDE DO SUL
- 1780/1887

Ano	Absolute	Relativa
1780(1)	5.102	28%
1814	20.611	29%
1846	30.841	
1858	70.880	25%
1860	76.109	24%
1861	77.588	22%
1862	75.721	27%
1863	77.419	19%
1872	67.791	15%
1874	98.450	21%
1881	81.169	
1883	62.138	8%
1884	62.231	
1885	22.709	
1887	8.430	0.8%

Fonte: (1) Cardoso, Fernando H. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 50. Os demais dados foram extraídos de Bakos, Margaret M. RS: escravismo & abolição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982, p. 18 e 22-23.

NOTAS

* Professor da Universidade Federal do Piauí, mestrando da PUCRS e pesquisador do Núcleo de História Social da Escravidão - NHSE/PUCRS

1 — Maestri Filho, Mário. O escravo no Rio Grande do Sul. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho. Porto Alegre: EST, Caxias do Sul: EDUCS, 1984. p. 41. Sobre a sociedade rio-grandense colonial ver César Guilhermino. História do Rio Grande do Sul. Período colonial. Porto Alegre: Globo, 1970.

2 — Maestri Filho. Op. cit. p. 42-43

3 — Idem. Op. cit. p. 42

4 — Idem. Op. cit. p. 44

5 — Cardoso, Fernando H. Ca-

pitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 59

6 — Maestri Filho. Op. cit. p. 52, Cardoso. Op. cit. p. 83-153

7 — Gutierrez, Ester J. B. Negros, charqueadas & Olanas. Um estudo sobre o espaço pelotense. Porto Alegre, 1993. Dissertação PUCRS, p. 193

8 — Maestri Filho. Op. cit. p. 54-55

9 — Idem. Op. cit. p. 56-57

10 — Idem. Op. cit. p. 57. O autor discute (p. 56) a primazia dada pela historiografia a Pinto Martins e aponta o lusitano como o provável introdutor da in-

dústria charqueadora no sul

11 — Gutierrez. Op. cit. p. 179

12 — Maestri Filho. Op. cit. p. 74-75

13 — Gutierrez. Op. cit. p. 179

14 — Idem. Op. cit. p. 179-186

15 — Cardoso. Op. cit. p. 50, Bakos, Margaret M. RS: escravismo & abolição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982 p. 18

16 — C. F. Weimer, Günter. O trabalho escravo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sagra, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991, p. 35-77

* Prof. da Universidade Federal do Piauí
Pesquisador do Núcleo de História Social da Escravidão

Educação de Adultos: um processo de parceria (breve opinião)

* Jussara Bins

O desenvolvimento de qualquer proposta pedagógica, independente da série e grau de ensino, exige do professor uma reflexão bastante crítica quanto aos objetivos a serem alcançados, quanto aos conteúdos necessários e pertinentes ao alcance desses objetivos, quanto à metodologia, desencadeadora e responsável pela construção do conhecimento. Neste interím, a avaliação deve ser percebida não como mensuradora da capacidade do aluno, mas como estimuladora do processo de aprender e de auto-crítica do processo de ensino.

Sendo assim, pensar uma proposta pedagógica significa repensar o processo ensino-aprendizagem em todos os seus momentos e com todas as suas variáveis. É o momento em que o professor pensa o seu aluno e repensa os resultados do seu próprio desempenho. É o momento em que ele

"revê a sua filosofia frente ao ato educativo, suas expectativas com relação ao seu trabalho docente, seu grau de responsabilidade afetiva para com seu aluno (...), bem como sua posição com referência ao conhecimento e à autoconfiança que, cuidadosamente, vai construindo para estabelecer um nível de empatia e interação com os alunos." (Lorenzoni, 1993, p.77)

Na Educação de Adultos, essa interação representa um momento de troca, de total parceria, em que ambos, professor e aluno, comprometidos com um processo que transcende os limites físicos da sala de aula e da própria temporalidade presente, buscam ressonância desta cumplicidade a partir de perspectivas sociais futuras que identifiquem homens críticos à sua realidade, solidários aos problemas sociais e dispostos a participarem e a comprometerem-se com as questões existentes. Daí a necessidade de uma proposta pedagógica que, mais do que informar

e formar, deve levar à transformação. Afinal, o indivíduo adulto, ao longo da sua existência, assimilou conhecimentos e experiências os quais, embora adquiridos de forma assistemática, devem ser considerados e valorizados pelo professor. O processo de síntese, decorrente da bagagem proporcionada pelo aluno e da sensibilidade, habilidade e desejo do professor em torná-la viva e atual, contribuirá para a construção de novos conhecimentos e, consequentemente, de novas sínteses.

Pensar-se em parceria, em síntese, em ações interdisciplinares, a partir de um contexto social que se caracteriza por ações fragmentadas e individualistas, em que cada indivíduo, na tentativa de conhecer-se e construir-se como pessoa se aloja dentro de si próprio, parece um procedimento utópico, muito pouco estimulador de qualquer ação pedagógica. Entretanto, é a partir da sala de aula e dos demais espaços oferecidos pela escola que se deve repensar e superar os desencontros existentes.

Também a Educação de Adultos, a considerar por suas características, estrutura e organização, bem como formas de operacionalização, representa uma área bastante promissora para que o ligamento aconteça.

Chegar-se à síntese, quando o contexto social argumenta a favor da análise; pretender-se união, quando a própria história da Educação Brasileira nos aponta desdobramentos e descaminhos; sugerir-se à escola interação e a Educação de Adultos parceria quando, disciplinarmente, há muito ainda o que ser feito, são análises que, inequivocavelmente, necessitam ser processadas. Entretanto, sua importância e expressão devem ser marcantes tão somente pelo fato de provocar algumas sínteses e inquestionáveis tomadas de decisão. A

* Mestre em Educação /PUCRS

Aspectos Relevantes no Processo de Adaptação Escolar

* Lia Mara Dornelles

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar a integração família-escola como fator relevante na adaptação escolar.

Considerando a importância do processo de separação-individuação no desenvolvimento normal do indivíduo, destaca-se a influência deste no início de sua vida escolar.

O processo de adaptação poderá ser facilitado se família e escola buscarem juntas o entendimento do comportamento e conduta da criança vinculados ao seu contato social e familiar.

O homem é o único ser na natureza que nasce biologicamente prematuro. Sua necessidade básica primordial é a figura materna, que vai alimentá-lo e protegê-lo. Seu nascimento biológico não coincide com o psicológico — enquanto o primeiro é um acontecimento delimitado, observável e dramático, o último constitui-se num processo de rompimento muito lento e gradual.

Segundo Margareth Mahler (1982), o desenvolvimento biopsicossocial do bebê ocorre através de três fases:

- autismo normal (entre o nascimento e o 2º mês) — não há diferença entre realidade externa e interna, não conseguindo distinguir entre si mesmo e o mundo que o cerca. Visa a obtenção e manutenção do equilíbrio homeostático.
- simbiose normal (do 2º mês ao 5º mês) — mãe e bebê se fundem entre "eu" e "não-eu". A atuação do bebê é aumentada, se estabelece o vínculo específico entre mãe-bebê.
- processo de separação — individuação (em torno do 5º ao 30º mês, 36º mês) — funcionamento autônomo da criança na presença da mãe. Há experiências de exploração, reaproximação e desenvolvimento de funções cognitivas. Com o amadurecimento da função de locomoção, o bebê amplia seu campo visual. Ocorre não somente um investimento narcisista do bebê em si mesmo, mas também nos objetos que o cercam. Ao mesmo tempo que isso causa prazer, gera ansiedade de separação, que consiste principalmente em um medo de perder o objeto, expresso por vários comportamentos da criança. Consequentemente, busca reaproximar-se da mãe e dividir com ela

suas novas aquisições de habilidades e experiências.

Por ocasião de sua entrada na escola, a criança revive a ansiedade de separação, anteriormente vivenciada em relação à mãe — é o ingresso num mundo novo, que implica na separação do meio familiar, bem como em novas formas de adaptação social decorrentes da necessidade de integração a um grupo novo, heterogêneo e diferente do meio parental e fraterno.

Neste momento a criança precisa avaliar o ambiente ao ingressar na sala de aula. O professor torna-se um desconhecido que merece curiosidade, interesse e provoca estranheza e desconforto, pois não age como seus pais. Se a criança confia, seus sentimentos amorosos em relação aos pais são transferidos para o professor.

Sentimentos de ambivalência e insegurança frente ao inusitado — o mundo da escola — coexistem tanto por parte da criança quanto de sua família.

Na criança, há a ansiedade como reflexo direto do temor da perda do objeto de amor (mãe) e sua resistência em desfazer o vínculo afetivo.

Na mãe, surgem também sentimentos de perda do seu objeto amoroso, que se expressa muitas vezes pela dificuldade de delegar à professora o papel de cuidar do filho por algumas horas.

A família, neste momento, precisa estar plenamente interessada e disponível para que a adaptação se efetue de maneira adequada. Para tal, deve ser salientada a importância da presença da mãe ou substituta durante este início de vida escolar, manifestando compreensão, afeto e apoiando a criança em sua nova aquisição.

A separação, se for encarada por todos os membros da família, como um processo lento, gradual, inevitável, essencial e positivo para o adequado desenvolvimento infantil, auxiliará a criança a estabelecer vinculações afetivas, desenvolver suas potencialidades e ampliar seu contexto social.

* Psicóloga do Instituto de Educação
Gen. Flores da Cunha

Não alfabetizado

Olga Furine

Levantou cedo. Não foi preciso a mãe chamá-lo. Vestiu-se rapidamente. Tomou café preto com pão caseiro e foi para a escola. É o início de muitas histórias. Outras são um pouco diferentes. Foi preciso acordá-lo, oferecer-lhe o suco, o leite com chocolate, a torrada e foi levado à escola. Inícios parecidos. Os finais é que serão diferentes. Esta é a realidade.

No caminho da alfabetização, as situações se diversificam. Alguns se auto-alfabetizam. Outros são alfabetizados na escola e, no final do ano, passam para a série seguinte com real aproveitamento. Entre os que vão para a escola há aqueles que não passam do primeiro bimestre, por dificuldades insuperáveis, embora tenham tentado várias vezes, sem sucesso. E temos, ainda, a considerar os que tiveram por escola a própria vida.

Consideramos a leitura sob vários ângulos. Há, por exemplo, a leitura de slogans, emblemas, cores e até palavras estrangeiras que ingressaram no domínio público. Crianças, portanto, que decodificam símbolos e imagens obtêm o desejado. Temos o aprender a ler e escrever que começa com as vogais, depois juntam-se com as consoantes, fazendo pedacinhos e completando "familias". Muitas vezes é a "palavra geradora" a partir do contexto real que provoca esse mágico processo.

Mas o que é ler? Quem sabe contar o que leu? Sabe desfrutar a posse desta propriedade? São questões que vão seclareando ou complicando-se quando começarmos a refletir sobre elas.

Diz-se que saber ler, escrever e contar é preciso saber fazê-lo direitinho. Mas o que é direitinho? É saber ler o que realmente está escrito, procurar enxergar a alma da palavra que se lê porque ali reside a mensagem. É escrever aquilo que sentimos, transpiramos, vivemos e sonhamos profundamente. É contar os verdadeiros números, sem mascará-los tais como são; sem subterfúgios, sem fazer as operações como as de dividir esperanças, subtrair alegrias, somar tristezas ou multiplicar dúvidas. É isso que o adulto não alfabetizado nos denuncia ao afirmar que ele sabe ler o que nós não sabemos, ler nas entrelinhas. É ler o saber oculto do cotidiano, a subjetividade que se encerra no viver. Fazendo da própria vida um ato de reverência e compreensão ao saber ser.

Mãos calejadas pela ferramenta pesada, corpo aniquilado pelo peso dos anos vividos com dificuldades e lutas, sonha, tem um desejo, quase segredo, de ter um filho que saiba ler e escrever e até contar, mesmo que não seja do seu ponto de vista. Respeita. É mestre.

Tem nome: Antônio. Ouvia-o desde pequeno. Às vezes, carinhosamente, era substituído por Tonho. A profissão ou as profissões foi aprendendo-as conforme as necessidades e as oportunidades do ganha-pão. Passa a ter notoriedade próximo às eleições, por que, mesmo não sabendo ler, é eleitor. Mas para que eleger se o mínimo de saber formal lhe é negado? Pergunta que fica sem resposta. Quem sabe votando ajudará algum filho ou neto. Sentir-se impossibilitado de exercer plenamente sua cidadania é como sentir-se vivo, mas sem confirmação direta com a sociedade.

O saber formal é privilégio. E não é preciso preocupação com os adultos que não tiveram, se o tivessem, possibilidade quando ainda eram crianças. É um atalho muito doído na estrada da vida. Talvez seja "pedra no meio do caminho" que anuncia o poeta Drummond.

Um colega descrevia com detalhes seus alunos-adultos que frequentavam a escola noturna. Eram de diversas faixas etárias. O mais moço, 18 anos, era o mais entusiasmado. Gravava logo as instruções e possuía as mais diversificadas informações. Faltava, apenas, organizá-las. O grupo dos mais velhos, por volta dos quarenta anos, tinha o entusiasmo do jovem mas com menos brilho porque o número de informações era menor e o número de preocupações duplicadas, indo desde o emprego que possuía à família que dele dependia diretamente. Então, como fazer? Isso passa pelo saber, pelo cérebro e pesa na mão, ao ponto de torná-la tão pesada que fica difícil de desenhar as vogais, as consoantes e fazê-las formar os "pedacinhos". E a leitura segue "tropeteando nas letras" que ficaram naquela estrada que se propôs a milhar. Talvez seja este o final daque-la primeira história que iniciamos a contar, a de ser adulto e não alfabetizado.

Professora da Unisinos



Informática na Educação

Elen de Oliveira

Em nenhuma área do conhecimento a realidade compete tanto com a ficção como na informática.

As conquistas tecnológicas nesse terreno estão de tal modo aceleradas, que os últimos modelos de microcomputadores postos comercialmente à venda já trazem, de fábrica, o estigma da obsolescência.

A utilização do computador como meio educacional é proposta até certo ponto nova. Pode assustar até mesmo os mais "avanhados". Mas depois dos primeiros contatos, a simpatia é total. A interação do homem à máquina é uma realidade imutável de nosso tempo. Sem a pretensão, é claro, de tornar o homem máquina e humanizar essa, a importância da interferência dos micros na educação cresce com naturalidade nos laboratórios espalhados pelo Estado.

Informática como Apoio Administrativo

A Secretaria da Educação está operando desde 1991 com dados informatizados. Seus vários setores tornaram-se mais ágeis, dinamizados pelo acesso rápido às informações e operacionalização de maior número de dados em menor tempo. O protocolamento de pedidos é feito na hora. Os dados do Estado, que antes não estavam atualizados e não possuíam exatidão, hoje estão sendo levantados através de um trabalho sério e articulado com a PROCERGS.

Segundo a coordenadora do setor de Informática, Heloiza Oliveira, no início do Governo

Collares os dados disponíveis eram de 1988. "Não tínhamos os dados do ano anterior e nem do ano em curso, para fazer uma programação. Fazíamos tudo por estimativa." Para que o sistema começasse a funcionar, era necessário o treinamento dos funcionários. Os sistemas desenvolvidos pela PROCERGS começaram a ser usados na Unidade de Informática da SE. Lá, estão armazenados todas as informações sobre a educação no Estado. Número de professores, de alunos, cursos, cada dado é atualizado diariamente, com a supervisão de um funcionário da PROCERGS que acompanha os trabalhos.

Os computadores nunca param. Diariamente chegam dados, que são processados durante a noite. Através do banco de dados, eles são catalogados por Delegacia e por municípios. O movimento de matrícula inicial também está sendo efetuado através da informatização. O gerenciamento é ágil, dinâmico e atualizado. O fluxo de papel diminuiu consideravelmente. Dos 250 mil documentos que passavam antes pelo setor de levantamento de dados, o número agora caiu para 90 mil.

O setor de Recursos Humanos opera com a informatização desde 1991. Guarda na memória informações de mais de cem mil funcionários. Toda a vida funcional do quadro está contida em seus bytes, que diminuem pela metade o tempo de realização das tarefas. Os disquetes substituem definitivamente os arquivos e pastas.

O repasse trimestral beneficia 3.500 escolas da Rede Pública Estadual. Para fazer chegar o dinheiro até as localidades, os computadores são fundamentais. A distribuição não sofre atraso. Chegam no máximo em dez dias, e com a certeza da exatidão.

CIEPS, obras e equipamentos, além do patrimônio, tudo é registrado nos disquetes dos computadores. A Diretoria Administrativo-Financeira possui armazenados os valores que são aplicados em obras, por Delegacia e por escola. Especifica quando é ampliação do espaço ou reforma, e indica se o recurso veio do Tesouro do Estado, do Salário-Educação ou se é Federal.

A merenda escolar não ficou excluída desse processo. Com o advento das máquinas pensantes, é possível controlar a distribuição de alimentos desde o momento da entrega até o consumo pelo aluno, resolvendo o problema do super estoque e da falta de controle nas unidades.

A informatização está acontecendo em todo o Estado. As Delegacias de Educação também estão trabalhando com os computadores. Os recursos humanos economizados são consideráveis. A máquina supre a mão-de-obra para o trabalho administrativo, e os professores não precisam vir até Porto Alegre para acessar as informações de que necessitam. Este acesso é efetuado na própria DE. Além disso, o correio eletrônico possibilita a articulação efetiva em torno das DE's. Em novembro já estamos iniciando

também o protocolo de processos nas próprias Delegacias de Educação.

Informática como Apoio Pedagógico

CIED

Os Centros de Informática e Educação de vários Estados surgiram através de uma nova experiência desenvolvida no Rio Grande do Sul. O CIED faz parte do Programa Nacional de Informática Educativa do Ministério da Educação. No CIED central de Porto Alegre, são desenvolvidos cursos para capacitar os recursos humanos — professores das escolas públicas estaduais. Eles participam dos cursos, voltam para suas escolas e desenvolvem dentro de sua disciplina, projetos para utilizar o computador como mais uma ferramenta, dentro de um recurso pedagógico.

O trabalho no CIED é estendido ao interior do Estado na forma de subcentros. Hoje existem subcentros em Santa Maria, Santo Ângelo, Carazinho e Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Caxias do Sul, Erechim e Uruguaiana. O subcentro foi a maneira encontrada para fazer chegar o trabalho em toda a rede estadual. Ele capacita recursos humanos e atende a região onde está inserido, nas mesmas características do CIED de Porto Alegre.

O CIED, de acordo com o PRONINFE, Programa Nacional de Informática Educativa tem como condição seguir os pressupostos estabelecidos para favorecer a promoção de ambientes de aprendizagem, a integração de grupos interdisciplinares, de professores especialistas e técnicos, bem como a aquisição de equipamentos, sistemas e programas computacionais para utilização da Informática Educativa.

ESCOLAS-POLO

Os laboratórios são montados nas escolas-pólo, promovendo

a interação entre professores, alunos, objetos de conhecimento, linguagens e aplicativos. Através da relação que se estabelece entre aluno e máquina, pretende-se desenvolver o processo de

autonomia, de cooperação e do desenvolvimento das estruturas cognitivas do sujeito do aprendizado.

Através dos laboratórios de informática, são atendidos alunos



Alunos operando os micros do CIED Santo Ângelo

DE OLHO NO FUTURO

O XXVI Congresso de Informática e Telecomunicações ocorreu em Brasília, de 25 a 29 de outubro. Entre participantes do Brasil e exterior, estava a coordenadora do CIED — Centro de Informática e Educação da SE Marisa Flores representou a área de Informática na educação, e considera positivo o resultado do congresso. "Tivemos contato com professores de CIED's de todo o Brasil. Participaram também os CIES — Centro de Informática e Ensino Superior, e NIIS — Núcleo de Informática e Educação. O Workshop de informática na educação nos apresentou subsídios para que trabalhemos com nossos alunos de maneira mais produtiva, em se tratando de Informática Educativa. Um exemplo disso, foi o painel da Universidade da Califórnia, que tratou da educação à distância através da rede de micros. Ainda não temos estrutura para operar por rede, mas num futuro muito próximo, o ensino à distância poderá ser efetuado."

Entre os painelistas, encontrava-se o brasileiro Ronaldo Kiel. O tema abordado por Ronaldo foi a multimídia. Profissional de competência inquestionável, atualmente trabalha no Brooklyn College de Nova Iorque, e é conceituadíssimo nos meios acadêmicos por suas idéias avançadas e criativas na área.

O plano de aperfeiçoamento de professores para a Informática Educativa foi amplamente discutido. Paralelo à instalação dos sistemas, existe a necessidade de capacitar seres humanos que estabeleçam a mediação entre o conhecimento e os alunos. Segundo Marisa, além do trabalho realizado em nível estadual, são necessários investimentos de ordem Federal, para que um maior número de professores seja beneficiado. O plano de capacitação criado em parceria com o PRONINFE, Fundação Roque Pinto, Ministério da Ciência e Tecnologia, Embratel e MEC, tem por objetivo suprir essa demanda, a longo prazo.

de 1º Grau do ensino regular e alunos de escolas com propostas pedagógicas alternativas, tais como meninos de rua e alunos com necessidades especiais.

O trabalho com informática na área da educação possui significado quando permite ao professor repensar a sua prática pedagógica e a utilização dos sistemas como ferramenta complementar, visando o aperfeiçoamento; tudo isso com vistas a uma alteração positiva na qualidade do ensino. O uso do computador implica também na utilização de metodologia que aposte no sujeito ativo e criativo, que constrói o conhecimento, que resolve problemas e que busca as alternativas de solução.

Ao finalizar o ano de 93, com laboratórios espalhados por todo o Estado, a coordenadora do CIED aponta as metas da SE para 94. "Uma das realizações será a implementação dos laboratórios já existentes. Além disso, outras escolas serão beneficiadas, cobrindo o Estado em um percentual maior de laboratórios de informática Educativa". Segundo Marisa, a principal reivindicação feita ao Proninf, é um curso de capacitação de professores na área. "São necessários, com urgência, cursos de capacitação teórica, em pesquisa, avaliação e currículo. Durante o Congresso, ficou estabelecido que os professores que fizessem os cursos assumiriam a responsabilidade e o comprometimento de repassar os conhecimentos para o Estado." O conteúdo seria basicamente Programação em Logo, Fundamentação Teórica e Ambiente Windows. Seria o início de um trabalho mais amplo, já que as possibilidades de manipulação dos micros em sala de aula são infinitas.

CATE, CIED E CRA – Respostas atuais para problemas antigos

Como exemplo instalado desde 1991 na região das Mis-

sões, a CATE – Central de Apoio Tecnológico à Educação, oferece às escolas estaduais recursos técnicos avançados. Objetivando o ensino – aprendizagem, inclui em sua estrutura o CIED – Centro de Informática e Educação, e o CRA – Centro de Recursos Audiovisuais. Faz parte desse complexo tecnológico o Projeto "Um salto para o futuro" um teleposto recebe imagens da tvé Educativa.

O CIED de Santo Ângelo oferece periodicamente cursos de instrumentalização a professores e alunos de toda a região. Os cursos têm uma duração média, dependendo do alcance e do interesse do próprio aluno. Basicamente, oferecem conhecimentos em operações básicas de micro-computadores, processador de texto e linguagem Logo. Das três possibilidades, o professor escolhe aquela que melhor se adapta ao desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula. A linguagem Logo atende às necessidades do desenvolvimento do raciocínio e o processador de texto facilita o preparo do material para a sala de aula. O aluno é recebido no CIED através do planejamento de atividades projetadas pelo professor em sala de aula, envolvendo as disciplinas do currículo.

O Projeto desenvolvido com os alunos de Classe Especial vem chamando a atenção dos professores. Parte de suas dificuldades diante da vida são resolvidas com o auxílio do computador, através de respostas ou meios de motivação. Estas crianças são acompanhadas pelo professor titular da classe. Usam o laboratório com o acompanhamento de um monitor. O resultado é lento, porém, promissor. A 14ª DE, junto com a atual coordenação do CIED, pretende investir mais nessa área, inclusive conveniando com entidades do gênero.

Um dos projetos que também deverá beneficiar a sociedade como um todo é a tentativa

de trabalhar com crianças carentes dos lares assistenciais, além de futuros integrantes do Centro de Assistência à Criança e ao Adolescente regularmente matriculados nas escolas estaduais. Para a efetivação de qualquer um desses projetos não há necessidade de localização próxima ao Centro. Ele atende, indistintamente, alunos de todos os quadrantes do município e região de abrangência.

CRA – Centro de Recursos Audio-visuais

O Centro de Desenvolvimento Tecnológico integra o complexo aqui exposto. Conta com uma videoteca composta por mais de 1.500 títulos, colocados à disposição da comunidade escolar abrangida pelos onze municípios da DE. A movimentação de professores é muito grande e segundo relatórios do Centro contata-se que são atendidas de 10 a 15 mil alunos em inúmeras sessões de vídeo das escolas, orientados por professores que em sala de aula utilizam esta tecnologia.

O CRA conta, também, com um serviço de empréstimo de aparelhos de televisão e vídeos, caixas acústicas, microfones e retroprojetores.

Projeto "Um Salto para o Futuro"

A 14ª DE mantém um teleposto integrando o Programa Nacional de Educação à Distância. Atende a uma vasta clientela através de cursos. Após a transmissão do programa televisivo os professores permanecem nos telepostos por mais uma hora, desenvolvendo atividades diversas com o auxílio do orientador de aprendizagem. Neste momento os professores podem fazer questionamentos e discernir o projeto "Um salto para o futuro". São 135 professores que foram atualizados desde a sua instalação. Está em andamento um curso de Educação Física para

professores de 5^a a 8^a séries e alunos do Magistério.

Projetos que estão sendo desenvolvidos pelo Subcentro de Informática e Educação — Santo Ângelo

Alunos da Classe Especial

Oportunizamos alunos portadores de necessidades específicas (DME) situações de aprendizado através da participação ativa e direta aluno x computador, visando contribuir para o processo evolutivo mental do aluno especial.

As visitas ao laboratório são semanais com duração de aproximadamente 90 minutos. O professor da classe juntamente com professores monitores selecionam ou programam as atividades a serem desenvolvidas, que iniciam desde o conhecimento das letras visualizando e manuseando o teclado, reprodução de exercícios realizados em sala de aula, até atividades mais complexas onde o aluno cria desenhos e textos, propondo atividades desafiadoras, provocações que os conduzam a "descobertas", contribuindo desta forma a construção do seu próprio conhecimento.

Conforme depoimentos dos professores e pais é visível o progresso desses alunos, motivados pelo contato com a máquina.

Alunos Carentes

Desenvolvemos um projeto com meninos carentes do LAR DO MENINO.

As deficiências desse grupo é baixo rendimento escolar e difícil relacionamento. É um trabalho que estamos iniciando, estamos usando atividades diversas para tentar sanar essas dificuldades.

Conferência de Livros e Jornais

São diversos grupos de alunos que começam a desenvolver

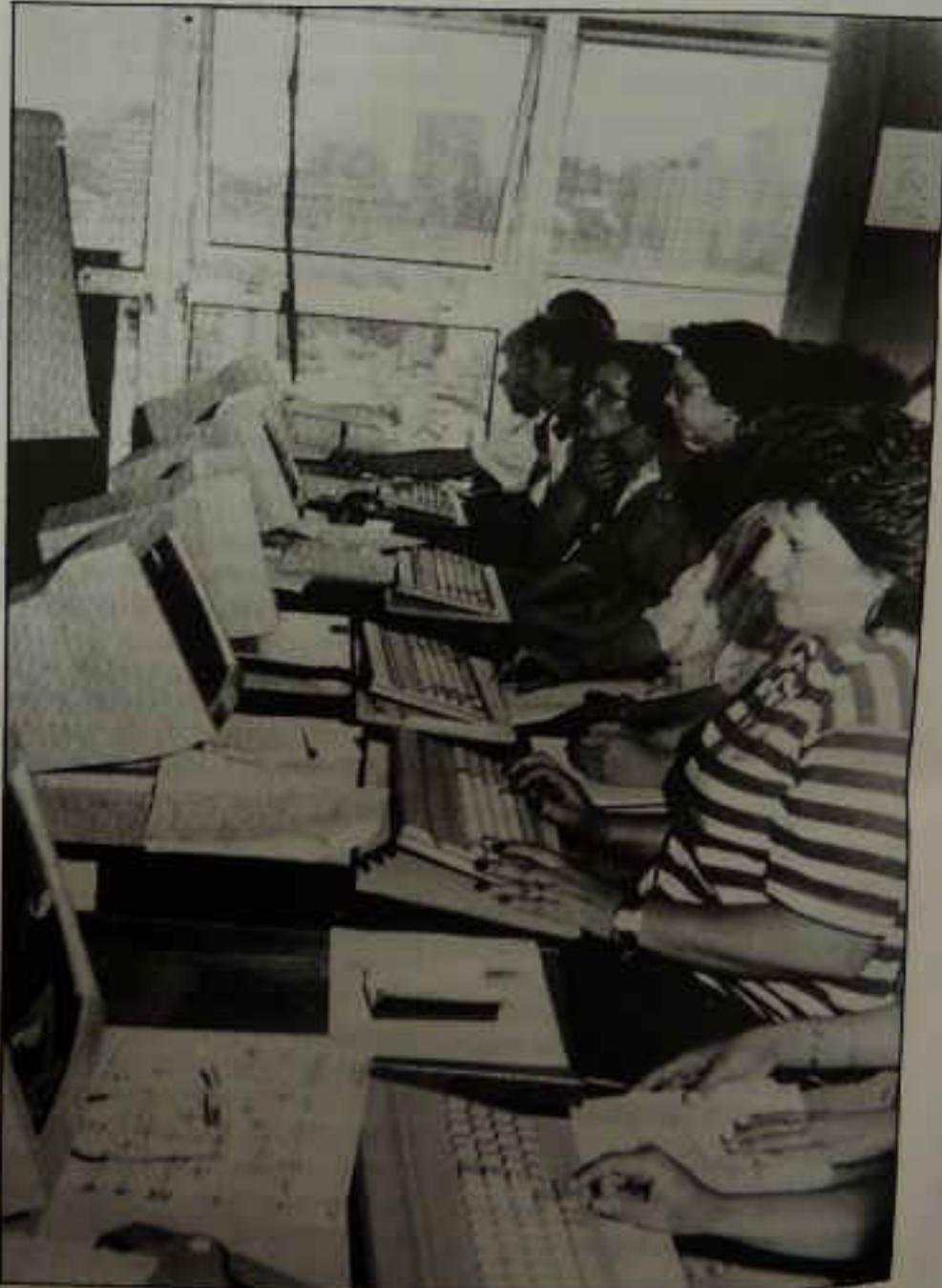
o trabalho junto a professora da classe onde produzem um jornal ou livro para ser montado no laboratório onde aprendem noções de como operar a máquina e como processar um texto para a impressão do mesmo.

A linguagem LOGO é utilizada para desenvolver o raciocínio lógico, a capacidade de reflexão e a criatividade do educando. São vários grupos de alunos de 1º grau que são incentivados a desenvolverem e adquirirem novos conhecimentos, possibilitando a sua relação junto à sociedade.

O Subcentro de Informática coloca também ao alcance dos professores materiais e equipamentos capazes de produzir acréscimos de qualidade na educação através dos cursos oferecidos com o objetivo de instrumentalizá-los proporcionando-lhes melhores condições para seus trabalhos, com novos desafios no compromisso com a melhoria qualitativa do ensino e da educação em nossa região.

O número de alunos atendidos por semana é próximo de 200.

Estagiária Jornalismo-PUCRS



Funcionários das Delegacias aprendem a operar os micros no CIED Central de Porto Alegre

Ensino Supletivo

• Elen de Oliveira

A educação no Brasil tem sofrido vários golpes desde a revolução de 64. As camadas pobres da população perderam de maneira brutal o acesso a um ensino de qualidade, agravado pelo baixo poder aquisitivo dos salários. Se a educação é libertadora, possui pouco desse sentido hoje no País.

Ao deparar-se com esta realidade, um Governo sério tentará criar alternativas para revertê-la. A inefficiência do ensino e a reprodução das desigualdades sociais são fatores preponderantes da marginalização dos indivíduos dos cursos regulares. O Ensino Supletivo conta com a dedicação da Administração Alceu Collares. Revestido de seu caráter mais puro e comunitário, tem atuado como agente de resgate de uma parcela significativa da população. Aqueles que desistiram de estudar, por uma razão ou outra, encontram nesse tipo de ensino uma porta para o recomeço.

Ao contrário do que preconiza o senso comum, o Ensino Supletivo vem para aproximar, ao invés de afastar. Contribui para que o aluno retome o que anteriormente abandonou. Adota a filosofia educacional que faz do homem o próprio agente da sua educação. O estudante é quem determina o tempo que vai dispensar e o resultado que obtém. E como liberdade implica em responsabilidade, podemos afirmar que esta forma de ensino contribui duplamente.

O Ensino Supletivo se constitui em um subsistema do Sistema Educacional, específico para o atendimento de jovens e adultos. Utiliza material e técnicas adaptadas à realidade dessa clientela. Fundamentais para o

pleno desenvolvimento do potencial humano, figuram a flexibilidade e o respeito ao ritmo de cada aluno. A estrutura, a duração e o regime escolar são adaptáveis. Utilizadas com o apoio de multimeios, facilitam a aceleração dos conteúdos com maximização dos investimentos realizados.

"Ao contrário do que preconiza o senso comum, o Ensino Supletivo aproxima o aluno da sala de aula."

A crescente procura pelo Ensino Supletivo propõe a necessidade de constante avaliação e aprimoramento de seus métodos. O aperfeiçoamento se dá principalmente em avanços de capacitação específica do professor que lida com a educação de jovens e adultos.

Todavia, sua maior preocupação continuará a ser a formação de indivíduos crítico-reflexivos, capacitados a solucionar e compreender problemas no contexto social em que estiveram inseridos.

CES – CENTRO DE ENSINO SUPLETIVO

As ofertas de Ensino Supletivo são organizadas de forma a atender o aluno dentro de suas necessidades. O Centro de Estudos Supletivos – CES adota uma forma de atendimento sócio-individualizado. Sua clientela são adolescentes e adultos. É altamente flexível. Não existe frequência obrigatória. O aluno do CES apresenta-se com hora marcada e assim programa seus estudos, esclarece dúvidas e rea-

liza avaliações. Conta com materiais instrucionais especialmente elaborados, na forma de módulos e baseados no programa mínimo aprovado. Na disciplina de matemática, por exemplo, existem 18 módulos, que são vencidos um a um pelo estudante. O avanço ao módulo seguinte só acontece quando existe o domínio total do anterior. Ao concluir todas as disciplinas, o aluno recebe o certificado de conclusão de ensino de 1º e 2º Graus, podendo, se assim o desejar, continuar seus estudos.

"No Centro de Ensino Supletivo, a frequência não é obrigatória."

NOES – NÚCLEO DE ORIENTAÇÃO AO ENSINO SUPLETIVO

— O Núcleo de Orientação ao Ensino Supletivo – NOES, foi criado com o objetivo de ser uma agência educacional não formal. Atende adolescentes e adultos que desejarem realizar ou complementar seus estudos de educação geral, em busca dos cursos de qualificação profissional. O NOES se adequa aos interesses, disponibilidade de tempo e ritmo individual de cada aluno. O atendimento atinge inicialmente da 5ª a 8ª séries do 1º Grau. Os estudos são desenvolvidos através da metodologia de ensino personalizado, semi-direto (contato direto e semi-direto com o professor). O material de apoio de que dispõe são módulos de ensino, fitas casse-tapes e outros recursos audiovisuais.

"O Núcleo de Orientação ao Ensino Supletivo respeita as especificidades de cada aluno."

Os exames supletivos de Educação Geral são oferecidos em todo o Estado. Para conclusão do curso de 1º e 2º Graus, as provas são efetuadas nas Delegacias de Educação. Os candidatos devem ter 18 anos para o 1º Grau e 21 para o 2º Grau, na data da prova.

Em nível de 2º Grau, o supletivo profissionalizante abrange a parte de formação especial do currículo de habilitações profissionais. Neste caso, o candidato deve comprovar experiência profissional de, no mínimo, três anos. A idade mínima é de 21 anos. Se o aluno possuir graduação geral de 2º Grau ou vier a obtê-la por via regular ou supletiva, poderá obter diploma de técnico na respectiva habilitação.

Por enquanto, esses exames são oferecidos somente em Porto Alegre, e são regidos pela Resolução 191/87 do Conselho Estadual de Ensino.

"Os Centros Rurais de Ensino Supletivo atendem às necessidades do mercado de trabalho."

CRES – CENTROS RURAIS DE ENSINO SUPLETIVO

Oferecidos ao homem do campo, os Centros Rurais de Ensino Supletivo – CRES, contribuem com qualificação profissional para os setores primário e secundário, Supletivo de Educação Geral em nível de 1º Grau com avaliação no processo. Está ligado à qualificação profissional e à Educação Geral, que funcionam em regime trimestral, alternando períodos de intervalo (ensino direto) e períodos de estágio super-

visionado na localidade de origem (ensino à distância).

Os CRES estão localizados em regiões com características próprias. Por isso os cursos de qualificação oferecidos atendem às necessidades do mercado de trabalho e relacionam-se com as atividades de maior expressão econômica da região. Além dos cursos de qualificação, o CRES oportuniza à comunidade treinamentos ligados à agropecuária, através de convênios mantidos com Emater, LBA, Cooperativas, Secretaria da Agricultura, etc.

CRES SANTA ROSA

Existente desde 1975, o Centro Rural de Ensino Supletivo de Santa Rosa está localizado na BR-172, no sentido Cruzeiro-Três de Maio. Este centro, assim como os outros existentes no Estado, foram criados para dar atendimento aos filhos dos pequenos agricultores. Proporcionam técnicas de educação

agropecuária, reforçadas em educação geral sólida, na busca da fixação ao meio rural, uso racional da terra, maior e melhor produtividade, diversificação das atividades agropecuárias e melhoria sócio-econômica do trabalhador do campo.

O curso de 1º Grau destina-se a jovens com idade mínima de 14 anos. A rotina da escola, que funciona como internato, começa às seis e meia da manhã, com a alvorada. O café é servido às sete, e logo após começam as aulas de várias turmas.

Atualmente o CRES de Santa Rosa conta com 51 alunos entre internos e externos, todos filhos de agricultores.

O CURRÍCULO

O currículo do CRES é próprio, embasado no Ensino Supletivo de 1º Grau. As disciplinas de Educação Geral se somam e harmonizam com as disciplinas de técnicas agropecuárias. Além disso, os alunos rece-



Irrigação.

O CRES ainda oferece, entre outras atividades, estudo de sementeiras.



O conhecimento e a técnica de plantio e colheita—





A mão...

Que colheu trigo...



No CRES
de Santa Rosa,
Recebe a orientação
do diretor, Fritz.

bem orientação dentro de uma carga horária prevista, onde desenvolvem atividades práticas nos projetos em andamento.

Entre os projetos prioritários, destaca-se o Setor de Culturas Regionais (mais de 50 cultivares de trigo, sendo testados), soja, milho (objetivando a produtividade máxima por hectare), oleicultura, criações e pastagens, conservação do solo e técnicas de conservas e embutidos de produtos agropecuários. A meta é garantir uma alimentação equilibrada durante o ano inteiro, independente da época da cultura.

Para a alimentação dos alunos, 45% do total gasto é produzido no próprio CRES. Para cobrir o restante, é utilizado o repasse trimestral, que também supre restauração, recuperação de materiais e projetos que foram sucateados ao longo do tempo de existência da escola.

O CRES também se integra à comunidade. No processo de troca de produção, a escola troca milho e trigo por farinha, e soja por óleo. A produção ainda encontra meios para atender pequenas escolas estaduais e o CIEP da região.

O diretor do CRES, professor Fritz Roloff, enfatiza que a interação CRES - comunidade é total, pois entre muitas ações, as escolas do Município de Santa Rosa recolhem vidros para os projetos de conservas do CRES e recebem em troca os vidros cheios para seu consumo.

Como curso de 1º Grau, o CRES é composto de nove etapas de três meses cada, dos quais cinco são feitos na Instituição (ensino direto) e quatro na propriedade do aluno (ensino à distância). Um outro diferencial do CRES Santa Rosa é a monitoria. As turmas que estão mais adian-

tadas auxiliam as outras em ensino à distância, visitando as propriedades sob orientação do corpo técnico da escola.

Informações gerais podem ser obtidas pelo telefone 512-3043 ou diretamente na escola.

"O curso de habilitação também é oferecido a professores leigos em exercício."

ALTERNATIVAS VIÁVEIS

Mesmo com todas as suas ações, a Administração não pode ficar sozinha. É preciso a colaboração de todos que se dispuserem a contribuir, ao invés de cruzar os braços. Imbuídos do sentimento de participação, as Forças Armadas decidiram for-

mar, dentro dos quartéis, Centros de Ensino Supletivo.

O convênio foi assinado em abril de 1993. A aceitação foi tão grande que teve de ser adotado um processo de seleção. Quatro mil militares se inscreveram, para ocupar as quinhentas vagas abertas em caráter de experiência, dentro do Plano Piloto.

A articulação entre SE e Organizações Militares está sendo efetivada pela Diretoria Pedagógica, Diretoria de Recursos Humanos e Delegacias de Educação. A responsabilidade da SE abrange um universo que vai desde a capacitação, a atualização de professores até a aplicação de testes de nívelamento da clientela.

"As Organizações Militares do Rio Grande do Sul adotaram o Ensino Supletivo em suas guarnições."

O projeto está levando aos quartéis as modalidades do Centro de Ensino Supletivo nas guarnições de: Porto Alegre, Caxias do Sul, Santo Ângelo, Rio Grande e Cruz Alta. A modalidade NOES vai funcionar inicialmente na cidade de Santa Maria, em caráter experimental. Podem participar subtenentes, sargentos, cabos, soldados profissionais e soldados recrutas. Futuramente será ampliada a participação para dependentes de militares e funcionários civis do Ministério do Exército.

O Major Belém, coordenador do projeto no Comando Militar do Sul, esclarece que "O candidato realiza um teste de sondagem em Língua Portuguesa e Matemática, que o orienta quanto às suas condições para a entrada imediata na fase. Caso não se verifiquem as condições mínimas, a alternativa é cursar o Nivelamento, curso intensivo oferecido pelo próprio Centro de Ensino Supletivo Verde-Oliva — CESVO".



Militares contam com o auxílio de professoras da Rede Pública na salas de aula

Ensino Supletivo nas Organizações Militares

Constitucionalmente, é dever do Estado garantir o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso em idade própria. Através do Artigo 60 das Disposições Transitórias, ficou estabelecido o compromisso do poder público no sentido de desenvolver esforços, com a mobilização de todos os setores organizados da sociedade e com a aplicação de recursos financeiros em percentuais estabelecidos por lei, no sentido de eliminar o analfabetismo e universalizar o ensino fundamental.

De acordo com as disposições da Constituição Federal, as Constituições Estaduais e Leis Orgânicas Municipais responsabilizaram-se pelo desenvolvimento de ações em seus respectivos níveis. Além de estabelecer o direito de jovens e adultos à educação, cabe ao Estado a grande responsabilidade de responder ao compromisso firmado com a Declaração Mundial da Educação Para Todos, da qual o Brasil foi signatário em Jomtien — março de 1990.

Escola Agrícola

Escola Estadual de 2º Grau Cruzeiro do Sul

Ligia Oliveira

"Para o alcance das metas previstas, em relação a escola no meio rural, pretende-se atingir 232 escolas com 4 hectares ou mais, os 10 centros intercolares, as antigas 74 escolas do PREMEM, que foram implantadas em caráter polivalente, as 131 escolas técnicas dos 3 setores da economia e futuramente os centros integrados de educação popular e os CIEPs profissionalizantes..." (PLANO DE AÇÃO GOVERNAMENTAL DA ÁREA DA EDUCAÇÃO – 1991/95)

A Revista do Ensino saiu em visita para constatar que o que era plano, hoje é realidade. E tudo só foi possível através da ação.

A Escola Estadual de 2º Grau Cruzeiro do Sul, pertencente a 32ª DE, localizada no município de São Luiz Gonzaga, dispõe de uma área de terra de 295ha, onde desenvolve vários projetos e convênios com instituições ligadas ao setor primário da economia.

Por muitos anos esta Escola não passou de uma promessa, hoje a comunidade local e regional participa das mais variadas formas, culminando com a realização de dois dias de campo com técnicos altamente especializados, com participação de agricultores e técnicos de toda a região.

A Direção da Escola, na pessoa de seu Diretor **Ademar de Souza Mendes**, ressalta a aquisição de equipamentos recebidos da Secretaria da Educação: uma Pick-up Toyota, um trator 885 e um microtrator equipado, o que veio realizar as atividades agropastoris da Escola, uma vez

que as máquinas e equipamentos existentes, os mais novos, contavam com quase 20 anos de uso.

Com o Projeto Mutirão também foram resolvidos problemas que se arrastavam no decorrer dos anos, prédios inacabados, hoje estão novos, prédios com problemas de infiltração d'água, problemas nas instalações elétricas e hidráulicas, tudo foi consertado e estão em excelente condições de uso.

O Diretor ressalta ainda, a importância do Repasse Trimestral, especialmente para Escolas com características próprias como esta. "Hoje é possível fazermos uma previsão da produção para o semestre seguinte e até para o ano seguinte".

Esta Escola produz toda a carne consumida (aves, suínos, bovinos e ovinos), produz o leite e o pão consumidos. Estes três itens representam aproximadamente 50% dos gastos com alimentação dos alunos. É claro que para essa produção a Escola conta com recursos do Repasse Trimestral para a aquisição dos insumos necessários.

"Também no aspecto pedagógico tivemos ganhos consideráveis. Estamos proporcionando aos alunos do 3º ano, cursos teórico-práticos sobre inseminação artificial em bovinos e ovinos. A produção de cordeiros, deste ano, na Escola é resultado do curso de inseminação artificial realizado pelo professor Moacir Vargas. Esses recursos são oferecidos além da obrigação da Escola, tendo em vista que não fazem parte do programa constante da grade curricular, mas que na vida profissional destes futuros técnicos, temos certeza, em muito contribuirão.

Temos ainda algumas defi-

ciências, na disciplina de Desenho e Topografia nos faltam dois níveis de precisão e um teodolito e mesa para desenho, já fizemos pedido ao Departamento de Ensino Técnico da Secretaria da Educação e está previsto para 1994 a aquisição, temos certeza, seremos atendidos".

Formas de Integração com a Comunidade

A Escola Estadual de 2º Grau Cruzeiro do Sul possui alguns convênios:

1º) Escola Estadual de 2º Grau Cruzeiro do Sul, Cooperativa Têxtil Regional São Luizense Ltda e Município de São Luiz Gonzaga – criaram na Escola ESTAÇÃO DE PISCICULTURA – que visa ao fornecimento de alevinos (pequenos peixes) para agricultores do Município e região.

2º) Centro de Irradiação de Tecnologia: convênio realizado entre a Escola, Centro de Pesquisa e Experimentação, do Município de Cruz Alta, FUNDACEP, FECOTRIGO. Visa a aplicação de tecnologias modernas na conservação e melhoramento do solo, em cento e vinte hectares (120ha), culminando com a técnica de plantio direto, ou plantio sob a palha, como também é chamado.

Hoje está se buscando a implantação de um Centro de Capacitação Técnica em alto nível, no setor de piscicultura, com as mesmas entidades envolvidas, mais algumas Secretarias de Estado, que dispõem de técnicos altamente qualificados, para isso a Escola está colocando à disposição a Estação de Piscicultura existente, a infra-estrutura existente, ou seja: alojamento, cozinha, refeitório e salas de aulas.

para serem realizados aqui pesquisas, capacitação técnica e cursos sobre a piscicultura.

São realizados na Escola dois dias de campo por ano, nas

culturas de inverno e outro nas de verão com a participação de agricultores de toda a região. Esses dias de campo são coordenados pelos técnicos da COOPETRIGO, com a presença de pes-

quisadores da FUNDACEP-FECOTRIGO. Não é necessário dizer, mas os alunos também têm um acompanhamento em todo o processo produtivo e nos dias de campo.



A suinocultura faz parte do currículo técnico da escola, da criação ao abate.



Alunos agricultores verificam as colmeias



A tecnologia facilita o trabalho da ordenha



O aluno vivencia a lida campeira e o tratamento do gado



De todas as etapas: preparo da terra, cultivo e colheita e higienização dos produtos agrícolas.

Os alunos participam...



A ovinocultura desenvolvida pela escola é de lã, a tosquia acontece geralmente em novembro ou dezembro



A criação de aves na escola-Cruzeiro do Sul é destinada ao corte.

O Ensino da Matemática na Escola Agrícola

A disciplina de Matemática na Escola Agrícola Cruzeiro do Sul tem um tratamento todo especial, pois se preocupa com a contextualização do ensino em relação à prática do aluno na parte técnica, que é o referencial maior para quem está fazendo um curso técnico.

"A matemática é uma disciplina cuja previsão de conteúdos é muitas vezes árida para o interesse do aluno, mas sempre que se pode aproveitar, por exemplo, no 2º ano do 2º grau, quando se trabalha arranjos, combinações, fatorial, que na realidade da prática dos alunos aqui não é tão direta, mas a combinação e permutação dão possibilidades que eles calculem as projeções de quantidades, utilizando análise combinatória e é por onde nós tentamos dar sentido a este conteúdo, que aparentemente é o mais distante de qualquer questão prática. É onde eles encontram maior dificuldade pelo distanciamento da aplicabilidade para eles."

Já a trigonometria eles usam na matemática, na fotografia, na parte de terraplanagem da agricultura, pois eles necessitam dos ângulos. A geometria é usada praticamente em todas as matérias técnicas, a geometria espacial idem, principalmente a parte de tronco de pirâmide, pois na hora em que estão serrando uma árvore eles precisam desse conhecimento todo. Então para eles é tudo bem associado. E o rendimento na disciplina é excelente porque eles vivem aquilo que aprendem.

As vezes os alunos trazem situações problema que enfrentaram durante uma aula prática e mesmo que não seja um conteúdo previsto para a série que o aluno está frequentando, o conteúdo é retomado, como é o caso de frações, decimais, regra de três, porcentagem, que são todos conteúdos de 1º grau, mas

que além de serem revisados no 1º semestre do 1º ano do 2º grau, é sempre feita uma pausa, um parêntese para rever a matéria que os está inquietando.

A preocupação com a utilidade da disciplina está presente desde o momento em que é feito o plano de curso, onde é colocada uma observação quanto aos conteúdos que serão acrescidos em função da necessidade e do desejo dos alunos, e de suas dificuldades.

Para a professora Eusaura, o professor de uma escola agrícola tem que ter presente que a realidade do alunado, que frequenta uma escola técnica como esta, é bem diferente da realidade dos alunos das escolas urbanas e por consequência a preparação do professor tem que ser específica. Esta especificidade é mais em termos de disposição de aprender junto com eles, conhecer a rotina de seu aprendizado nas matérias técnicas e práticas, para poder ser suporte e apoio ao seu processo. Além de ter a disposição de integrar-se à vida deles, pois as necessidades de ter um amigo acessível para ouvi-los e compartilhar com eles desse dia-a-dia, com disponibilidade, são grandes.

Industrialização de Alimentos

A professora Terezinha da Rosa Gonzales responsável pelo setor de alimentação da Escola está executando o projeto de in-

dustrialização caseira de alimentos, com as 1ªs séries, que visa a manutenção da própria Escola (almoço, lanche, janta e café). Durante a nossa visita tivemos a oportunidade de acompanhar uma aula prática, onde os alunos fizeram linguiça, torta de mandioca e suco. Vamos dar ao leitor algumas receitas.

Linguiça

Ingredientes:

25kg de carne bovina;

30kg de carne suína;

30 cabeças de alho;

1/2 copo de vinagre;

3 colherinhas de café de pimenta moída;

30g de sal por quilo de carne.

Modo de fazer:

Moer as carnes, misturar bem, acrescentar o sal e os temperos, deixar descansar, mais ou menos por uma hora. Formar bolinhas, passar na máquina com funil próprio enchendo as tripas previamente lavadas com limão, sal e vinagre.

Suco (Fanta)

Ingredientes:

4 cenouras médias;

1 copo de suco de limão;

1 casca de laranja;

1 litro de água;

Modo de fazer:

Liquidificar todos os ingredientes e coar. Após, adicionar mais 3 litros de água. Açúcar a gosto.

OBS.: no lugar dos três litros de água pode-se usar água mineral.

Alunos preparam os embutidos, que serão consumidos pela própria escola.



Projeto Resgate de Crianças que estão fora da Escola

Lígia Oliveira

Conversamos com as Professoras Clara Pimentel e Lucília de Oliveira, Assessora de Comunicação e telefonista da Delegacia de São Luiz Gonzaga, respectivamente. Através de um contato entusiasmado, elas nos contaram que tudo começou com um levantamento feito no ano passado, sobre evasão escolar no município. "A Sra. Delegada resolveu mandar, então, alguém a campo montando uma equipe de pessoas aqui da Delegacia (uma professora e três funcionários)." Ficando como coordenadora do Projeto a Professora Neli Amaral.

"Pensamos em organizar uma ficha e mandar para as escolas estaduais e municipais, para todas as crianças e professores que conhecessem alguém que estivesse fora da sala de aula, informando o endereço e todos os dados possíveis para que pudéssemos localizá-las. Só que o retorno foi muito grande, porém impreciso. Então, pensamos numa forma de chegar até essas crianças. Resolvemos fazer um "arrastão" com a cara e a coragem, pois precisávamos localizá-las, nem que tivéssemos que ir de casa em casa. Começamos pelos bairros mais populosos e pobres. Nós saímos batendo de casa em casa, às vezes nos recebiam meio receiosos, pois não sabiam direito o que estávamos fazendo e alguns até achavam que nós poderíamos estar querendo tomar as crianças dos pais, por estarem mal-assistidas. Até explicarmos e eles entenderem que nós éramos da Delegacia da Educação e nosso único propósito era o de resgatar e propor-



No início tudo era muito difícil

cionar atendimento escolar, foi tudo muito difícil.

Aconteceu inclusive um episódio digno de registro: numa das nossas primeiras visitas, quando chegamos ao bairro, a polícia chegou junto, só que a polícia estava em busca de uns bandidos e começou a atirar. Era ela atrás de bandidos e nós atrás de crianças. Só que a esta altura dos acontecimentos, todo mundo se escondeu. Tivemos que ir embora, mas voltamos no dia seguinte e encontramos crianças fora da escola. Nós chegávamos, batíamos e perguntávamos: Por que aquelas crianças estavam fora da sala de aula? Por que não estavam estudando? As dificuldades foram muitas porque muitas dessas crianças não tinham nem certidão de nascimento para a matrícula, não sabiam ao certo seus nomes, nem idades...

Mas todos aqueles que nós localizamos e matriculamos estão hoje, lá, estudando, na sala de aula. Apesar de estarem fora da idade escolar, a maioria nunca

havia freqüentado a escola, porque não tinha condições de comprar um lápis, não conhecia um caderno ou borracha...

As mães, apesar de envergonhadas nos mostraram as suas realidades, em alguns casos nem roupa as crianças tinham, andavam sem roupa, nus em casa, por isso como é que se poderia esperar que fosse prioridade para essa gente mandar um filho para a escola, se nem o que dar de comer elas tinham? Além disso, uma criança sem comer não tem como aprender. E, mais do que isso, aquelas crianças precisavam de comida, roupa, escola e carinho, acima de tudo, pois o tipo de estímulo que elas recebiam no meio em que viviam era sempre negativo. Elas precisavam alguém com quem conversar e que este alguém tivesse outras coisas para lhe dizer, que não fosse: "Tu és burro" ou até o que a própria família muitas vezes se encarregava de rotulá-las como retardados.

"Ou seja, muitas vezes a ignorância da própria família fazia com que eles escondessem suas crianças, como casos perdidos, que não adiantaria fazer nada porque eles jamais iriam aprender".

"Durante três meses, dia após dia nós mantivemos esse "arrastão". Em alguns dias achávamos um ou dois, em outros matriculávamos dez. A nossa expectativa era de matricular em torno de oitenta crianças, mas a cada dia nós descobriamos por indicação de pais, crianças e pessoas da comunidade, que havia mais crianças não localizadas e fora da sala de aula".

"Encontramos em muitas visitas situações familiares críticas, por exemplo: mãe bêbada apinhando do companheiro e dizendo que não havia crianças em casa, quando na verdade se sabia que a criança estava escondida. Então, a solução era voltar no dia seguinte e tentar encontrar essa mãe sóbria e conversar com ela para que entendesse nossos objetivos e mostrasse o filho ou filha que até então estava vivendo em condições subumanas, pois tínhamos certeza de que esta criança existia através da informação de vizinhos e pessoas da comunidade".

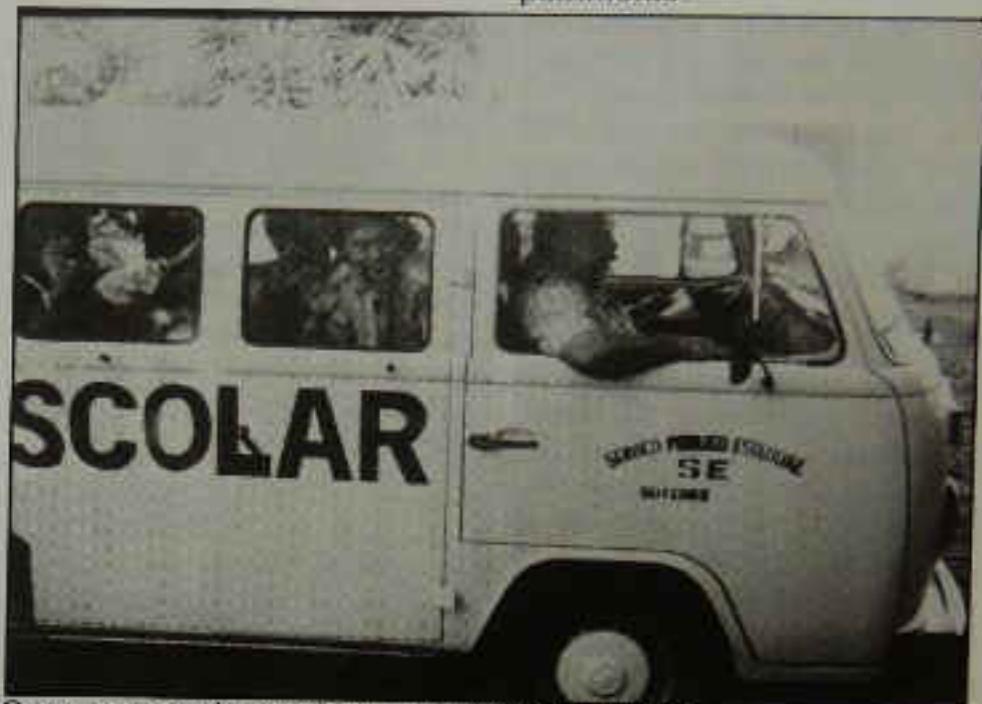
"Depois de todo este trabalho, acabamos reunindo 109 crianças, que hoje estão na escola, comendo (pelo menos três refeições) já que a escola onde elas foram matriculadas começou a realizar um atendimento especial, tipo CIEP, para este grupo de crianças, recebendo o banho diário, aula, carinho e atenção que até então não tinham.

"O início não foi fácil, visto que estas crianças estavam cheias de piolhos, doenças de pele, subnutridas e todo esse atendimento inicial foi feito por nós, inclusive o corte de cabelos..."

Outra preocupação foi em relação à adaptação destas crianças a escola e da escola para com elas, pois na verdade era tudo di-

ferente para os dois lados. Tínhamos medo que eles não voltassem no dia seguinte, então, antes de chegar a Kombi da Secretaria da Educação para o transporte escolar do município, nós fazímos a busca diária das crianças com a viatura da Delegacia e quando não havia motorista, uma de nós mesmo dirigia".

se conscientizaram de que colaborar nesse projeto com um pouco que para eles não faz falta e que para a escola e as crianças é imprescindível, garante indiretamente uma maior segurança para a comunidade, pois são 109 crianças de rua a menos nas ruas e 109 chances a menos de violência contra o seu próprio patrimônio.



O transporte escolar veio facilitar o acesso diário à escola

Foram feitas campanhas junto à comunidade e dentro da própria escola para conseguirmos roupas para as crianças, pois elas não tinham o que vestir para vir para a escola.

Hoje estas crianças nos vêm e nos abraçam, já conseguem externar afeto e seus pais demonstram agradecimento quando nos procuram para saber como seus filhos estão. Há muita emoção em todo esse processo.

Todas as quartas-feiras nós saímos e passamos pela comunidade, entre os empresários para pedir que ajudem, com o que puderem, à escola que recebeu os alunos do Projeto Resgate. O seu Manoel é o motorista que nos acompanhou desde o início e ele ainda vai conosco. O melhor disso tudo é que atualmente, nós não precisamos mais pedir, uma vez que a comunidade, os comerciantes e empresários já

Essas crianças de manhã estão na escola, que graças ao calendário C pode abrigá-las, e depois de almoçarem tem atividades de recreação e oficinas, além do acompanhamento pedagógico.

Este resgate não veio interferir, mas organizar a vida dessas crianças em relação às suas famílias, pois aqueles que não moravam em casa, hoje estão de volta, tem uma rotina organizada e podem inclusive ajudar no orçamento da casa vendendo balas, jornais, sorvetes — tudo proporcionado pela comunidade e comerciantes locais. Então, alguns, após o almoço na escola, saem para trabalhar com uma atividade produtiva, agora, e não mais como pedintes. Este é o caso das crianças maiores; já os menores passam o dia inteiro na escola.

Todas essas mudanças foram conquistas das próprias

crianças, pois após um trabalho inicial em sua aparência e na atenção que recebiam como seres humanos, consequentemente sua auto-estima melhorou e eles passaram a querer participar mais ativamente, tanto de seu novo grupo social, como transformar o grupo em que viviam porque tiveram a oportunidade de conhecer outra realidade, diferente, mais justa e igualitária, com mais horizontes e perspectivas do que tinham antes.

No momento em que se dá uma oportunidade as diferenças desaparecem. Havia muitos temores por parte de pais e escola, quanto à integração destas crianças em relação às outras que já frequentavam a escola no calendário A, que são de outro nível sócio-econômico. No entanto constatou-se que os preconceitos são coisas que construímos ao longo da vida — são barreiras que as crianças não possuem em sua essência, daí a maior facilidade de adaptação que conseguimos entre os grupos.

Tudo se consegue ao dar um tratamento diferente, mais humano, gentil e valorizador do ser humano que temos à nossa frer. Temos que aprender também a respeitar a caminhada e as catarses que essa criança precisa fazer e compreendê-la nesse processo. Por exemplo: no Dia dos Pais um menino deste grupo, pintou a figura do pai de forma drástica, na vertical, depois na horizontal, depois recortou toda a figura em pedaços bem pequenos, colocou dentro de um saco de papel e amarrou a boca do saco com toda a força. O mais importante é que a professora soube entender o momento do menino e estimulá-lo a seguir sem repreensões.

Todo o trabalho teve momentos de dificuldades, mas em nenhum momento pensamos em desistir, pois mais gente foi se engajando e era algo que estava dentro de nós: um desejo de fazer algo mais e que foi proporcionado pela abertura e desejo

da nossa Delegada, mas acima de tudo está sendo significativo para essas crianças e para a comunidade.

Acreditamos que essas crianças, se por algum motivo não puderem seguir seus estudos, esta experiência, nós temos a certeza, elas jamais esquecerão. E ela será sempre um marco em suas vidas e nas nossas. Acreditamos mais, que esta experiência poderia ser imitada por qualquer município, em todo Estado, com boa vontade, coragem e fé, pois se não fosse isso e o nosso espírito de equipe talvez tivéssemos parado no primeiro obstáculo, mas agora que experimentamos não temos mais volta — é fazer sempre — independente de administração e das atribuições que tenhamos no futuro".

Escola Estadual Rui Barbosa de São Luiz Gonzaga

Segundo a Professora Cleusa Dias, diretora da Escola Estadual Rui Barbosa "esse resgate tem um cunho social para estas crianças que estavam na rua, marginalizadas. Temos atualmente 109 crianças matriculadas, delas algumas estavam totalmente marginalizadas do processo educacional, outras estavam freqüentando a rede munici-

pal. O início do trabalho não foi fácil e até hoje se enfrentam alguns problemas."

Para a supervisora Denise Verli "a escola teve que sofrer uma grande adaptação para receber estas crianças, assim como as crianças também sofreram, pois um exemplo claro disso é a questão da formação de hábitos, que elas não tinham. Esta teve que ser priorizada antes de nos preocuparmos com o pedagógico. Faz praticamente um semestre que estamos com eles aqui e os professores têm trabalhado muito e muito mais há que ser feito. Agora, superados os problemas iniciais, estamos entrando em contato com a coordenadora do Projeto para realizarmos uma avaliação mais apurada numa turma de 1^a série que foi formada com estes alunos, tendo em vista uma avaliação da psicóloga, pois ao ingressarem, pelo menos onze destas crianças, foram consideradas "especiais", mas sem uma avaliação psicológica. E nós, enquanto escola, vemos a necessidade de redimensionar esta classificação. Quanto às professoras, todas tiveram boa aceitação da proposta do Projeto, mas o perfil destas crianças era bastante difícil, embora todas elas trabalhem dentro de uma proposta construtivista e estivessem abertas a esse trabalho. Há diferenças entre as crianças

"Que os nossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos que as grandes proezas da História foram conquistas do que parecia impossível". (Charlie Chaplin)

Um lema da escola



que a escola estava acostumada a atender e essas que recebemos em função do Projeto Resgate. Na verdade a escola sofreu, as crianças daqui sofreram e as que chegaram também sofreram, até que depois de mais de um semestre de convivência se conseguisse harmonizar as diferenças.

Estas crianças estão acomodadas no calendário C e recebem da escola um atendimento em tempo integral, ao estilo do proposto pelo CIEP, ou seja, 4 horas de ensino regular e duas horas de oficinas. E, af, entra um outro problema que tivemos em termos de atendimento, pois multiplicou-se em muito o volume de tempo e material humano para se efetuar essa proposta, pois é toda uma estrutura de louças, banheiros, espaço físico efetivamente que é estruturado para uma demanda de atendi-

mento e foi superexigida.

Judite Rodrigues que é professora de Educação Física ressalta a dificuldade de espaço físico, pois a escola só dispõe de um pátio que é a quadra de esportes. Além disso enfatiza as dificuldades que a escola enfrentou para fornecer 500 alimentações diárias, o que pesou na projeção financeira da escola.

"Temos tido toda a sorte de dificuldades, mas temos levado toda esta problemática ao Conselho da Criança e à Sra. Delegada, para que se consiga as condições para que este projeto funcione e estas crianças recebam o que de melhor pudermos dar a elas."

O que a Escola Rui Barbosa está fazendo, apesar de todas as dificuldades e todas as deficiências, é uma demonstração de disponibilidade da Escola em re-

ceber e atender de forma diferenciada a estas 109 crianças. É mais uma demonstração do espírito de equipe que encontramos nesta comunidade. O pedagógico da escola repensou toda a dinâmica, para permitir o encontro dos professores que ficaram em atendimento a estas crianças, para que eles pudessem se reunir e discutir formas, colocar suas angústias, pois uma colega ajuda a outra, a ganhar segurança frente às dificuldades que têm.

Campanhas para conseguir roupas para estes alunos foram feitas pelos próprios alunos da escola. As professoras fizeram o trabalho de limpeza, banho, corte de unhas, eliminação de piolhos, mas sem uma estrutura adequada, o que lhes tinha dado um resultado bem mais rápido.

A Escola como um todo se mobilizou e ainda conta com um grupo de pais que está sempre atuante, sempre em contato e auxiliando Direção e professores em todos os sentidos. Enquanto CPM e Conselho Escolar dão muito apoio, para pelo menos amenizar todas as dificuldades.

As vezes não é fácil para essa criança de rua se adaptar a um espaço restrito como o da nossa escola e há inclusive um outro projeto acontecendo na Escola Dom Pedro II, que é uma escola rural onde as crianças saem das ruas e vão trabalhar num espaço aberto com hortas e na lida com a terra. Mas as crianças da Escola Rui Barbosa já estão encontrando seu espaço na comunidade vendendo raspadinha, sorvetes, ou ficando nas oficinas que são oferecidas pela escola", nos diz a supervisora.

Para a equipe da escola a continuidade desse atendimento provavelmente se dará em nível de CIEP que está sendo construído, mas a escola estará sempre aberta a essas iniciativas de resgate social, pois como experiência ela é sempre enriquecedora e os faz sentir úteis, mesmo frente a um desafio como este.

Projeto Autor Presente

Lígia Oliveira

É um Projeto do Instituto Estadual do Livro e da Secretaria da Cultura, que é oferecido aos municípios. Em São Luiz Gonzaga é o segundo ano que ele está acontecendo, em nível de Delegacia. As professoras Eve Terezinha Amaral Vieira Marques e Professora Marta Moraes são as responsáveis pelo Projeto.

Ele acontece em São Luiz Gonzaga e em outros oito municípios que fazem parte da abrangência da 32ª DE.

Tem por objetivo levar o escritor até o público, em especial o público escolar, porque as crianças do interior não conhecem o escritor e vêem nele uma pessoa inatingível, quase um mito, alguém distante e diferente. Esta atividade visa desmitificar o escritor e até mostrar que qualquer pessoa pode se tornar um. Então o escritor vai até a escola, no município, e tem um contato direto com os alunos, oportunidade em que os alunos podem perguntar, debater as obras do autor, escolhidas pelas crianças e que são trabalhadas com a orientação da professora de Língua Portuguesa, pela bibliotecária da escola e professora de Literatura.

As culminâncias do Projeto ocorrem quando o autor vem e as turmas das escolas já estão trabalhando com o livro, que eles escolheram.

O primeiro passo foi uma reunião com os professores de Língua Portuguesa, Literatura e Bibliotecários das escolas e de acordo com uma listagem fornecida pelo Instituto Estadual do Livro, dos autores que estariam disponíveis para vir para esta região, os professores de cada município escolheram o autor que iria ao seu município.

Neste ano de 1993, nós tivemos o privilégio de contar com a presença de quatro autores. Foi uma solicitação da Sra. Delegada Vânia Portela para que nos empenhássemos ao máximo para que esse projeto se desenvolvesse em nível de todos os municípios e não ficasse restrito ao município sede. Fizemos, então reuniões em todos os municípios para efetivamente implantá-lo em toda sua extensão e tivemos a grata satisfação de receber um retorno mais do que satisfatório por parte de todos os professores, pois é um projeto bastante arrojado e trabalhoso. Ele implica em despesas de alojamento e deslocamento dos escritores e tudo isso é por conta da Delegacia.

Já estiveram conosco os escritores Newton Alvim, que é nosso, aqui de São Luiz Gonzaga, pois começamos com o "prato da casa", a Mara Rosler, que é de Santo Ângelo, uma escritora da nossa região, Antônio Holfeldt, que já havia trabalhado em 1990 e novamente está vindo, porque os professores insistiram no retorno dele, em função do trabalho ter sido muito bom no primeiro momento. E temos como novo em São Luiz, o escritor Paulo Wainberg.

Este projeto em outros anos não foi realizado em nível de Delegacia, mas aconteceu internamente em algumas escolas, com o Newton Alvim. A partir de agora se resolveu ampliar e já estamos com as datas dos pró-

A menina das bolinhas de sabão teve seu "autor presente" em São Luiz Gonzaga.



ximos encontros definidas. Conseguimos colocar mais de 1.300 livros dos escritores em contato com os alunos de nossa rede escolar.

Atualmente as culminâncias, como chamamos, ocorrem da seguinte maneira: o escritor vem até o município e as coordenadoras é que organizam a culminância de acordo com a escolaridade e o título da obra que foi trabalhada. Então um autor que se dedica essencialmente à literatura infantil vai trabalhar basicamente com a clientela de currículo por atividades. Esse escritor tem um dia definido em que trabalhará com todos os alunos do currículo que trabalharam em determinada obra. Num primeiro momento a escola apresenta a sua interpretação da obra lida, através das artes plásticas, das artes cênicas e da música. Depois de toda esta amostragem que os alunos fazem a respeito do livro, ocorre o debate entre alunos e escritor, onde os alunos questionam o que o ele quis passar na sua obra, por que ele escreveu aquilo, daquela forma, em que momento ele teve a inspiração para escrever, o que o motivou a escolher este tema.

A primeira experiência que nós tivemos foi muito boa, pois o escritor se surpreendeu com a interpretação que as crianças conseguiram dar para sua obra, pois cada um tem uma interpretação do que lê. E nossas crianças fazem uma leitura, depois uma releitura, uma interpretação e uma reinterpretação, o que gera uma recriação da obra lida, inclusive com a confecção de ladrinhos pelas crianças a partir da obra trabalhada, ou seja, recriaram a história do autor e escreveram suas próprias histórias, dando interpretações muito pessoais do que eles entenderam da obra.

Isso tudo surpreendeu o próprio Antônio Holfeldt. Numa avaliação do projeto ele reverenciou São Luiz Gonzaga como o município que o surpreendeu de forma positiva, especialmente em relação a uma de suas obras chamada "A Menina das Bolinhas de Sabão", pois foi o livro mais trabalhado naquela ocasião e que mais emocionou o escritor.

"As crianças encontram-se plenamente envolvidas e é importante salientar que tudo isso feito é com o repasse dos livros das editoras que nos mandam com desconto e preço bem mais acessível. Nós repassamos para as escolas, que adquirem de acordo com as suas possibilidades. Pois uma escola, que só possa adquirir dois ou três exemplares é possível com esse pequeno

número de livros ser realizado o trabalho em sala de aula e depois esses livros vão para o acervo da biblioteca. Numa outra escola em que o poder aquisitivo dos alunos seja maior e eles queiram adquirir o seu livro, têm acesso a isso, de acordo com a sua realidade".

É importante salientar que este projeto não está condicionado à compra de livros, pois se houver apenas um exemplar do livro na escola, ele será trabalhado e o escritor virá para o trabalho de culminância e contato com os alunos da mesma maneira.

"A nossa intenção é oportunizar às crianças o contato com a literatura e o autor. O público — alvo deste projeto é da pré-escola até o 3º ano do 2º grau, embora tenhamos escolas que optaram pela literatura infantil, ou seja, apenas o público de currículo, outras trabalhando só de 5ª a 8ª série, outras trabalhando só com o 2º grau. E temos escolas em número significativo que se engajaram ao projeto em todos os níveis".

O trabalho de culminância é itinerante e cabe ressaltar que muitos dos escritores agendados para este ano são de Porto Alegre, e em nenhum momento a distância foi razão de dificuldades para eles virem até aqui atender esse nosso público, o que deixa clara a vontade que o escritor tem de mostrar o seu trabalho e contribuir para o desenvolvimento cultural, pois vemos esse projeto como veículo de difusão de cultura até esses municípios mais distantes.

Tanto se ouve a respeito do fato de que as crianças não gostam mais de ler, que estão cada vez mais se afastando dos livros, e, no entanto, aqui nós encontramos crianças lendo regularmente, interpretan-

do suas leituras, interagindo com seus autores e isso vem desfazer uma imagem negativa e pessimista e garantir que caminhos existem para resgatar esse gosto pela leitura, pois o Projeto do Instituto Estadual do Livro existe e com um pouco de boa vontade por parte das Delegacias e escolas isso é tornado realidade através do envolvimento das pessoas, caso contrário ele seria uma boa ideia que ficaria no papel, apenas.

O envolvimento gerado por tudo isso é tão grande que o Projeto original previa apenas o atendimento das escolas estaduais, mas os resultados foram tão surpreendentes que escolas da rede municipal e particular dos nossos municípios vieram procurar formas de participação e se integraram a nós.

"Pretendemos por isso dar continuidade sempre ampliando o número de obras, número de alunos, de escolas e de professores envolvidos. Porque é um trabalho muito envolvente, toma muito tempo, nos impõe muita responsabilidade, mas é valioso demais para que recuemos, pois os frutos dele são sentidos em sala de aula, no crescimento da produção e do desenvolvimento da nossa criança. E um outro sintoma se constata na nossa feira do livro onde a procura pelos livros aumentou significativamente nos últimos anos, o que demonstra até uma reestruturação de valores nas crianças que passaram a priorizar o que é mais importante comprar — um chiclé ou um livro? Isso tudo nos dá a certeza de estarmos investindo no caminho certo e de que vale a pena ousar sempre". Mas, acima de tudo, nada teria sido possível fazer sem o trabalho incansável dos professores em sala de aula, que são os efetivos ativadores e incentivadores para que as coisas aconteçam. A

O Negro e a Educação / 32º DE

Ligia Oliveira

A coordenação do Projeto "O Negro e a Educação", na 32ª Delegacia de São Luiz Gonzaga, está a cargo das professoras Léa Ribeiro e Lia Magda, que, após reuniões junto ao Departamento responsável por este projeto na Secretaria da Educação voltaram para São Luiz Gonzaga encantadas e motivadas no sentido de divulgar, dar a conhecer e valorizar a cultura negra e seus legados ao nosso povo, inclusive levando palestrantes para atuar junto às escolas.

Num trabalho multiplicador, elas levaram até as escolas e professores as propostas de trabalho que se ampliaram de forma criativa e enriquecedora para alunos, professores e comunidade.

Apesar da população ter sua formação étnica baseada em descendentes de imigrantes alemães, o aprofundamento de estudos sobre a cultura afro, sua língua, música, religião, culinária e valorização do negro como importante elemento na formação do nosso povo efetivamente vem acontecendo.

Entre inúmeras atividades encontradas, a Revista do Ensino selecionou alguns exemplos de trabalhos feitos pelos alunos em sala de aula para registrar e proporcionar a reflexão do dia 20 de novembro — Dia da Consciência Negra.

Sempre permeados dos objetivos de fazer justiça à raça negra, colocando-a em lugar de destaque

na história, dar conhecimento dos feitos heróicos do negro ao longo da formação da nossa cultura; construir e fortalecer a dignidade e personalidade do ne-

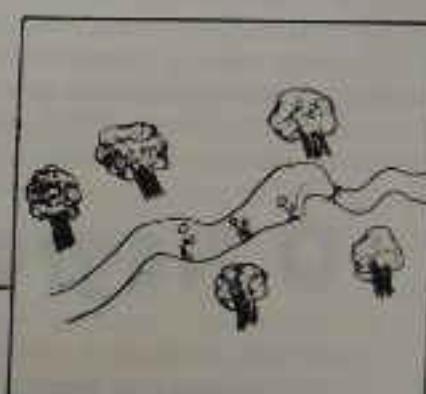
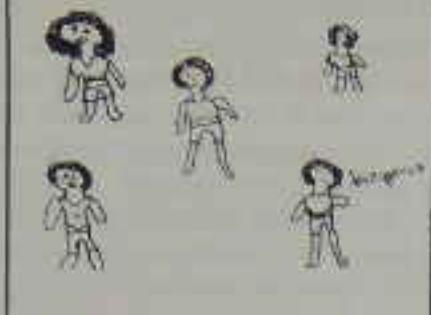


Professoras Lia e Léa foram as multiplicadoras do Projeto Negro e Educação

gro nesta sociedade multiracial — num espaço político-social latente e consciente, é que o Projeto vem acontecendo.

Através da utilização de multimeios encontramos entre tantos exemplos de execução deste Projeto como o que segue, que fez uso da telenovela **Sinhá Moça** da Rede Globo:

A V i d a d o s e s n e g r o



O negro é muito pobre. Quando o negro faz novela ele faz papel de pobre ou empregado escravo.

No tempo que os negros eram escravos eles não comiam e não bebiam, quando o negro estava doente os fazendeiros não davam remédio.

Quando o negro estava cansado ele caia no chão e os guardas surravam, e às vezes os negros fugiam para um lugar seguro e os fazendeiros os achavam e destruíam as casas que eles construíram e botavam fogo nas outras.

O chefe dos negros era Zumbi.

Um dia os fazendeiros pegaram um negro e julgaram até que ele falou onde está Zumbi e os fazendeiros pegaram Zumbi e mataram.

Na fazenda Aruana havia muitos escravos, todos negros. Ah! mas havia um negro barbudo e cego que vivia dentro da sensala, era o Furioso, era filho do pai João que morreu apanhando no tronco.

Os escravos deviam trabalhar 15 horas por dia.

Mas eles paravam no meio da lida e conversavam tudo e mesmo sonho ir embora para o Quilombo.

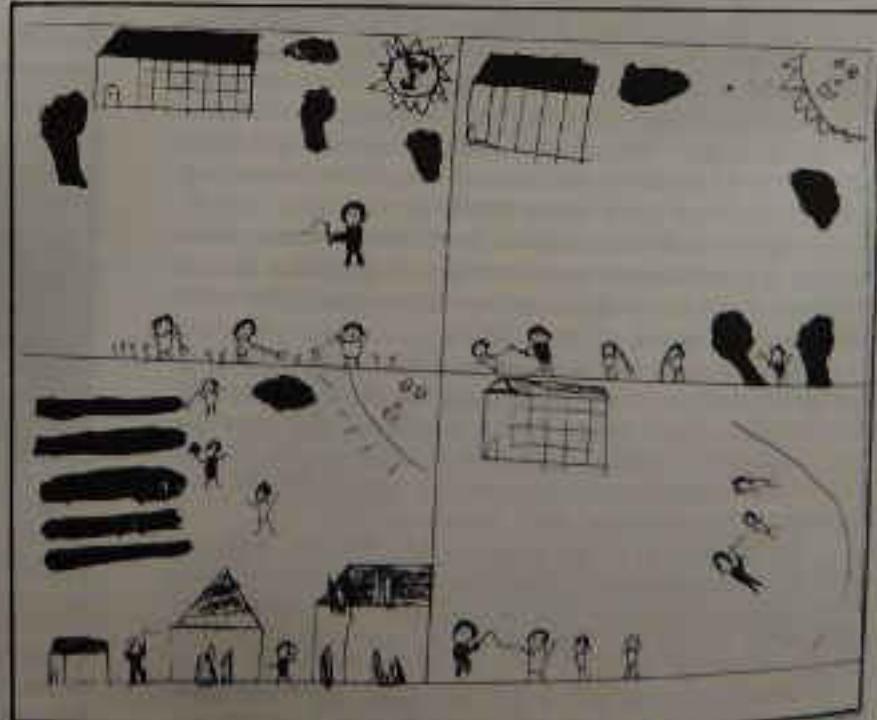
Mas eles continuaram com a prosa.

Derrepente o capitão-do-mato chegou e rouhou a discussão mas o capitão, era esperto e levou os dois para o tronco.

Dá pena de ver, coisa ruim que era o capitão-do-mato.

Depois da surra eles tiveram força para ir em direção do Quilombo.

Quem diria conseguiram fugir.



Educação Física — uma Forma de Integração

Ligia Oliveira

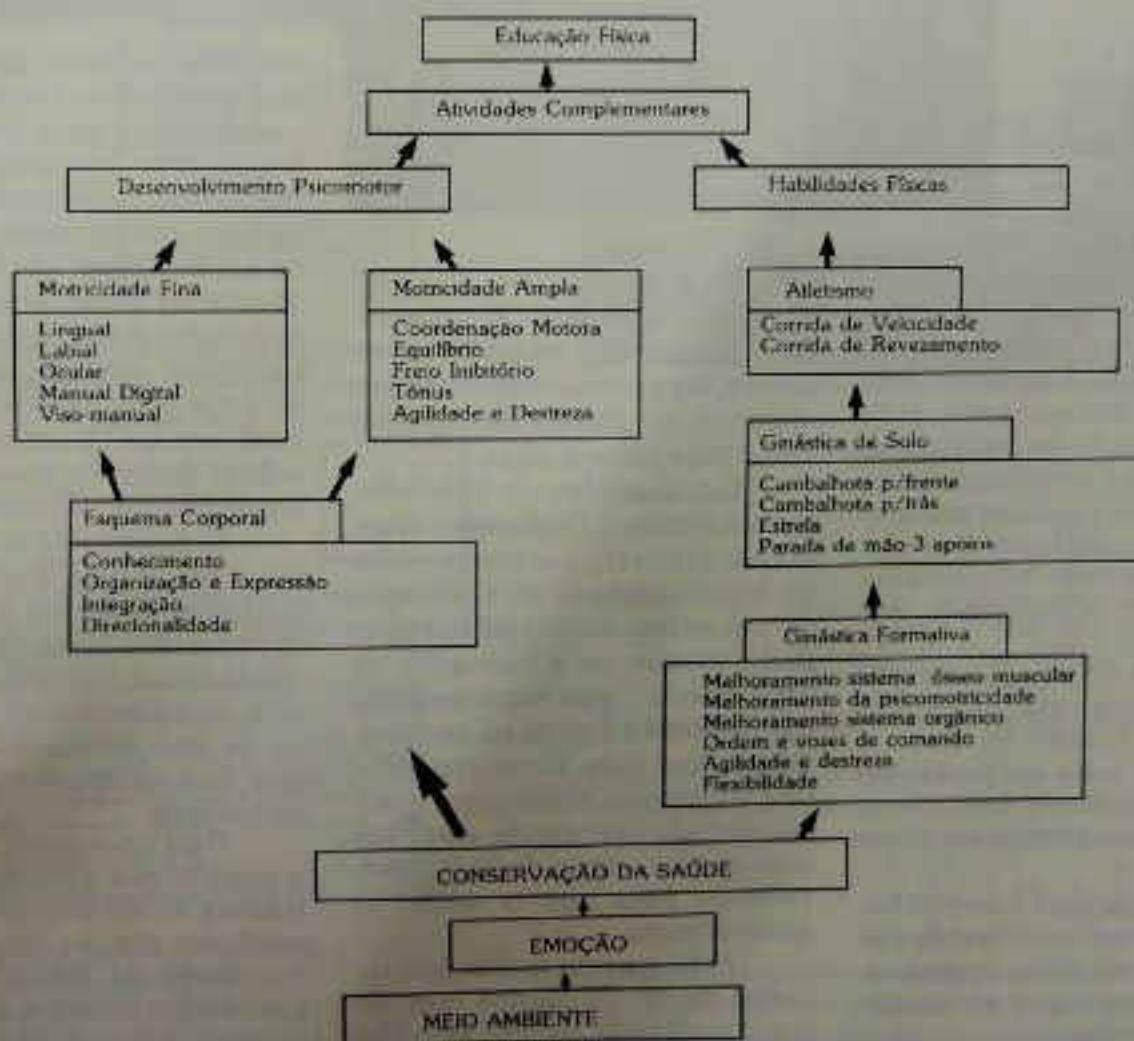
A Revista do Ensino, em visita à Escola Estadual de 2º Grau GOMERCINDA DORNELES FONTOURA, de Encruzilhada do Sul, teve a oportunidade de conversar com a professora Nádia Soares de Almeida, que é professora de Educação Física da escola, mas que tem uma proposta muito dinâmica de trabalho, assumindo, enquanto professora e orientadora das alunas da turma de magistério, uma postura interdisciplinar.

Vê a Educação Física como apoio e suporte a outras disciplinas e ao trabalho docente desde as séries iniciais.

Além da proposta curricular que ela nos manda em forma de esquema, ela ainda desenvolve um trabalho de "laboratório" em Educação Física e recreação com todo o material do "CANTINHO DA NADIA" sendo confeccionado com sucata, pelas próprias alunas do magistério e utilizado junto às turmas de currículo da Escola de Aplicação. E posteriormente levado junto com sua criadora para uso em seu estágio e sua prática docente na carreira que se inicia.



Esquema de Proposta Curricular



Ao analisarmos a Educação Física e a Educação Psicomotora concluímos que ambas se completam, não havendo diferenças reais.

O estudo da Educação Psicomotora explica o que até hoje havia sido trabalhado pela Educação Física, porém o traz de forma organizada e seqüenciada com fundamentação científica.

A Educação Física deve ter como instrumento a Educação Psicomotora, principalmente de 1º a 4º série, onde deve atuar como preventivo a todos os insucessos aos quais a criança fica exposta.

A História de um Sonho — Hoje Realidade

* Ligia Oliveira

"Estava à tua na vida,
o meu amor me chamou,
pra ver a banda passar,
cantando coisas de amor..."

Chico Buarque de Holanda

A banda sempre fez parte da vida, das horas alegres e festivas de todas as comunidades. Ao mesmo tempo é um elo integrador muito forte.

A história de uma banda pode variar de local, grupo, objetivo inicial, mas todas têm o poder de mobilizar, envolver e principalmente educar.

Com esta visão é que o Governador Alceu Collares, através da Secretaria da Educação, resgatou as bandas escolares, pois é na criança e no jovem que os efeitos sociais e artísticos mais se interseccionam com a aprendizagem do ritmo, da harmonia. E é onde se inicia todo um processo de aprender a trabalhar em grupo.

Através da doação de instrumentos para todas as escolas públicas do Estado foi dado o passo inicial para proporcionar mais uma vivência importante para as comunidades escolares — A BANDA.

A Revista do Ensino foi conhecer algumas delas, que se formaram a partir deste incentivo, ou até se ampliaram as iniciativas já existentes.

Estivemos na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ildo Meneghetti, na Resinoga, onde descobrimos um pouco da história da banda desta Escola.

Segundo a Diretora, professora Maria Alice Mendes Ribeiro, "... havia escolas, havia crianças, havia pro-

A banda da Escola Rio de Janeiro tocou no aniversário da secretaria



fessores e aconteciam os desfiles... ano após ano. A comunidade participava, os pais colaboravam, os professores se empenhavam, os alunos se orgulhavam. Mas faltava algo...

Em dezembro de 1988 chegava à escola a Professora Sheila Dias Galeski, que trazia consigo a possibilidade de realização de um antigo sonho da comunidade escolar — a formação de uma banda, que representasse dignamente a Escola na comunidade e fora dela. Com experiências anteriores, muita garra e acima de tudo um grande amor por seus alunos, ela se dedicou inteiramente para que o sonho se concretizasse.

Hoje a nossa escola tem orgulho de ter 45 alunos fazendo parte da Banda Marcial Ildo Meneghetti, que recebeu instrumentos novos e motivada a comunidade escolar agilizou a compra de uniformes, além de ter conseguido através de iniciativas co-

mo rifas, sorteios, galetes e outras promoções conseguiu arrecadar verbas para levar a nossa banda a se apresentar para autoridades, desfiles em outros municípios e até participar da "Ópera La Bohème" de Puccini, no Teatro da Ospa, em 1991. Outros títulos já foram conquistados por nossa garotada, entre eles, o 3º lugar como Banda Marcial Juvenil, em 1992, em concurso Estadual realizado anualmente no município de Guaporé.

O espírito de grupo, a garra, o amor pela Escola, as dificuldades vencidas uma a uma com paixão, farão destes alunos verdadeiros homens no futuro, pois representam toda esperança de uma comunidade escolar que luta arduamente para ser vencedora.

Para enriquecer ainda mais o registro que a nossa equipe da Revista do Ensino foi fazer para você, no dia do aniversário da Secretaria da Educação Neuza Canabarro, esteve em visita à Secretaria, a Banda Marcial da Escola Estadual de 1º Grau Rio de Janeiro, sob a orientação do Mestre Chico, que soube abranger a homenagem e emocionar os presentes ao evento.

Introdução à álgebra através da geometria

* Prof. José T. Beratojo

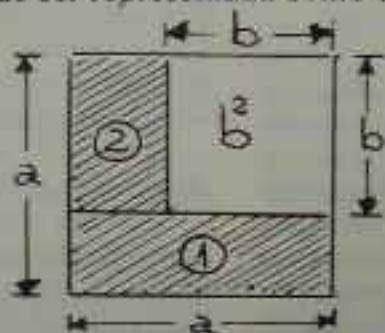


Em continuação ao trabalho publicado com este mesmo título na Revista do Ensino nº 176 de agosto/septembro/93, vamos representar o produto da soma de dois números quaisquer pela diferença entre os mesmos, isto é, $(a+b)(a-b)$.

A área do retângulo ABCD representa o produto de $(a+b)$ por $(a-b)$, veja:



Deslocando o retângulo 2 para a parte superior do retângulo 1, conforme a figura abaixo, vemos que a área resultante pode ser representada como $a^2 - b^2$, veja:

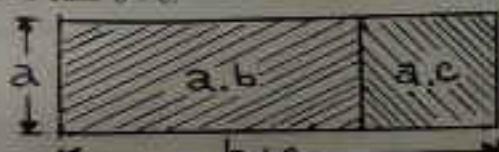


Fatoração

Para apresentar o caso de fatoração colocando um termo comum em evidência, podemos usar um retângulo de lados "a" e "b" e outro de "a" e "c", respectivamente:

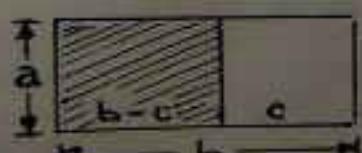


Como os dois retângulos têm a mesma altura "a", podemos juntar os dois num único retângulo em que a altura seja "a" e a base $b+c$:



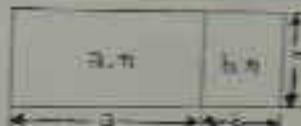
Verificamos, facilmente, que $a.b + a.c = a(b+c)$

Da mesma maneira poderia ser feito com $a.b.a.c = a.(b.c)$.



Fatoração por Agrupamento

Vamos considerar dois retângulos cujos lados são " $a+b$ " e " m " e " $a+b$ " e " n ", como nas figuras ao lado:



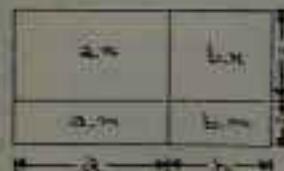
Verificamos que as áreas destes retângulos são, respectivamente, $a.m + b.m$ e $a.n + b.n$.

Como os dois retângulos têm a mesma base " $a+b$ ", podemos formar um retângulo maior que a soma dos dois menores, obtendo, assim, um retângulo de lados " $a+b$ " e " $m+n$ ", o que nos permite concluir que



As aulas de matemática são enriquecidas com o laboratório

$$a.m + a.n + b.m + b.n = a(m+n) + b(m+n) = (a+b)(m+n)$$



Fatoração de Trinômio do 2.º Grau

Queremos fatorar o trinômio $x^2 + 3x + 2$.

Poderíamos representar este trinômio da seguinte maneira (utilizando recortes de papel, papel cartaz, cartolina, etc.)



Tomemos os recortes e vamos compôr, para fins de averiguar, que expressão podemos dar a partir da figura obtida.

Verificamos que é possível formar o seguinte quadrilátero (retângulo) de lados $(x+1)$ e $(x+2)$, ou seja:

$$x^2 + 3x + 2 = (x+1)(x+2)$$



Jogo da Berlinda

* Ruth Fagundes de Oliveira

Eis uma tarefa agradável e divertida.

Não é exatamente um jogo por estar subordinado a uma finalidade que vai além da atividade lúdica. Pela dinâmica lúdica da tarefa é que ao propormos a atividade chamamos "jogo".

Apresentaremos nesta edição a primeira etapa da proposta que é confeccionar o "jogo" (seu material, caracterização, etc.) e uso básico.

Na próxima edição a 2ª etapa explicará outras funções alternativas do "jogo". E na 3ª etapa você receberá uma fundamentação teórica dos múltiplos usos deste "jogo" no processo de alfabetização e sua interdisciplinaridade.

Como misturar no processo de alfabetização as "dificuldades ortográficas" da antiga cartilha transformadas em unidades lingüísticas trabalhando simultaneamente as diversas áreas de conhecimento?

Experimente esta sugestão e depois conte para a gente.

MATERIAL NECESSÁRIO

— 1/2 folha de cartolina ou papel kraft para cada grupo de mais ou menos 4 crianças;

— pincel atômico;

— clips;

— fichas em cartolina com as dimensões (10cm x 8,5cm).

OPERACIONALIZAÇÃO

1 — Formação de grupos de 3 a 4 alunos;

2 — Distribuição do "tabuleiro" em 1/2 folha de cartolina ou papel kraft, onde no meio de cada folha estará desenhada uma figura geométrica (vide ilustração);

3 — Distribuição de fichas em formas geométricas para serem alinhadas, por clip, nas periferias do "tabuleiro" conforme a forma geométrica existente no centro do tabuleiro (vide ilustração).

Nessas fichas deverão ser escritas os

assuntos (plantas, animais, flores e frutas) que servirão como referenciais para classificação das palavras das fichas.

4 — A figura geométrica central de cada tabuleiro será chamada de BERLINDA.

5 — As fichas de palavras (10cmx8,5cm) são distribuídas às crianças por grupos de cores que elas apresentam no verso, ou poderão estar misturadas em uma caixa para que as crianças recolham seu material de jogo de acordo com a cor escolhida, com a cor do seu tabuleiro, ou de equipe (a critério do professor).

6 — Ao professor cabe dar início ao "jogo", informando que as fichas de palavras deverão ser **classificadas** e distribuídas pelos quadrantes do tabuleiro de acordo com os temas já afixados nas periferias do tabuleiro. E que as palavras que as crianças não conseguirem classificar em nenhum dos temas propostos deverão ser colocados na BERLINDA.

7 — Os alunos estarão lendo as palavras, discutindo e classificando-as, neste 1º momento.

8 — A partir desta etapa será proposto que os alunos categorizem e aprofundem a discussão a respeito das palavras que foram para a BERLINDA. Desta forma estarão discutindo os mais variados conteúdos (Est. Sociais, Ciências, Linguagem, etc.).

9 — Depois desta primeira etapa os alunos poderão trocar de tabuleiros e até analisarem a seleção feita pelos colegas que trabalharam naquele tabuleiro e discutir com eles suas classificações.

- ESTE "JOGO" É:
- versátil e barato;
 - atinge simultaneamente vários objetivos como:
 - trabalho em grupo (consenso e opções);
 - desenvolvimento do vocabulário (semântica);
 - experiências de natureza lógico-matemática (classificação e espaço);
 - experiências de natureza física (cor e forma);
 - prático de carregar e guardar;
 - descomplicado para fazer e jogar;
 - introduz e fixa as unidades linguísticas mais complexas;
 - exercita a interdisciplinaridade, trabalhando concomitantemente Estudos Sociais, Ciências e Língua Portuguesa;
 - reversível — os temas colocados, nas BERLINDAS serão também categorizados pelos alunos. Num processo inverso dos temas etiquetados (análise e síntese);
 - desenvolve a motricidade quando do manuseio com fichas, colocação de clips, dobrar e desdobrar as folhas, etc.
- Especialista em alfabetização



**Você cria,
nós divulgamos**

Projeto Melhoria Habilitação Magistério

O Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino tem gerado muitos frutos. A conscientização tem se dado em larga escala e em Encruzilhada do Sul já chegou em nível de formação do profissional da Educação.

Em contato com a Escola Estadual de 2º Grau Gomercinda Dornelles Fontoura, a Revista do Ensino conheceu o projeto "MELHORIA – HABILITAÇÃO MAGISTÉRIO", que já está em andamento e com muito engajamento de toda a comunidade escolar.

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1. DELEGACIA DE EDUCAÇÃO: 6ª DE

1.2. ESCOLA: E. Estadual de 2º Grau "Gomercinda Dornelles Fontoura"

1.3. MUNICÍPIO: Encruzilhada do Sul

1.4. SUPERVISÃO TÉCNICA EM NÍVEL DE D.E.: Ilma.

1.5. COORDENAÇÃO EM NÍVEL DE ESCOLA:

Geral: Juraci Brião de Oliveira

Elisamar Rosa Von Diemen

1º Grau: Maria Alzira Pedroso Batista Luz

Projeto: Maria Alzira Pedroso Batista Luz

1.6. CLIENTE LA: Professora e alunos da Hab. Magistério

Professores e alunos do Curso de Aplicação

Professores e alunos das Escolas Estaduais do Município

1.7. ABRANGÊNCIA: 1º, 2º, 3º e 4º séries Habilitação Mag.

1º, 2º, 3º e 4º séries Curso de Aplicação

1º, 2º, 3º e 4º séries E.E. do Município

1.8. DURAÇÃO: Dois anos – 1993 – 1994

1.9. INÍCIO DO PROJETO: Março de 1993



Escola Estadual de 2º Grau Gomercinda Dornelles Fontoura de Encruzilhada do Sul

2. Resumo da proposta

A Escola Estadual de 2º Grau "Gomercinda Dornelles Fontoura", município de Encruzilhada do Sul, pertence à 6ª Delegacia de Educação, com sede em Santa Cruz do Sul, propõe-se a realizar o Projeto "Melhoria-Habilitação-Magistério".

O Projeto visa repensar o ensino de 2º Grau, integrar os professores do Curso de Magistério, Curso de Aplicação, resgate da postura da aluna de Magistério e melhoria da qualidade de ensino. Para tanto fará uso de monitoria de alunos, em laboratórios de experimentação e vivências pedagógicas, palestras, oficinas, com vistas à melhoria do processo ensino-aprendizagem.

3. Justificativa

Considerando-se que:

– a Habilitação Magistério necessita resgatar sua imagem de curso altamente qualificante e profissionalizante, comprometido que é com a educação de crianças.

– é preciso experenciar, no Curso de Aplicação, através de atividades práticas e com material concreto, os preceitos teó-

ticos desenvolvidos na Habilitação Magistério-monitorias;

— é necessário promover a integração entre Habilitação Magistério e Curso de Aplicação;

— há interesse em atender aos propósitos do parecer 555/86/CEE;

— a criação e a implementação de laboratórios de experimentação e vivências pedagógicas virão revitalizar tanto a Habilitação Magistério quanto o Curso de Aplicação;

— corpo docente e discente estão imbuídos do mesmo propósito e estratégias. E, que tais constatações e necessidades emergiram de uma reflexão profunda sobre sua realidade;

— a proposta construtivista é uma necessidade a ser implantada no educandário, tendo em vista ser uma escola de formação.

4. Objetivo Geral

Proporcionar a integração entre os professores do magistério, visando a uma melhor qualidade de ensino e um aproveitamento mais eficiente do Curso, trabalhando a aluna como um todo.

5. Objetivos específicos

— Realizar reuniões siste-

máticas com as docentes da Habilitação — Magistério e Curso de Aplicação para discutir, analisar e refletir a prática pedagógica.

— Promover encontros educacionais, envolvendo docentes e discentes da Habilitação Magistério.

— Oportunizar vivências em laboratórios de experimentação pedagógica.

— Acompanhar e avaliar sistemática e concomitantemente o andamento do Projeto, desde o início de sua implantação.

— Buscar maior integração com as escolas de 1º Grau da Comunidade, através de reuniões e observação das alunas da Habilitação Magistério.

6. Programação inicial para 1993:

a) Área Afetiva, Emocional (valores)

1º Magistério — Será trabalhado:

a) Responsabilidade: entrega de trabalhos, horário de chegada e saída, desempenho das tarefas que lhes forem atribuídas, sugestão de fontes de consulta para ampliar seus conhecimentos. Professores responsáveis: todos os professores da Habilitação Magistério e auxiliar de disciplina.

Trabalho de conscientização sobre o que é uma auto avaliação — SOE — Maria da Graça Veiga

Período de realização: de março a dezembro

Realização de auto-avaliação.

b) Organização: apresentação dos trabalhos, aproveitamento do tempo (não realizar tarefas em sala de aula que não sejam da disciplina trabalhada).

— Professores de Português — Claudete Cechet e Cleci Soares — SOE — M. da Graça Veiga e demais professores

Período de realização: de março a dezembro

2º Magistério

a) Disponibilidade; Substituição no Curso de Aplicação, com o piano da professora titular e acompanhadas pela professora substituta. Professoras res-

ponsáveis: Iara Pinto Antunes e Maria Alzira P.B. Luz

Organização de atividades extraclasses, envolvendo o aluno. Professores responsáveis: todos da Habilitação Magistério. Período da realização: de março a dezembro.

b) Educação: Serão trabalhados hábitos de cortesia, boas maneiras, etiqueta.

Professores responsáveis: M. da Graça Nozawa e Maria Alzira P.B. Luz e demais professores.

Palestrante: Professora Dionne Moreira

Período de realização: de maio a dezembro

3º Magistério

Com a "bagagem" que as alunas trazem desde o primeiro ano de Magistério mais o trabalho realizado através de análise de filmes relacionados com a Educação, leitura de textos, livros, debates, palestras, as alunas deverão traçar ao final do ano letivo "o perfil do professor ideal".

Professores responsáveis: Claudete Cechet e Cleci Soares e demais professores da Habilitação Magistério.

Período de realização: de março a dezembro.

Trabalho de campo: pesquisa em vários bairros da comunidade, para conhecerem a realidade dos futuros alunos que irão freqüentar nossas escolas.

Professora responsável: Eva Teresinha Ribeiro

Período de realização: de setembro a outubro

Relato de experiências: As alunas do estágio deverão relatar suas experiências às alunas do 3º Magistério.

Professora responsável: M. da Graça Nozawa

Período de realização: novembro a dezembro.

Realização de palestras: Serão convidadas pessoas da comunidade Escolar para enriquecer os conhecimentos das alunas, durante o ano letivo, para as 3ª séries do Magistério.

Professores encarregados: Todos da Habilitação Magistério.
b) Área cognitiva pedagógica

1º Magistério

a) Observação de aulas: de 1ª a 4ª série na escola formadora e demais escolas da comunidade.

Professora responsável: Clárcie S. Corrêa

Período de realização: de maio a junho.

b) Trabalho de monitoria na escola de formação juntamente com as professoras do Curso de Aplicação.

Professora responsável: Maria Alzira B. Luz

c) Recreação e Rodas Cantadas: Trabalho realizado pelas alunas da Habilitação Magistério, com as crianças do Curso de Aplicação.

Professora responsável: Nadia Soares de Almeida

Período de realização: de maio a dezembro

2º Magistério

a) Substituição: esporádica na falta dos professores do Guto de Aplicação, com diário da professora titular e com acompanhamento da professora substituta.

Professoras responsáveis: Iara Pinto Antunes e M. Alzira P.B. Luz

Período de Duração: de abril a dezembro.

b) Recreio Dirigido e oficinas de Ed. Física: nos dias que as alunas da Habilitação Magistério tiverem aula organizaram com as crianças do Curso de Aplicação.

Professora responsável: Nádia N. Soares Almeida

Período de realização: de maio a julho e de agosto a dezembro.

3º Magistério:

a) Substituição no Curso de Aplicação: nas 4ª feiras após o recreio com o planejamento deixado pela professora titular e observada pelas professoras de Didática.

Professoras responsáveis: Maria Alzira B. Luz, M. da Gra-

ca Nozawa, M^a da Graça Veiga, Elisabeth M. Danoski, Clarice S. Corrêa, Eva Teresinha Ribeiro, Nádia S. de Almeida.

Período de realização: de maio a dezembro.

b) Pré-estágio: As alunas da Hab. Magistério-3º Ano desem-

penham a função de regentes de classe, no Curso de Aplicação.

Professora Responsável: Clarice Corrêa e todas as professoras da Habilidade Magistério

Período de realização: uma semana de novembro.

Educação Física:

c) Educação Física: no Curso de Aplicação

Professora responsável: Nádia S. de Almeida.

Período de realização: de maio a dezembro.

MINI-PROJETO "ALFABETIZAÇÃO"

Professora responsável: Didática da Linguagem / Fundamentos Sociológicos

Clientela: 2º Magistério
Tempo previsto: 1 bimestre

Objetivo: Oportunizar situações em que a aluna do 2ºM entre em contato com os alunos e professores da 1ª série, supervisoras de currículo e pais das crianças que estejam em fase de alfabetização.

Desenvolvimento

— Observação de aulas, em classes de 1ª série, e apresentação de relatos sobre o que foi visto.

— Levantamento em Escolas da Rede Estadual e Municipal de dados referentes à matrícula real, aprovados, reprovados, evadidos e apresentação destes materiais à turma.

— Em grupos, entrevista com professoras de 1ª séries e supervisoras para levantamento de causas que motivam os resultados acima.

— Convite para professoras e supervisoras de escolas do Estado e Município, para uma mesa-redonda na Escola, onde serão discutidos os assuntos acima e levantadas sugestões para diminuir o quadro de reprovações.

— Pesquisa de campo, onde serão levantadas os dados referentes ao n.º de crianças nas famílias, as que freqüentam 1ª sé-

rie, se são novos na série ou repetentes, para um próximo trabalho no ano de 1994. (Profª Eva Teresinha)

Avaliação:

Este miniprojeto será considerado satisfatório, se as alunas sentirem-se desafiadas a participar deste trabalho vivenciando-o e emitindo conclusões próprias quanto ao problema, baseadas nos dados coletados e discutidos.

Prof. responsáveis:

Maria da Graça Garcez
Nozawa

Eva Teresinha Rodrigues
Ribeiro



Brique da Rio Branco e a Experiência com a Leitura Além da Escola

Prof. Clara Emilia Hochegger
Prof. Maria Elaine Brasil

Teve início no dia 10 de novembro de 1991, o BRIQUE DA RIO BRANCO, na praça Rio Branco em Santo Ângelo, no Estado do Rio Grande do Sul. A idéia do Brique não é inédita, porém trouxe para a região o evento. através da Lei nº 1414/91 de 14 de setembro de 1991, foi instituído o Mercado de Antiguidades, Artefatos e Manufaturados de Santo Ângelo, junto à praça Rio Branco.

O Brique tem abrangência regional, podendo participar expositores de qualquer localidade do Estado, País ou países vizinhos e visa oportunizar a venda de artigos exclusivos, pretendendo integrar as mais variadas formas de arte popular. Reúne, entre outros, artistas plásticos, artesãos, vendedores de antiguidades, quitutes, pintores em porcelana, escritores, teatralistas, músicos e artistas em geral. Hoje, o Brique reúne, a cada edição, uma considerável fatia da população santo angelense e regional. A tônica principal é a fruição do encontro com os amigos, o chimarrão e a possibilidade de bons negócios, além dos espetáculos programados pela Coordenação de eventos.

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

Aos domingos, das 09 horas às 13 horas.

EVENTOS PARALELOS CRIADOS E EM FUNCIONAMENTO

- Feira do Troca-Troca

- Cantinho de Leitura Infanto-Juvenil
- Brique do Carro Usado.

O CANTINHO DA LEITURA NO BRIQUE DA RIO BRANCO — RS

Já é lugar comum o Cantinho de Leitura no Brique da Rio Branco. Este Projeto nasceu sem maiores pretensões — apenas estabelecer um namoro entre o livro e o leitor. Este contato deve iniciar cedo, com a ajuda de todos os meios dentro e fora da escola.

Não podemos considerar a leitura apenas como lazer, fruição, arte fechada em si mesma e usufruível por uns poucos privilegiados.

A iniciação literária, atualmente, está ligada ao sistema educacional e não se pode pensar em disseminá-la sem primeiro definir um objetivo — estimular o gosto pela leitura.

A leitura pode ultrapassar os muros dos estabelecimentos educacionais e atingir a rua, as praças, contando com a participação do povo, numa intensa troca de afetividade e experiência.

Para nós, que sempre encaramos com alegria e entusiasmo a tarefa de conviver com as crianças, o Cantinho de Leitura é um convívio muito bom, aos domingos, das 9 horas às 13 horas.

Este Projeto também quer encorajar a família, os educadores de que a literatu-

ra infantil é um caminho seguro, uma porta de comunicação com o mundo. Ela deve provocar um diálogo com o leitor, para estimular a participação de seu público, ampliando-se sua circulação. Trata-se de um jogo de sedução, realmente, em que o texto deve continuamente atrair para novas leituras, é um jogo de conceder e mostrar, que vai surgindo pistas significativas para cativar o leitor.

Se quisermos ampliar o processo de reflexão e crítica para todos, é preciso que o contexto político cultural favoreça o diálogo, a associação de grupos e instituições interessadas na formação da leitura, fomento a criação e dinamismo de bibliotecas ambulantes, enfim, transforme o ato de ler e de pensar numa rotina comum a todas as crianças.

Para descobrir o prazer de ler, não custa muito caro, pois levamos para o Brique da Rio Branco, mais ou menos cento e cinqüenta livros, tapetes, almofadas, canetas hidrocores, folhas de papel, tudo num estilo agradável, descontraído.

Os livros utilizados no Cantinho de Leitura respeitam e estimulam a sensibilidade das crianças, porque os autores são os melhores em literatura. As ilustrações são vivas e coloridas, onde a criatividade não tem limites.

Ainda há muito por fazer, mas já se delineiam os caminhos de um projeto que vem ganhando reconhecimento de sua plenitude a ca-

da dia. Quatro estagiárias da Universidade Regional Integrada Campus de Santo Ângelo, RS, Curso Educação, farão seu estágio, no Cantinho de Leitura com as crianças.

Até o presente momento, não utilizamos, necessariamente, nenhum método específico, porque na praça, o que vale mesmo é o prazer de manusear o livro, pintar, criar, recriar.

Sabemos ainda, que o leitor comum é capaz de descobrir os vários sentidos do texto. Basta lê-lo com atenção e carinho, pois cada obra escolhida já possui, em sua imensidão, um projeto estético e ideológico, pois toda leitura deve ter sua lógica, sua coerência.

Em suma, queremos dividir esta experiência, que não é inédita, mas que tem atingido seus objetivos, pois nesse espaço recupera-se o exercício do diálogo e da reflexão, após longo tempo de alienação e autoritarismo. Mas, isto tem de ocorrer num lugar privilegiado que dá importância às relações sociais mais abertas, PROJETO: Cantinho de Leitura no Brique da Rio Branco

TÍTULO: "Cantinho de Leitura"

ÓRGÃOS PROMOTORES:
14^a DE, FuRI e Escolas com Habilitação Magistério

EXECUÇÃO: Alunas do Curso de Magistério e Curso de Letras

COORDENAÇÃO: 14^a DE
PERÍODO DE EXECUÇÃO:
aos domingos, das 9 horas às 13 horas

LOCAL: Praça Rio Branco
CLIENTELA: Criança e adolescente

JUSTIFICATIVA:

Considerando:

A necessidade de programações que visem ao aprimoramento cultural da comunidade, empenhamo-nos em promover o "Cantinho de Leitura", no Brique da Rio Branco com ênfase no prazer da leitura e na valorização da Literatura Infanto-Juvenil.

Oportuno envolver futuras professoras do Curso do Magistério e alunos do Curso de Letras da Fundação Regional Integrada num contato direto com crianças e adolescentes.

OBJETIVOS:

- Despertar o gosto pela leitura;
- Compreendendo a criança e o jovem e ter prazer em trabalhar com eles;
- Incentivar a iniciativa, disposição à cooperação e criatividade para promover a biblioteca em âmbito escolar e comunitário;
- Gostar de lidar com livros e interar-se pela leitura, criação e recriação das obras literárias;
- Oportunizar momentos lúdicos, além de valorizar a expressão oral, escrita e representativa;
- Vivenciar descobertas verbais capazes de despertar tanto a emoção quanto a reflexão;
- Zelar pelo acervo da Biblioteca Ambulante;
- Coordenar a divulgação do Projeto junto à comunidade escolar e interessados em geral, seja através de mutais, jornais, imprensa e convites;

— Participar de eventos culturais promovidos pela comunidade.

Cabe à professora /aluna:

- Discutir com as demais colegas métodos, técnicas criativas para dinamizar o Projeto;
- Comparecer assiduamente ao Brique, das 9h às 13 horas, domingo, sempre que o tempo permitir;
- Orientar o processo de leitura, além de outras atividades correlatas;
- Incentivar o desenvolvimento do trabalho.

FASES DE ORGANIZAÇÃO

Preparação

- Discutir entre alunas, supervisão da B.E., direção das Escolas de Magistério e FuRI;
- Definição de responsáveis pelo Projeto, que coordenará a promoção;
- Contatos freqüentes com Equipe 14^a DE, FuRI e Escolas de Magistério;
- Definição cronograma aos domingos no local.

Execução

- Observar datas e horários;
- Definir e responsabilizar-se pelo trabalho;
- Organização do espaço destinado à leitura na praça Rio Branco.

Avaliação

Avaliação crítica pelos professores e crianças da validade do Projeto Cantinho de Leitura, através de: depoimentos, número de crianças e adolescentes que se utilizam deste espaço de leitura.



As alunas do magistério trabalham com as crianças no cantinho da leitura



A Delegada Olga retorna à sala de aula em plena praça aos domingos.

Alunas do Curso de Magistério de Santo Ângelo estão colocando na prática o que aprendem nas aulas, através de oficinas com crianças realizadas em uma praça da cidade.

Formando uma escola diferente, as oficinas ao ar livre, denominadas Cantinho de Leitura, possibilitam oportunidades às crianças, das mais diferentes etapas do conhecimento, desenvolvendo seu potencial criador.

Os pais deixam as crianças com as professoras na praça onde, através de planejamento prévio, são realizadas atividades como recortar revistas e papéis, pinturas, desenhos, criação de textos, etc. Numa atividade bem diferente da realizada em sala de aula — visto que o ambiente é propício para a criação, sem paredes, em contato com a natureza — as crianças criam, pintam, recortam, produzem através de materiais fornecidos pelas professoras.

Em uma das técnicas utilizadas, as crianças recebem um presente imaginário, onde a forma de agradecimento é a composição de um texto. Então elas dão asas à imaginação, num atendimento praticamente individualizado com muito carinho e atenção das professoras.

No praça as crianças além de noções de Educação Artística, Geografia e História, numa visão interdisciplinar, desenvolvem, também, a visão de globalidade ao se localizarem na praça. A proposta de ensino do Cantinho de Leitura segue a linha construtivista. As alunas têm acompanhamento de professoras e da própria Delegada, Profª Olga, que nas manhãs de domingo, ali no meio da praça,

Além deste projeto as alunas do curso de Magistério desenvolvem outros, como um grupo de teatro com crianças que já faz apresentações na praça da cidade.

Naira Japi — aluna do 1º ano do Curso de Magistério da Escola Estadual de Santo Ângelo.



O Bric da Rio Branco é aberto a todas as formas de expressão

PROJETO ARTESANATO EM LÃ

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 — Título: ARTESANATO EM LÃ
- 1.2 — Órgão promotor: CRES DR. RUBENS DA ROSA GUEDES
- 1.3 — Órgão de apoio: 24º de SE
- 1.4 — Coordenação geral: Direção do CRES
- 1.5 — Coordenador Administrativo: CARLOS C.C. SILVEIRA
- 1.6 — Coordenador Pedagógico: EULANDA BARBOSA
- 1.7 — Clientela: Alunos do CRES e comunidade
- 1.8 — Período de execução: nov. e dez./93 e 1994
- 1.9 — Equipe executiva: professores de defesa sanitária animal e artes; instrutores cedidos pelo mac; alunos e funcionários.

2. JUSTIFICATIVA:

Por ser uma das atividades desenvolvidas em nosso município, a criação de ovelhas tipo lã complementando a renda familiar, justificamos nosso projeto procurando ocupar a mão-de-obra de nossos alunos em trabalhos artesanais, com cursos de suprimento, desenvolvendo todos os processos de lã até chegar ao produto final artesanal, utilizando desta forma a lã produzida pelos ovinos em nossa instituição, confeccionando cobertores, acolchoados, etc., para uso dos alunos.

3. OBJETIVOS:

- 2.1 — GERAL: incentivar a criação de ovinos tipo lã, o beneficiamento e aprimoramento da matéria-prima ao produto artesanal, orientando nossa clientela para uma melhor rentabilidade da família rural.
- 2.2 — ESPECÍFICOS: — selecionar as matrizes existentes da raça tipo lã dentro dos padrões zootécnicos, conservando o potencial genético conhecido em nossa instituição.
 - Estimular nossa clientela a desenvolver um trabalho artesanal em lã com o objetivo de confeccionar cobertores, etc., para o interno, com isto beneficiando o próprio aluno.
 - Incentivar o trabalho artesanal com lã junto ao pequeno produtor rural.

4. RECURSOS FINANCEIROS repasse trimestral a A.C.P.M.

5. DURAÇÃO DO PROJETO: novembro e dezembro/93 e janeiro/94, na etapa dos meninos, sendo reformado nas outras etapas no decorrer de 1994

6. ESTRATÉGIA DE AÇÃO:

- a) contato com o D.F. e S.E. para apresentação do projeto;
- b) contato com a COOPAN e diretoria do MAC (Movimento Assistencial Cacapavano) para conseguir instrutor e material para trabalhar a lã;
- c) tosquia da lã, lavagem e formação dos fios;
- d) confecção artesanal dos fios de lã em cobertores, etc.

7. AVALIAÇÃO:

Será feita por meio de exposição dos trabalhos para verificar o resultado obtido em todo o processo desenvolvido até o produto final, em todas as etapas que o projeto for executado, 1993 e 1994.

TOSA:



LAVAGEM:



CARDA:



FIAÇÃO:



ARREMATE:



GUIAS MIRINS

Lilia Oliveira

São Miguel Arcanjo, um dos Sete Povos Missionários, possui um grupo de 30 alunos, de 4^a a 6^a série, da Escola Estadual Padre Antônio Sepp, que se propuseram a repassar as histórias do Povo Missionário estudando para se tornarem guias mirins.

Seu objetivo é demonstrar orgulho da nossa riqueza cultural deixada pelos jesuítas e índios guaranis, que no passado souberam amar e respeitar essa terra.

O grupo pretende também conscientizar as pessoas da preservação do que restou de um povo e incentivar a valorização de São Miguel, que abriga, hoje, o único Patrimônio histórico da Região Sul.

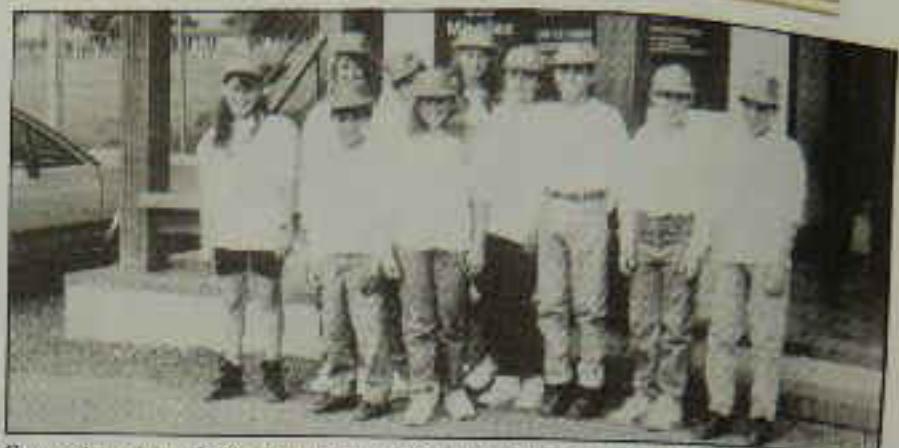
Sob a coordenação da Professora Lúcia Bonete e incentivo da Direção da Escola e da 14^a DE, o grupo de guias mirins nos deu o prazer de acompanhar e esclarecer todas as dúvidas e curiosidades sobre a Redução de São Miguel. Além disso nos enviam o Projeto que deu suporte a todo esse trabalho, que divulgamos a seguir, para que outros grupos possam usar como modelo e ponto de partida para valorizarem sua região de forma criativa e integrada aos currículos escolares.

1 — DADOS DE IDENTIFICAÇÃO.

1.1 — Denominação do Projeto.
Projeto de Formação de Guias Mirins na E. Estadual de 1^º e 2^º Graus Pe. Antonio Sepp.

1.2 — Projeto Integração.
Escola/Comunidade e Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões.

U.R.I. Universidade Regional Integrada na formação de Guias para orientar visitas ao Sítio Histórico de São Miguel das Missões.



Ser guia mirim é estar em permanente contato com a história de sua terra.

1.3 — Fontes de Recursos.

— Secretaria de Turismo do Município de São Miguel das Missões

— Escola Estadual de 1^º e 2^º Graus Pe. Antonio Seppe.

— A comunidade de São Miguel das Missões.

— Comissão Missões 300 anos.

1.4 — Evento.

Dar continuidade ao Projeto de Educação Patrimonial realizado por ocasião das comemorações das Missões 300 anos.

1.5 — Período de Treinamento.

De maio de 1992 a maio de 1993.

1.6 — Local de Realização.

Escola Estadual de 1^º e 2^º Graus Pe. Antonio Sepp.

Município de São Miguel das Missões.

Sítio arqueológico de São Miguel das Missões.

1.7 — Clientela.

Alunos da 4^a, 5^a e 6^a série da Escola Estadual Pe. Antonio Sepp, da faixa etária de 8 a 12 anos.

1.8 — Número de participantes

— um total de 25 alunos da Escola Estadual Pe. Antonio Sepp.

1.9 — Critério de Recrutamento e Seleção.

— alunos voluntários;

— alunos residentes no local;

— alunos com curiosidade e gosto pelo estudo das origens missionárias;

— renda familiar à 3 salários mínimos.

1.10 — Coordenação Geral.

14^a Delegacia de Educação.

Escola Estadual de 1^º e 2^º Graus Pe. Antonio Sepp.

Secretaria Municipal de Turismo.

1.11 — Coordenação do Projeto.

Professora Lucia de Oliveira Bonete.

1.12 — Coordenação Pedagógica.

14^a Delegacia de Educação Santo Ângelo.

Núcleo de Ações Didáticas das Missões.

Universidade Regional Integrada URI.

1.13 — Coordenação Financeira.

Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões.

Secretaria da Educação

14^a D.E.

Escola Estadual Pe. Antonio Sepp.

Comissão Missões 300 anos.

Outros órgãos:

2 – ESTRATÉGIA DO PROJETO

2.1 – Justificativa. Considerando.

– A implantação do Projeto Missões instituído pelo governo do Estado de 1988.

– O fluxo turístico regular de visitação ao monumento Missionário.

– A falta de pessoas preparadas para receber visitas e repassar algumas informações.

– A necessidade do aproveitamento das pessoas da comunidade.

– A necessidade da escola assumir o papel de resgatar e repassar a verdadeira história desta terra.

– A necessidade dos alunos da escola de valorizar e conhecer o Patrimônio que temos envolvendo-se com este.

– A necessidade de despertar na população e comunidade a consciência de valorização e respeito aos monumentos históricos propõe-se o presente projeto.

2.2 – OBJETIVO GERAL

Envolver a comunidade escolar local no resgate e repassar a história Missionária, através da consciência de conservação, conhecimento e valorização do Patrimônio que possuímos em nosso município.

Recursos

- Cartilha das Missões
- Uma história de 300 anos
- Apostilas.
- Livros da literatura Missionária.
- Vídeo.
- Fitas
- Palestras.
- Viagens.

Técnicas

- Estudo dirigido.
- Estudo orientado junto à redução.
- Explanação oral debates.
- Demonstração prática.
- Provas orais e escritas.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	
Meses	ATIVIDADES
Maio	<ul style="list-style-type: none">— Participação do professor coordenador do grupo no Simpósio Internacional das Missões com palestras e oficinas.— Preparação de estudo e pesquisa pelo professor Coordenador do Projeto.— Participação de todos os alunos da Escola nos trabalhos realizados nas oficinas práticas junto às reduções, dadas por arquitetos do IBPC.
Junho	<ul style="list-style-type: none">— Reunião com o secretário do Turismo da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões para apresentação do Projeto.— Convite aos alunos para participarem do Projeto.— Inscrição dos alunos.— Reunião entre a 11ª Delegacia de Educação, Escola e Secretaria do Turismo do Município de São Miguel das Missões, participação da URI para realização do Projeto e demais detalhes.— Seleção dos alunos.— reunião com os alunos com a participação do Secretário do Turismo da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões.— Reunião com os pais dos alunos.
Julho	<ul style="list-style-type: none">— Parte teórica com aulas semanais 2 vezes por semana na Escola.— Estudo junto às reduções.Sessões de videntes, na Escola Pe. Antônio SeppPalestras com arquiteto do IBPC Vladimir Stello.
Setembro	<ul style="list-style-type: none">— Retomada da parte teórica— Participação no desfile da Escola e Comunidade— Visita de estudo ao Museu de São Miguel acompanhados pela museóloga Maria Irineu.— Visita de estudo a Santo Ângelo com visita no museu missionário da URI.— Sessões de vídeo.
Outubro	<ul style="list-style-type: none">— Retomada da parte teórica junto à redução de São Miguel.— Prova escrita.— Prova oral.— Visita à redução de São Lourenço com estudo detalhado.— Visita à redução de São Nicolau com estudos.— Palestra com pessoal da URI.
Novembro	<ul style="list-style-type: none">— Treinamento prático dos guias com o acompanhamento dos alunos da Escola e professores.— Visita à redução de São João Batista.— Retomada da parte teórica junto à redução.
Dezembro e Janeiro	<ul style="list-style-type: none">— Jantar de confraternização entre o grupo de guias com a participação dos pais.— Com a realização do amigo secreto.— Receber o turista que aqui chegar para conhecer.— Realizar o trabalho na redução de São Miguel das Missões.— Estabelecer uma escala para guiar.
Fevereiro	<ul style="list-style-type: none">— Férias.
Marco	<ul style="list-style-type: none">— Reunião de retorno das atividades do grupo.— Inauguração do local de informações turísticas e para os guias mirins permanecerem neste local.— Retomada dos trabalhos.— Recapitulação do conteúdo dado.
Abri	<ul style="list-style-type: none">— Viagem de estudo ao museu vivo de Santo Inácio Mini da Argentina.— Relatório das atividades desenvolvidas na redução de Santo Inácio Mini.
Maio	<ul style="list-style-type: none">— Continuação dos trabalhos de orientação dos visitantes ao sítio.— Oferecer através de ofício, o trabalho dos guias mirins às escolas do município de Santo Ângelo e São Miguel das Missões.
Julho em diante	<ul style="list-style-type: none">— Continuação das atividades dos guias.— Coordenação de Professora

PROJETO POEMAS NA CIDADE

Em Ilópolis, município distante 200 Km de Porto Alegre, as crianças das Escolas Municipais estão brincando de fazer poesia. E com muito prazer. Qualquer assunto serve como tema: a Igreja, o rio, a erva-mate, o lago de Ilópolis, a criança, as "coisas-de-minha-terra", a Pátria, a árvore, os passarinhos, a natureza, a primavera, os cuidados com os dentes, o trabalho na roça, o sonho de ser bailarina, a cascata, os peixes, o sol, os jardins da praça, a Praça Itália, a escola, o patinho etc. Tudo o que pertence ao "chão-da-vida", às coisas e os fatos, é tema para ser desenvolvido em linguagem poética.

As Escolas Municipais estão situadas todas na Zona Rural, cujas crianças são geralmente mais inibidas e quase sem oportunidades de expor o seu pensamento para um público maior, fora do restrito âmbito de sua pequena Comunidade.

Por isto, o Projeto POEMAS NA CIDADE tem, entre suas principais metas, criar um espaço de auto-expressão. A idéia escrita e publicada expõe e valoriza a alma do escritor, além de enriquecer culturalmente a Comunidade. Neste caso, os escritores são as crianças da roça que estão revelando os seus sentimentos, os seus valores, a luta da vida na roça, a sua visão de mundo, a sua sensibilidade. Elas estão conquistando o seu espaço e desenvolvendo a sua cidadania.

A criança da roça não reúne as palavras. A palavra escrita expressa exatamente a sua linguagem, o seu jeito de ser. A poesia "funciona" como um meio desinibidor, um jeito de liberar o seu espírito. A poesia é uma forma própria de expressar a realidade em versos, com ritmo, encanto, sentimento, graça, buscando perceber e comunicar um ponto de vista a aparência e à alma das coisas vivenciadas.

1 - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

- 1.1 - Título: POEMAS NA CIDADE
- 1.2 - Entidade Promotora: Secretaria Municipal de Educação e Cultura — SMEC

- 1.3 - Entidade Executora: Escolas, Equipe de Supervisão e Biblioteca
- 1.4 - Entidades de Apoio: Comércio e Indústria
- 1.5 - Participantes: Professores, estudantes e comunidade.
- 1.6 - Período de Realização: Janeiro a Dezembro / 1993
- 1.7 - Local: Locais públicos e vitrines.

ra, especialmente de poemas;

2 - JUSTIFICATIVA:

Considerando que:

- 2.1 - A cultura é patrimônio e fruto do saber comunitário, sintetizado e expresso através das artes e da literatura.
- 2.2 - É necessário difundir e socializar o saber ao máximo possível.
- 2.3 - A poesia é a mais autêntica forma de expressão da realidade, elaborada pela alma e inteligência humana.
- 2.4 - A necessidade de valorizar o patrimônio literário produzido na cidade.
- 2.5 - A poesia embeleza os ambientes pela alma e os sentimentos belos que ela transmite.

3 - OBJETIVOS:

- 3.1 - Socializar e divulgar em locais públicos e estratégicos a produção literária local.
- 3.2 - Valorizar os trabalhos literários produzidos por jovens, estudantes e pessoas em geral da comunidade.
- 3.3 - Revelar a alma, a sabedoria, os sentimentos e a beleza de gente nossa e das nossas coisas.
- 3.4 - Oportunizar à comunidade e aos visitantes um momento cultural.
- 3.5 - Criar um debate sobre temas diversos.
- 3.6 - Despertar a sabedoria popular.
- 3.7 - Despertar na comunidade, o interesse pela leitu-

4 - ESTRATÉGIAS:

- 4.1 - Contatar com as escolas, especialmente os professores de Língua Portuguesa, Literatura e do Currículo por Atividade, com o objetivo de expor, explicar e debater a idéia e os objetivos do projeto "Poemas na Cidade".
- 4.2 - Cada Escola localizada no município, selecionará, quinzenalmente, uma poesia escrita por seus alunos, e transcrevê-la-a num papel pardo, de tamanho padronizado, com a assinatura do autor.
- 4.3 - Estes poemas serão afixados em locais de boa afluência de público, previamente selecionados.
- 4.4 - A cada quinze (15) dias novos poemas serão afixados.
- 4.5 - A cada evento haverá uma exposição conjunta de todos os poemas.
- 4.6 - Ao final do ano letivo editar-se-á um livreto contendo os poemas produzidos.
- 4.7 - Pessoas da comunidade também poderão participar, entregando seus textos na SMEC.

5 - RECURSOS:

- 5.1 - Humanos:
 - a) professores;
 - b) alunos;
 - c) pessoas da comunidade;
 - d) articulador/ coordenador do projeto.
- 5.2 - Materiais:
 - a) papel pardo;
 - b) pincéis e tintas;
 - c) locais preparados para fixar os poemas.
- 5.3 - Financeiros:
 - a) O custo será mínimo, uma vez que o projeto empregará recursos já existentes.

6 - AVALIAÇÃO

6.1 - A avaliação acontecerá em dois níveis: escolar e

comunitário. No escolar, através da participação e seleção dos trabalhos. Na

comunidade, através da apreciação e repercussão dos trabalhos.

A Revista do ensino traz para você algumas produções das crianças de Ilópolis. Confira!



COISAS DE MINHA TERRA

Quando cuidamos da terra
Frutos bons vamos colher
Guide de quem sempre te espera
Ilópolis, quero ver-te crescer.

A Praça é o cartão postal
A todos que querem te ver
Não destruam, nem façam mal
Para ser sempre lazer.

Não podemos deixar de amar
A nossa terra natal
Ela é tão pura e bela
Que nunca se viu igual.

A terra da Erva-Mate
E seus lindos pinheirais
Sobre a natureza local
No estado não existe igual.

Autores: Rosini da Silva
Rosimeri da Silva
Isabel Fiorentin
Carlos Fiorentin

Alunos da 3^a e 4^a séries da Escola Municipal Pe. José de Anchieta, na Linha Tunas — Ilópolis.

A CRIANÇA

A criança estudiosa
Que só pensa em se formar
Para quando ficar adulta
O seu sonho realizar.

Há criança muito esperta
Que só pensa em brincar
Pobre daqueles adultos
Que delas tem de cuidar.

Que o olhar de uma esperança
Fique cheio de esperança
Que o meu coraçãozinho
Seja sempre bem bonzinho.

A mamãe tem esperança
De uma nova criança
Tudo isto é vida
De uma criança querida.

Autoras: Lucilene Camilotti e
Simone Secco — 3^a Série.

E. M. de 1º Grau Inc. Pe. Kolling —
Linha Pecca — Ilópolis.

DIA DO PROFESSOR

Por sua turma querida
Todo o sacrifício é nada
Merce todo carinho
Quem é assim dedicada

Por isso, mestra querida
Neste abraço com amor
Cada coração pusemos
No meio de cada abraço uma flor

Se somos trinta alunos
Trinta flores, trinta abraços serão
Que enchem a sala de festa
E nos toca de emoção

Autora: Ana Rita Bertuol
2^a Série

E. M. Tiradentes
Linha Santo Antônio — Ilópolis

Espaço do Estudante



CONSTRUA O SEU GRÉMIO ESTUDANTIL



A VOLTA DOS GRÉMIOS

UM POUCO DE HISTÓRIA



DURANTE MUITOS ANOS, OS PRINCIPAIS ESTUDANTES FORAM OS PRINCIPAIS INSTRUMENTOS DE LUTA DOS ESTUDANTES. BRASILEIROS - AS TICOLAS, EM SUA MAIORIA, POSSUÍAM GRÉMIOS ORGANIZADOS E ATIVOS.

NO ANO DE 1968, A DITADURA MILITAR PROIBIU A LIGA ORGANIZADA DOS ESTUDANTES ATRAVÉS DA MEDIDA ESTUDANTIL, PEGANDO SEUS LEDEROS E FECHOU AS ENTIDADES NACIONAIS DOS ESTUDANTES.



O GRÉMIO ESTUDANTIL AGORA É LEI



Em 1988, o deputado Alceu Amorim apresentou o Projeto de Lei que permitiu a criação de Grêmios Estudantis dentro das escolas.



Finalmente, no dia 27 de novembro de 1989, o Presidente da República, José Sarney, sancionou a lei que vai dar uma nova etapa na luta pela organização dos estudantes.

ELABORADA A LEI NÃO FOI TÃO DIFÍCIL, MAS SIM, MUITO VELHA, E PARA TUDO FUI DE VERGEM A MUITA MORTALHADA DOS ESTUDANTES NA ESSA QUESTÃO. E VOCÊ, ENQUANTO ESTUDANTE, QUEM FOI FEITO UM PALESTRA?



POIS QUER PODER FAZER GRÉMIO, VAI PRECISAR QUE HAJA CONDIÇÕES PARA ISOLAR-SE, PARA PODER FAZER ALGO SEMPRE DE TER UM GRÉMIO EM CADA ESCOLA.

FAÇA VOCÊ MESMO

“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”
“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”

“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”
“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”

“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”
“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”

LIDERDADE DE ORGANIZAÇÃO



“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”
“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”

“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”
“ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL, ESTUDANTIL...”

PRO-GRÉMIO, LIGA ESTUDANTIL, A DISCUSSÃO DO ESTATUTO DA ESTUDANTINADA, A DISCUSSÃO DO ESTATUTO DA ESTUDANTINADA.

A COMISSÃO ELEITORAL
PODE MANTER CONFERÊNCIA
COM A ASSEMBLEIA
ESTUDANTIL, FAZENDO
PARTECIPAR DE TODOS OS
ESTUDANTES PARA
APRENDER O ESTATUTO
E PARCERIA DA
ELEIÇÃO.

A COMISSÃO
ELEITORAL
CONVIDA PESSOAS
A PARCIPAR.

ESTRUTURA
ESTUDANTIL
VOCAL
E GERAL

A ASSEMBLÉA ALIMENTA DE
MODO ESTUTUTAL E OUTRA
UNA.

O GRENHO E

A ASSEMBLÉA

POU COORDENADA

PARA TRABALHAR

NA ELEIÇÃO PARA

A DIRETORIA DO

ESTUDANTIL.

ESTRUTURA ESTUDANTIL, COM ASSESSORIA TECNICA, ATIVOS
SOCIAIS, CULTURAIS, ESPORTIVOS, ETC.

ESTRUTURA ESTUDANTIL, PARA COMPROMISSO DE TODOS.

A COMISSÃO DE ELEIÇÕES FAZ
UMA CONFERÊNCIA DE ELEIÇÕES
COM O MELHOR NÚMERO DE ESTU-
DANTES.

QUE SE COLOCAR NA MESA
QUE FAZ A ELEIÇÃO, FAZ
PARTECIPAR DE TODOS OS
ESTUDANTES.

A COMISSÃO ELEITORAL ELABORA O
ESTRUTURA DE ELEIÇÕES, QUE CONSTA A
DATA DA ELEIÇÃO, O PRAZO DE
INSCRIÇÃO DE CANDIDATOS, OS DOCUMENTOS
NECESSÁRIOS PARA A
ELEIÇÃO DA MESMA E DEMAS INSTRU-
ÇÕES REFERENTES A ELEIÇÃO, E
O COLOCAR EM LOCAL VISTO.

A ELEIÇÃO NÃO ADMITE PESQUISAS E SIM RE-
CERDOS, PODE TODOS PESQUISAR O DIREITO DE
DISPUTAR E VOTAR NA ELEIÇÃO, ANTES O MAIS
IMPORTANTE É QUE A ESCOLA POSSUA UM
BOM ESTUDANTIL E SE FAZ TRABALHAR

OS ESTUDANTES.

RESPEITANDO OS PRAZOS DO ELEI-
TIVO, TODO PESSOAS DE ELEI-
CIONAR, SUCEDENDO APENAS
APENAS ORGANIZAR UMA CONFER-
ÊNCIA DE ELEIÇÕES POSSUI A
PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES
DAS DIVERSAS TURMAS, SERTÃO
E TURNO, TODOS O DIREITO DE
PRESENTA-SE, TODOS OS ESTUDANTES
DA ESCOLA E NAO UNA DA OUTRA
TURMA.

VOTE DE
ESTUDANTES

ESTRUTURA
ESTUDANTIL
ESTRUTURA
ESTUDANTIL
ESTRUTURA
ESTUDANTIL
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL
ESTRUTURA
ESTUDANTIL
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ELEIÇÃO SO ELEITO

CONFERÊNCIA DE
ELEIÇÕES ELEITO
CONFERÊNCIA DE
ELEIÇÕES ELEITO

ELEIÇÃO, SO ELEITO
ESTRUTURA ELEITO
ESTRUTURA ELEITO
ESTRUTURA ELEITO

CONFERÊNCIA DE
ELEIÇÕES ELEITO
CONFERÊNCIA DE
ELEIÇÕES ELEITO

O GRENHO NOS PRE-
SENTA E LUTA
PARA MELHORIA
AS MELHORAS CONDI-
COES NA ESCOLA
ALÉS DAS MELHORAS
FESTA, O GRENHO
PODE FAZER DIVERSAS
ATIVIDADES

A SEGUINTE...

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



A LEITURA E PES-
QUISA, NO CONTRÔ-
LAR DA ELEIÇÃO.
POR ISSO, É IMPO-
TANTE SE TRABA-
LHAR PARA MANTER
AS BIBLIOTECAS
ATUALIZADAS E MAIS
BELLAS. E ATRAVÉS
DE SISTEMAS DE
COMPRAVENDA DE
LIVROS, CINQUAN-
TA, TURMA E ESTU-
DANTES E TURMA.

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



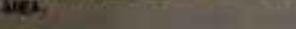
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



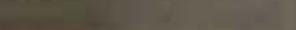
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



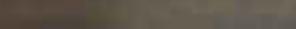
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



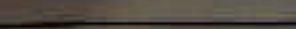
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



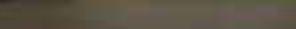
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



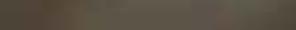
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



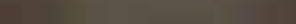
ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL



ESTRUTURA
ESTUDANTIL

ESTRUTURA
ESTUDANTIL

Lavar, Cozinhar, Engomar... Quem trabalhava no Século XIX?

Márcia Conforto

A escravidão consistiu na força básica da economia brasileira. Ela foi inicialmente introduzida no campo e, mais especificamente, nos engenhos de cana de açúcar do Nordeste, em meados do século XVI. O desenvolvimento dos centros urbanos proporcionou o aparecimento da figura do escravo urbano. O papel destes centros era o de entreposto comercial e sede administrativa. Descrevemos trabalhos realizados por cativos urbanos, tendo como base os romances do século XIX.

Alguns dados estatísticos permitem avaliar a quantidade de escravos que viviam em meio urbano. Tomemos como exemplo a cidade do Rio de Janeiro. O recenseamento de 1810 trouxe a população da corte em torno de 60 mil habitantes. O número de escravos seria de 25 mil. onze anos depois, em 1821, a população já alcançava a cifra de 159.291 pessoas livres e 173.775 escravos. Mesmo após a assinatura do tratado com a Inglaterra, que determinou a abolição do tráfico negreiro, em 1850, a população do Rio de Janeiro aumentou para 400 mil pessoas, incluindo 225 mil escravos.

Uma das figuras mais notadas em meio urbano era o negro carregador. Eram escravos que conduziam loda e qualquer carga, independente de porte ou quantidade. Os carregadores de pôtes de leite eram pescadores ou escravos domésticos. Havia os carregadores de cadeirinhas que se destacavam pela sua vestimenta ornamentada. Dona Maria, personagem do livro *Memória de um Sargento de Milícia*, escrito por Manuel Antônio de Almeida (1853), dava ordens a uma escrava "vai mandar aportar a cadeirinha". No livro *As Minas de Prata*, de José de Alencar (1865), as personagens Luiza e a filha dirigiram-se à igreja, "onde já estavam as almofadas de veludo roxo que então as damas faziam conduzir à igreja por padres e escravos".

O artesão livre não andava na rua carregando pacotes ou os instrumentos profissionais. Isto também ocorria com a população livre. A sensual mulata Rita Balana, personagem do livro *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1890), chega em sua casa "acompanhada por um moleque que trazia na cabeça um enorme samburá carregado de compras feitas no mercado — Põe isso tudo ali nessa poda, pequeno! gritou ela ao mo-

leque". Os ofícios de padeiro, calceteiro, impressores, pintores de tabuleiro e ornamentação, construtores de móveis e carruagens, fabricantes de ornamentos militares, artífices de objetos de prata, joalheiros e litógrafos, também eram exercidos pelos escravos.

Muitos cativos trabalhavam ainda como alfaiates, sapateiros, barbeiros e ferradores. Os artífices estrangeiros que chegaram à cidade do Rio de Janeiro trouxeram o apuro e a diversificação das qualificações profissionais do escravo. Nas palavras do historiador Jacob Gotthardt, tornada pelas antiques do luxo, a Rua do Ouvidor dava a impressão de uma via parisiense repleta de modistas, alfaiates franceses. Exceto pela omnipresença de mão-de-obra negra nas oficinas de costuras.

O moleque que carregou a cesta com as compras de Rita Balana era uma figura muito comum, tanto na cidade quanto no campo. Ele aparece diversas vezes nos romances do século XIX. O moleque era um escravo entre 8 e 14 anos. Ele poderia ser o Benedito, criado de Maria Bárbara, "era um pretilho seco, retilho, muito levado, pernas compridas, bigodes enormes, dentes branquissimos. Quebrava muita louça e fugia de casa constantemente". Esta passagem, encontramos no romance *O Mulato*, escrito por Aluísio de Azevedo (1881). No romance *O Cortiço*, encontramos o Valentim. "À noite, às vezes, quando o tempo estava bom, dona Estela saía com o filho e um moleque, o Valentim, a dar um volta até a praia".

Bentoza, a cativa do livro *O Cortiço*, era a escrava de ganho de um velho cego. Conta-nos Aluísio de Azevedo que Bentoza também trabalhava forte, a sua quitanda era a mais bem afreguesada do bairro. "De manhã vendia ongu, e à noite peixe frito e lucos de fígado, pagava de jornal e seu dono vinte mil réis por mês, e apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alfombra".

Muitas vezes, o jornal ganho por um escravo representava a subsistência de uma família. É o caso da família de Seixas, do romance *Senhora*, de José de Alencar (1875). Escreveu o autor que o pai de Seixas, ao morrer, deixou algumas dívidas e hipoteca. Depois de uma difícil e morosa liquidação, a vilã va pôde apurar a soma de doze contos

de réis, além de uns quatro escravos. Partilhados estes bens, dona Comba, a mãe de Seixas, por conselho de amigos, pôs o dinheiro a render na Caixa Econômica, donde ia tirando os juros semestrais com que acudia aos gastos da casa, ajudada dos aluguéis de dois escravos.

Mais adiante, o autor nos conta que "o rendimento da cadernetinha da Caixa Econômica e dos escravos de aluguel andavam em 1.500\$000 ou 1.250\$000 mensais. Como porém a despesa da família subia a 1.500\$000, as três senhoras supriam o resto com seus trabalhos de agulha e engomado, no que ajudavam as duas pretas ao serviço doméstico".

Passemos agora das ruas e vamos entrar nos belos e bem cuidados jardins para falarmos dos escravos domésticos. No regime escravista, os criados eram cativos. A criadagem de Manoel e Maria Bárbara, personagens do romance *O Mulato*, contavam além da Brígida e Benedito "de uma natureza já idosa chamada Mônica, que amamentava Ana Rosa e lavava a roupa da casa, e mais uma preta só para engomar, e outra só para sacudir o pô de trastes e levar recados à rua".

No romance *A Viuvinha*, escrito por José de Alencar (1857), podemos acompanhar algumas atividades dos escravos domésticos. "Ao entrar o escravo preveniu-lhe (Jorge) que uma pessoa o esperava no seu gabinete". "Sentou-se o bacharel em um banco que ali achou, recebeu a xícara que o escravo lhe trouxera". "A moça abriu uma gaveta da escrivaninha e guardou nela os valores, depois que bateu o timpano, a mucama apareceu". A mucama era a escrava doméstica que ajudava as senhoras a trocarem de roupa.

O escravo estava tão integrado à vida das cidades que o personagem Brás Cubas, do romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), após uma estada em Portugal, ao avistar terras brasileiras pensou: "Não nego que ao visitar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era o efeito da minha paixão policial em — o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as colinas, as cenas da meninice, burladas na memória". (grifo nosso).

* Mestre em História na PUCRS

Cultura e Tradição

Maria Eisi Jacques Bellini

Dando continuidade ao trabalho iniciado na edição anterior, abordaremos, nesta oportunidade, o assunto Traje Típico Gaúcho.

2 - TRAJE TÍPICO GAÚCHO

Gaúcho como sabemos, não é uma etnia, mas o resultado do caldeamento das raças e etnias que aqui estavam ou que para aqui vieram: índios, portugueses, alemães, italianos e mais recentemente poloneses, judeus, orientais e outras.

Temos em nossos hábitos, incorporadas, parcelas herdadas de cada uma delas, acrescidas de outras que desenvolvemos, movidos pela criatividade ou por sua "mão" e necessidade.

Um dos aspectos atingidos por essas influências foi, sem sombra de dúvida, o vestuário. Sujeito às necessidades e a um outro fator de relevância a tirra MODA, volátil como quê.

Se relancearmos os olhos para dez anos atrás, podermos constatar as mudanças, evoluções e involuções da moda. Tentemos, agora, visualizar a moda em quase três séculos de História. Não precisa muita imaginação para entendermos que houveram grandes alterações, ao sabor de variadas influências.

Com o advento do tradicionalismo, procurou-se definir o TRAJE TÍPICO DO GAÚCHO, para o que foram realizadas pesquisas sérias e aprofundadas.

Hoje difundido e largamente usado é considerado traje oficial para eventos realizados no Estado, conforme Lei Estadual nº 8.813/89 de 10 de janeiro de 1989.

Existe farta literatura a respeito, resultado do trabalho desenvolvido por renomados e gabaritados pesquisadores. Detalham características, tipos, modelos, peças dominantes, acessórios e épocas em que foram usados.

Ligeiramente divergentes entre si no que se refere a épocas e/ou denominações, concordam quanto à predominância de determinados usos, em determinados tempos.

Cada pesquisador, autor adota em seu trabalho catalogação, visando a melhor compreensão da matéria, alguns fixando os ciclos ou períodos com expressões "de" "a". Se hoje, com toda a evolução dos meios de comunicação, é difícil precisar a moda no tempo de maneira inequívoca, imaginemos o quanto não o seria, num tempo sem televisão, com pouca rádio e alguns jornais.

Preferimos, desta sorte, adotar as denominações utilizadas pela Profª Vera Stedile Zattera.

TRAJE DA PRIMEIRA ÉPOCA



Figura 1

* Masculino
Estancieiro ou Senhor das Vacarias (homem de posses, Fig. 1)

Calções de veludo (bragas), abotoados logo abaixo do joelho.
Camisa de seda ou linho, acabada por babados ou rendas.
Ceroulas de crivo, caíndo sobre as botas russilholas.

Colete de seda ou algodão, bordado;
Jaqueta, normalmente do mesmo tecido das bragas;
Cinturão de couro, por cima de faixa colorida, à cintura;
Chapéu de feltro, copa alta;
Lenços de seda, um à cabeça (moda pirata) e outro menor ao pescoço;

Pala de seda ou de lã leve;
Armas e, na mão, o infalável chicote, espóras de prata.

Peão das Vacarias (homem pobre, Fig. 2)

Chitipá tipo saia, de tecido rústico;
Camisa, somente para os dias de festa;
Botas garrão de potro ou pés descalços;
Ceroulas de algodão ou pernes nuas;
Vinchá ou lenço, prendendo as meleiras;
Chapéu de palha ou, mais raramente, de feltro;
Colete e poncho bicharrá;
Boleadeiras, faca e pistola à cinta.

Feminino

Estancieira ou Senhora das Vacarias (mulher de posses — Fig. 1)

Vestido de seda ou veludo, com bordados ou rendas;
Saias engomadas, com detalhes em rendas;
Sapatos abotinados e meias de seda;
Jóias (em quase exagero);
Cabelos presos, com peneta, flores ou fitas;
Mantilhas ou chales;
Leques e luvas.



Figura 2

China das Vacarias — Companheira do Peão (mulher pobre — Fig. 2)

Saias longa rodada, de tecido rústico;
Blusa de algodão, frequentemente decotada;
Pés descalços;
Cabelos presos em tranças, com flores ou fitas;
Lenço à cabeça.

TRAJE DA SEGUNDA ÉPOCA

Masculino

Estancieiro ou Senhor das Vacarias (homem de posses — Fig. 1)

Semelhante ao deserto na primeira época.

Peão das Vacarias (homem pobre - Fig. 3)

Chitipá tipo iraldo;
Tirador e lago;
Esporas de ferro;
Demais peças, semelhantes às da período anterior.

Feminino

Estancieira, Senhora das Vacarias (mulher de posses — Fig. 1)

O mesmo descrito como primeira época.



FIGURA 3

Mulher Rural — Fig. 3

Saia rodada, com acabamento em rendas ou babados;
Blusa com rendas ou jabôs;
Casacinho de tecido levar;
Travessas ou flores, prendendo os cabelos;
Algumas jóias.
Sapatos abotinados, por cima de meias de algodão ou seda.

TRAJE DA TERCEIRA ÉPOCA

Masculino — independentemente de posses ou haveres
Homem Urbano

Terno ou fatinha;
Camisa branca de colarinho;
Grevata de nó (Windsor e outros) ou borboleta;

Chapéu de feltro;

Sapatos;

Relógio de bolso (no bolso do colete), com contênuo de ouro.

Homem Rural - Fig. 4

Bombachas, com botas fortes;
Camisa comum, por baixo do colete ou casaco;
Lenço (cor conforme o partido político do usuário);
Faca, chaira, chicote;

Tirador;

Tarca e outros acessórios campistas.

Feminino

Vestido de seda, com jabôs;
Cabelos presos por travessas;
Jóias em pequena quantidade (broches e brincos);
Nos pés botinas ou sapatos fechados, sobre meias de seda ou algodão.

TRAJE TÍPICO DO GAÚCHO ATUAL

No século atual, quando foi criado o "35º CTG", houve a necessidade de ser definido um traje característico para os seguidores dessa "nova doutrina". Definiu-se, então, o traje necessário à identificação do "novo gaúcho".

Masculino — fig. 4

Bombachas;
Botas fortes;
Colete, casaco ou blusa campeira;
Camisa (usual);
Lenço (cor preferencial do usuário);
Guinche;
Chapéu (somente a aba aberta);

Pala de seda ou lã leve;
Tirador (momento em atividades campistas).



FIGURA 4

Feminino — Fig. 4

Com o advento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, originado com a criação do "35º CTG", a presença da mulher foi desde o princípio uma realidade incontestável. Para fazer "pendant" com o novo gaúcho (o campesino redescoberto) houve a necessidade de estabelecer um modo de vestir para sua companheira. Chegou-se ao traje de prenda atual, que com marchas e contra-marchas, foi definido pelo 34º Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Caxapava do Sul, em 1989, o qual é composto de:

Vestido longo, até o peito do pé (cobrindo o tornozelo) de uma

só peça, em tecido liso ou de estampa discreta;
Saia de arranjo, sem exageros;

Sapatos pretos, com presilha sobre o meio pé;

Bombachas brancas, cobrindo os joelhos;

Cabelos soltados com flores ou fitas, soltos ou em tranças (presos somente para chinocas);

Jóias ou bijuterias em metal, constituídas de brincos, anéis, pulseiras; correntinhas de pescoço com medalhinhas e nadas de plásticos;

Chales ou fichá (opcionais);

Ausência de relógios ou luvas.

Assim descrevemos as principais peças que foram ou são usadas no TRAJE TÍPICO DO GAÚCHO. Passaremos a descrever agora alguns erros ou falhas cometidos, pelos menos avisados, quanto ao uso da indumentária gaúcha:

— Misturar trajes ou peças de épocas diferentes;

— Usar a cor preta em lenços, camisas, vestidos, saias ou bombachas;

— Usar as cores farroupilhas (verde, vermelho, amarelo, juntas, em roupas ou enfeites das mesmas);

— Usar acessórios não condizentes (frequentemente luvas com vestido de prenda) e outros;

— Usar bombachas ou chitpá EM SE TRATANDO DE MULHERES.

Muito mais se poderia escrever sobre o traje do gaúcho ao longo do tempo, porém fugiria aos objetivos deste trabalho. Assim sendo, passaremos a indicar a bibliografia a respeito, convidando os distintos leitores a se aprofundarem no assunto que é, deveras, fascinante.

* Bacharel em Direito, Administrador e Folclorista Nacional.
Coordenadora da 1ª Região Tradicionalista do MTG-RS

Os personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil Brasileira

Terezinha Juraci Machado da Silva

"Todo o cidadão livre por princípios, e que verdadeiramente ama a sua pátria, desejando-lhe honra e glória, tem obrigação de fazer patentes suas idéias ao público, para que ele imparcial lhe dê o valor que elas merecem.

Ninguém ignora que o cancro que corrói o Brasil é a escravatura: — é mister extingui-la."

D. PEDRO I

"Artigo 1º — É decretada extinta a escravidão no Brasil.

"Artigo 2º — Revogam-se as disposições em contrário."

LEI ÁUREA

Pensar nas crianças e na produção cultural a elas dirigida, significa, com certeza, pensar em termos de futuro pois elas, as crianças, são o princípio, estão no princípio da evolução que se seguirá. Assim, ao pensarmos em futuro, temos que nos voltar ao presente que é onde se firmam as raízes futuras.

Considerando a multiplicidade de coisas que cercam nossas crianças, o livro é o elemento que atua tanto pela presença quanto pela ausência. Muitas vezes mais prejudicial pela presença. Por isso deve ser analisado enquanto fenômeno social, nas suas características, efeitos e funções.

Num rápido passeio por algumas obras infanto-juvenis, partindo da análise e da comparação, viemos observando como são representados os personagens negros e como a caracterização preconceituosa lhes é atribuída, o que nos leva às seguintes reflexões:

- de que forma é feita a representação social dos personagens negros e brancos na literatura infanto-juvenil?
- em termos de emprego, que profissões ocupam os personagens negros e brancos nas estórias infanto-juvenis?
- nas atividades profissionais, consideradas de prestígio e po-

der, negros e brancos aparecem desempenhando de forma igualitária?

- os personagens brancos, em geral, são apresentados nas mais diversas nacionalidades, e os personagens negros?
- no âmbito da religião, os personagens brancos cultuam credos religiosos dos mais diversos, e os personagens negros?
- as crianças brancas, ao longo das estórias freqüentam escolas, são bem comportadas, inteligentes e estudiosas. E as crianças negras?
- nos contos de fadas, príncipes, rainhas, princesas e fadas na maior parte das vezes são louras e de olhos azuis, ou então de pele muito alva, como Branca de Neve. Pode a criança negra, na sua fantasia infantil, se identificar com esses personagens?

Nesta tímida circulação, pinçamos somente alguns aspectos nos muitos que detectamos no cenário das estórias infanto juvenis, nos detendo apenas na questão étnica do elemento negro. Observamos, outrossim, que tais constatações estão presentes não só no gênero infantil mas na literatura brasileira em geral.

Por outro lado, é importante também que se diga que algumas produções destinadas ao público infantil procuram denunciar as injustiças sociais, resgatar os valores humanos, ao contrário daquelas que consciente ou inconscientemente reforçam os preconceitos étnicos e sociais, bem como os estereótipos.

Não há dúvida de que nos é difícil ler seriamente, com isenção qualquer texto que nos chegue às mãos. Por esse motivo as transcrições e considerações que aqui fazemos se justificam, pois, segundo Maria de Lourdes Belchior, "o texto é o resultado final de uma série de contatos, de transmissões e de escolhas em que a sociedade, a cul-

tura e a ideologia se revelam". Nessa linha nos encaminhamos para os códigos ideológicos de que os autores deliberadamente ou não se apropriam.

A título de exemplificação, fazendo parte das obras que classificamos como do primeiro grupo, citamos *Xixi no Cama* de Drumond Amorim (1979), e *Nó na Garganta*, de Mima Pinsky (1980). Ambas, no nosso entender, se enquadram na categoria de narrativa realista, que procura introduzir a verdade através de temas-tabu (para a época), ou seja, abordando o problema do preconceito racial, do racismo mostrado de forma direta, num país que é apontado como anti-racista, mas onde, como todos sabemos, ele existe.

Embora nessas obras não haja por parte dos personagens contestação ou revolta — talvez até uma conformação — eles se mostram aos leitores como indivíduos conscientes. Em *Xixi no Cama* o próprio menino negro vai contando suas experiências e dificuldades que tem de enfrentar para sobreviver à miséria. Sabe que a pobreza e a cor de sua pele são realidades incontestáveis, mas está consciente de seus direitos como ser humano, como indivíduo, como cidadão. É o negro falando de si próprio por meio do artifício literário. *Nó na Garganta* segue mais ou menos a mesma linha, porém o personagem é uma garota negra mostrando a condição humilde de seus pais que vão trabalhar como caseiros de uma casa de veraneio. Também ela toma consciência da sua exclusão, o que a faz pensar sobre a sua situação enquanto cidadã.

Como segundo grupo apontamos *Maria e Companhia*, de Lais Correa de Araújo (1983), obra composta de quatro estórias, entre elas "Maria a Empregada", cuja representação social do personagem principal de pronto se evidencia, não só pelo título como pela ilustração da

capa e das páginas, coerente portanto com o estereótipo que se faz do negro.

Maria, nome dos mais comuns, enquanto representante da mulher do povo é negra, cozinheira e empregada doméstica. O espaço ocupado por Maria é a cozinha. Lá é o seu lugar e de lá não se afasta até o final da estória. Maria é desajeitada, não faz nada direito. "... a panela queimou e Maria ria e ria". Ela não sabia cozinhar. Saía salgando... e ela ria, ria."

As poucas transcrições acima já evidenciam a ideologia do estereótipo. O conformismo e a submissão impostas ao negro, cuja representação se dá através de Maria e se salienta por força da repetição sistemática: "Maria, ria, que ria" "Maria se ria, se ria." "E ria, e na" "Maria não via de tanto que ria". Constata-se assim que Maria não tem voz, não pensa, não reage, não tem consciência de seu papel. Está alienada da sua verdadeira condição. Apenas ri... Que ideologia está subjacente ao RISO desvinculado de alegria ou de uma causa que o justifique?

A desumanização e desvalorização do SER HUMANO NEGRO, enquanto cidadão personificado na figura de Maria, repetimos, não está apenas no RISO SEM CAUSA mas na coisificação que é feita de Maria (p. 12): "a vizinha dizia: Mandava embora a Maria" "... a visitante se intrometia na cozinha e dizia: Me empresta a Maria".

Não negamos que a narrativa é o reflexo da sociedade em que vivemos e nesta medida, reafirmamos, seu discurso está compatível com os estereótipos por ela produzidos. Entretanto, não se justifica o reforço inserido num contexto onde a criança branca ou negra certamente identificará seu grupo social e se verá representada de maneira inferior ou superior, não importa. Na obra em questão, é quase certo que a criança negra se sentirá inferiorizada, a criança branca reproduzirá o estereótipo e ambas se distanciarão pela diferença que o texto lhes projeta, como se fosse uma via

de dois sentidos: de um lado o branco discriminando o negro, até mesmo sem perceber e, de outro o negro assumindo sua própria discriminação e inferioridade, absorvendo estereótipos falsos que lhes são lançados.

Embora seja difícil modificar os valores e conceitos arraigados, pelo menos devemos ser capazes, enquanto educadores, de compreender coisas e pessoas levando em conta não apenas as nossas convicções e padrões, mas também os valores de outras culturas com toda a sua diversidade. Não podemos nos manter calados quando até mesmo na ficção vemos ser negado às camadas menos abonadas ou etnicamente diferenciadas, o direito do pleno exercício de sua cidadania.

Acreditamos que é, também, através da leitura que a sociedade brasileira, tendo como veículo a literatura, fará reconhecer que o NEGRO, tem direito à mesma presença (em qualquer dimensão) que o BRANCO na cultura brasileira, na medida em que denunciar, criticar discriminações e preconceitos de qualquer espécie.

Salientamos que este estudo sobre os Personagens Negros na Literatura Infanto-Juvenil, vem sendo realizado por mim desde 1986, originado no Projeto sobre Cultura Negra e Educação, da Professora Dra. Rhea Silvia Gaertner, da Universidade de Santa Maria, que o enviou à SE, naquela época.

Como "projeto piloto", implantamos nesta mesma data, na Escola de 1º e 2º Graus Monsenhor Leopoldo Hoff, onde leciono, inicialmente de 1º a 4ª série, tendo se expandido até o 2º Grau, o qual permanece até o presente momento, com resultados extremamente gratificantes, sob o título de Literatura Infanto-juvenil.

Acreditamos plenamente que através de uma leitura mais crítica dos textos que nos chegam às mãos, como educadores e não meros professores, poderemos, através da conscientização dos nossos alunos, transportar as barreiras da discriminação.

A produção de livros infanto-juvenis que abordam de uma maneira ou de outra as questões raciais, os preconceitos bem como a discriminação, se apresentam em bom número, entretanto, é bom que se diga, que muitas vezes por detrás de um discurso de igualdade, os papéis atribuídos aos personagens Negros e Brancos não são tão iguais assim. Suas falas não são abertamente preconceituosas, mas a caracterização desses mesmos personagens nos levam a identificar e perceber os mecanismos pelos quais preconceito se revela.

Tal constatação deve nos alertar, como já dissemos para uma leitura mais crítica e profunda dos livros didáticos e paradidáticos que circulam livre e "inocentemente" nas mãos de nossas crianças e adolescentes.

LEITURAS COMPLEMENTARES PARA PROFESSORES E ALUNOS:

ABOLIÇÃO — Um suave jogo político? — Leonardo Trevisan (Ed. Moderna)

SER NEGRO NO BRASIL HOJE — Ana Lúcia Valente (Ed. Moderna)

ZUMBI — Joel Rufino dos Santos (Ed. Moderna)

ZUMBI DOS PALMARES — Severino V. da Silva (Ed. Paulinas)

REINVENTANDO A LIBERDADE — A abolição da Escravatura no Brasil

ED. ATUAL — Antônio Torres Montenegro

AS VÍTIMAS ALGOZES — Quadros da escravidão — Joaquim Manuel de Macedo — Ed. Scipione

REI BRANCO RAINHA NEGRA — Paulo Amador (Ed. Lé)

- Membro da Comissão O Negro e Educação da SE

Representante do Conselho da Comunidade Negra do Est. Rio Grande do Sul

- Especialista em Literatura Infanto-juvenil - PUCRS

• Pesquisadora de Literatura Africana Mestranda em Teoria Literária UFRGS

A REDAÇÃO DE MARIA CLÁUDIA

• Eu resolvi mostrar para vocês uma redação feita pela Maria Cláudia, Maria Cláudia ainda não fez nove anos. Não vou nem comentar. Vocês pensem sobre o assunto e comentem, se quiserem.

Os brancos são muitos diferentes dos negros. Mas depende do branco e depende do negro.

Na minha caixa de lápis de cor, o branco não serve para nada. Só o preto é que serve para desenhar. Por isso os dois são muitos diferentes.

Tem o giz e tem o carvão. Eles são iguais. Os dois servem pa-

ra desenhar. Com o giz, a gente desenha na lousa. Com o carvão, a gente desenha um bigode na cara do Paulinho para a festa de São João.

Nesse negócio de música, não tem branco. Só tem preto. Todos os discos que eu conheço são pretos. Nunca vi um disco branco.

O papel é branco e é igualzinho ao papel preto chamado carbono que escreve em baixo tudo o que a gente escreve em cima.

A noite é preta mas o dia não é branco. O dia é azul.

Então o preto da noite é só da noite. Não é igual nem é diferente de nada.

O leite é branco e o café é preto. De café eu não gosto. Também não gosto do leite, quando ele está branco. Prefiro misturar com chocolate. E aí o leite fica marrom. Marrom como a minha amiga Patrícia.

Outro dia me disseram que a Patrícia é negra, mas ela é marrom. Eu estou com raiva dela porque ela tirou uma nota melhor do que eu na prova de Matemática. Mas eu não quero ser diferente dela. Vou estudar bastante. Na próxima prova, eu e ela vamos ficar iguais.



Projeto: Um Salto Para o Futuro

Carmen Regina Garcia Vigna



"Um Salto para o Futuro" é um projeto que integra o esforço do governo e da sociedade para a concretização dos ideais de modernidade, utilizando como meios os recursos tecnológicos disponíveis que começam a ser democratizados para a rede pública de ensino.

Os recursos da televisão, permitem hoje capacitar os recursos humanos em larga escala, com qualidade e a custos reduzidos, e ainda contribuem para o enriquecimento dos conteúdos comuns em sala de aula.

No Estado do Rio Grande do Sul, o projeto está integrando a proposta "Operacionalização do Programa para a Melhoria do Ensino de 1º e 2º Graus" que a Secretaria do Estado da Educação está implantando nas escolas da Rede Oficial.

O referido Projeto é um convênio com o Ministério da Educação / Secretaria Nacional de Educação Básica, que produz e coordena em nível nacional, Fundação Roquette Pinto, que produz e veicula os programas televisivos e as Secretarias de Educação das Unidades Federativas que são responsáveis pela execução em nível estadual, juntamente com as TVEs locais que providenciam a emissão dos programas.

A televisão prioriza a capacitação dos professores de educação básica, dando ênfase à atualização e ao aperfeiçoamento dos professores de 1º e 4º série do Ensino Fundamental.

O Programa "Um Salto para o Futuro" tem, como proposta teórica-metodológica o enriquecimento dos conteúdos mediante a constituição dos conceitos básicos. É uma proposta que parte da análise cuidadosa dos princípios da Escola Construtivista/Interacionalista, formulados nos trabalhos de Piaget, Sinclair e Inhelder, e da Psicologia da Linguagem Escrita, de Emilia Ferreira Teberosky e Palacios, entre outros.

O programa procura assim, mediante esse embasamento teórico-metodológico, explorar os núcleos conceituais constantes de sua proposta pedagógica, direcionando essa exploração de conceitos básicos nas áreas de Matemática e Língua Portuguesa, com ênfase na Alfabetização.

Também se incorporam à proposta pedagógica do programa os princípios teóricos-metodológicos decorrentes do pensamento histórico-social de Vigotski, Luria, Leont'ev, Bakhtin e no Brasil, pelos trabalhos de Lemos e Smolka, para a construção da definição do que são conceitos e para a compreensão do que eles constituem nas diversas áreas dos conteúdos, tendo em vista ainda, a compreensão das relações entre pensamento, palavra e imagem.

Nesta perspectiva, o diálogo entre o professor e alunos e dos alunos entre si é fundamental para o desenvolvimento do processo.

O conceito, segundo a proposta pedagógica do programa, é a compreensão do todo em suas partes, supondo-se esta relação dinâmica e não estática. Daí o uso da televisão no programa, enquanto meio que articula: imagem, sons, cores, formas e movimento, simultaneamente.

Os conceitos, a serem construídos no processo de interação entre professor e aluno, devem abranger os principais aspectos dos conhecimentos fundamentais para as crianças de Pré-Escolar e do Primeiro Grau. Tendo em vista a diversidade sócio-cultural das escolas, o programa optou por organizar os conteúdos em torno de Núcleos Conceituais — conjuntos de conhecimentos fundamentais — dos quais derivam outros mais específicos, procurando enfocá-los de modo integrado, em todas as disciplinas.

O Programa "Um Salto para o Futuro", transmitido em rede nacional, via satélite, difere-se dos demais programas educativos na sua estrutura, concepção e no uso das tecnologias:

* Sua estrutura inclui bloco didático e bloco de interação ao vivo (áudio), no qual professores cursistas de todo o Brasil podem esclarecer dúvidas com a equipe de professores da TVE no Rio de Janeiro — Fundação Roquette Pinto.

* A programação está elaborada numa linha de construção de conceitos — núcleos conceituais — onde as matérias são tratadas de forma interdisciplinar.

* No desenvolvimento do programa são utilizados: televisor, videocassete, telexfone e material impresso, numa abordagem interativa. Um Boletim Diário com textos referentes às emissões televisivas é oferecido às Secretarias de Educação, para a reprodução e distribuição aos professores envolvidos no programa.

O programa inclui a recepção organizada do programa televisivo, que é feita em 180 postos institucionais. Os cursistas são distribuídos em salas, onde a dinâmica de grupo facilita o processo interativo, que incorpora os recursos da televisão.

Arte no Cotidiano Escolar

* M^a de Fátima Noronha Dantas

Arte é uma forma de expressão que parte da percepção das coisas. No momento em que o indivíduo expressa o que sente, está interpretando o mundo em que vive.

Pela importância que o povo atribui às Artes, conhece-se o nível cultural do mesmo.

Através das Artes as pessoas expressam o que são e como se sentem em relação ao meio. Daí, a Arte SER um elemento gerador de cultura.

A Arte é um estímulo à cultura, pois desperta no indivíduo o desenvolvimento do sentimento intuitivo para expressar algo que ele vê, ouve ou sente, levando-o a formar conceitos, na medida em que forem originais, criativas, e em que forem estimuladas por sensações externas. No momento em que há uma exteriorização do sentimento humano — ela se torna tradição e história e, é comunicadora de costumes, influências e vida de um povo. Na direta proporção em que a Arte for expressão (resultado do ver e do ouvir) do meio em que se vive, buscando o desenvolvimento intuitivo e sensitivo do indivíduo como gerador de cultura.

"Para compreendermos e assumirmos melhor as nossas responsabilidades como professores de Arte é importante saber como a Arte vem sendo ensinada, suas relações com a Educação Escolar e com o processo Histórico-Social. A partir dessas noções poderemos nos conhecer na construção histórica, esclarecendo como estamos atuando e como queremos construir essa nossa história. (Heloisa Ferraz, 92)

E essa nossa história devemos montá-la dentro da nossa realidade de trabalho, com muita boa vontade, ideal e apoio da Direção da Escola. Trabalhando com o material que possuímos, dentro do ambiente escolar: sucatas, material da comunidade, alguns materiais que recebemos e também materiais que os alunos trazem. Não podemos deixar de fazer algo com a desculpa de não termos material para trabalhar. Com um pouco de papel, tintas, podemos realizar algo.

Devemos acreditar nas potencialidades das crianças, pois elas podem nos dar muito, e muito também tem a nos ensinar, pois a vivência que trazem de casa nos possibilitam aprender o quanto elas são importantes.

"Independentemente da Educação, a Arte faz parte da vida da criança, assim como um brinquedo, nasce espontaneamente, como uma necessidade, e, quando livre nos mostra toda a vivência do mundo infantil. Através do desenho de uma criança podemos conhecer todo seu desenvolvimento, pois é a criança, como um todo, que está presente no ato de criação. Como a Educação objetiva o desenvolvimento total do indivíduo, o relacionamento entre a Arte e Educação se justifica completamente". (Miriam Celeste Martins, 79).

* Prof. Educação Artística

O Rio Grande do Sul possui 27 telepostos, sendo 7 na Capital e 20 no interior do Estado, totalizando 21 municípios atendidos pelo projeto.

* Coord. Projeto Um Salto para o Futuro/SE/RS

O Poder da Música

* Ethel Pacheco



É incontestável que a música acompanha o homem desde seu nascimento (cantigas de ninar), até sua morte (hinos e música em ofícios religiosos; marcha fúnebre).

A música é parte integrante da vida do indivíduo desde que inicia o dia até a noite, quando vai dormir. É o rádio, o toca-fitas e a televisão que, continuamente, vão sendo ligados e mudados de um para outro, conforme a necessidade, o ambiente e as motivações internas do indivíduo. E, se perguntarmos para a pessoa mais humilde, sem instrução nem cultura, se gosta de música, ela dirá que sim e qual o gênero que mais aprecia.

Realmente, a música tem o poder de modificar nosso estado de espírito, estados de tensão e, mesmo, como terapia para doentes do sistema nervoso (musicoterapia).

No entanto, se paramos para pensar e perguntar sobre "o que é a música", surgirão as mais variadas e divergentes opiniões, o que, naturalmente, resultará em um sem-número de definições e conceitos.

Como se entende isto? É que, a rigor, a pergunta está mal formulada. Não podemos perguntar que coisa é a música, assim, em abstrato, mas o que a música significa para nós e o que significou para determinado período histórico.

Na definição de um valor cultural, não é possível esquecer sua dimensão histórica.

Em seu transcurso, a música significou coisas muito distintas, sendo impossível deixar de levar em conta estes significados. Fazendo assim, encontraremos uma razão histórica que nos servirá para harmonizar os termos contraditórios e as concepções divergentes. Segundo Romain Rolland, "A música é inerente aos caracteres de todos os povos e de todos os tempos; e quando se conhece sua história e as formas diversas que tomou através dos séculos, já não nos assombramos da contradição que reina nas definições que têm dado os estéticos. Um acharia arqui-

terura em movimento; outro, psicologia poética. Uma a vê como uma arte inteiramente plástica e formal; outro, como uma arte de pura expressão moral. Para tal teórico, a melodia é a essência da música; para o outro, é a harmonia... E em verdade, tudo isto é certo, e todos têm razão".

Toda a definição da música que queira abarcá-la, integralmente, nos deixa uma impressão de incompleta, de deficiente, pois, ao pretender definí-la, temos que considerar a música como um fenômeno, como algo externo a nós, embora, em nossa subjetividade, a sintamos como uma experiência psíquica espiritual.

Assim sendo, vemos que a música não pode ser reduzida a conceitos, e, portanto, expressada através de uma definição. Não podemos precisar em palavras o que "sentimos" quando escutamos música; somente podemos considerá-la como um agente, um estímulo sensorial que põe em jogo a capacidade receptiva de nossa mente.

Finalizando, diremos que, das diferenças existentes nas concepções da música, sem contar aquelas já superadas da magia e da medicina, a mais importante é a que a considera uma ciência e uma arte. Com efeito, durante muitos séculos, a música foi considerada uma ciência e, somente após uma troca considerável de circunstâncias culturais, chegamos à concepção atual da música como arte. A

Professora e escritora.

Graduada em piano, composição e regência pela UFRGS.

TEATRAR



O GRUPO

A primeira turma do TEATRAR foi fundada em 19 de setembro de 1991, em Gravataí tendo como participantes professoras e alunas de escolas particulares, municipais e estaduais. Como trabalho de conclusão da oficina resultou o espetáculo "MEU CORPO POLÍTICO", cujo sucesso surpreendeu, sendo repriseado vinte vezes.

Dando seqüência ao trabalho, o grupo evoluiu, elaborando seus próprios textos. A partir da pesquisa de campo junto à mulheres de Gravataí e trabalhos de laboratório, concluindo então uma segunda etapa de 4 meses, intitulada "Uma Experiência no Teatro Improvisacional", estrearam em setembro a peça "PROFISSÃO MULHER", trabalho este que alcançou sua maior projeção, representando o município na Semana Gravataiense na Casa de Cultura Mário Quintana em novembro de 1992.

As turmas iniciadas, respectivamente, em março e setembro de 1992, contando com representantes de vários setores da comunidade, desenvolveram etapas semelhantes à primeira turma. Realizaram um único evento como finalização de curso, no mês de dezembro. Apresentando uma performance no salão do Colégio Nossa Senhora dos Anjos, aberto à comunidade.

Em 1993, as três turmas, que desenvolviam trabalhos paralelos até então, fundiram-se em um único grupo. Devido à dificuldades encontradas por alguns participantes, como por exemplo, conflitos de horário e sobreengas de atividades o grupo reduziu-se, contando atualmente com 13 integrantes sob a direção de Aloísio Pedersen.

O Professor Aloísio é um entusiasta do processo teatral



A DIREÇÃO

Desde que foram implantadas em Gravataí, as oficinas do "Teatrar" contam com a coordenação e direção de Aloísio Pedersen, professor pós-graduado em Ciências da Educação, com 18 anos de experiência teatral e inúmeras participações em seminários e congressos sobre arte educação.

Além das oficinas e espetáculos que desenvolve, Aloísio Pedersen dedica especial atenção a sua atividade principal, ou seja, artes plásticas. Dividindo seu tempo entre a capital gaúcha e a cidade de Florianópolis em exposições ora individuais, ora coletivas, o artista tem há vários anos o seu talento reconhecido tanto pela crítica, que destaca a sua apuradíssima técnica e grande consciência do fazer artístico, como também pelo mercado consumidor.

O ELENCO

O Grupo Teatrar conta atualmente com treze integrantes, nove atrizes e quatro atores, todos eles foram participantes das oficinas teatrais desenvolvidas pelo Professor Aloísio Pedersen, em Gravataí, a partir de 1991. O Grupo apesar de bastante heterogêneo uma vez que é formado por professoras, comerciantes, estudantes universitários e secundaristas, funcionários públicos e metalúrgicos, tem em comum o seu amor pelas Artes Dramáticas e o objetivo de transmitir sua mensagem de tal maneira que faça seus espectadores refletirem sobre seus ver-

dadeiros papéis (deles, os espectadores) nesta grande tragédia/comédia que são suas vidas em comunidade.

INSCRIÇÕES/ARTEATRAR

Grupo: Teatrar
Local: Gravataí-RS
Coordenação Geral: Aloísio Pedersen

Apoio: Patrocinadores eventuais e comunidades em geral.

- Justificativa:**
Considerando que:
— Nossas escolas não oferecem espaço para o desenvolvimento das artes.
— Faltam locais, nas comunidades, destinados ao desenvolvimento da cultura;
— Há uma grande concorrência da TV agindo, muitas vezes, como reproduutor de conceitos, mensagens e ideologias negativas;
— Não existe, entre as camadas menos favorecidas da população o hábito de frequentar teatros, justifica-se o presente projeto.

- Objetivos:**
— Desenvolver o espírito reflexivo, intuitivo, sensitivo, crítico e criativo, tornando o indivíduo capaz de agir como seu próprio agente transformador.
— Desenvolver o gosto pelo teatro, popularizando esta arte, acreditando que através do espelho de emoções diversas possa se transformar a realidade social vigente.
— Comprovar o mais atual conceito de talento, mostrando que, através do exercício e da experiência significativa é que o indivíduo desenvolve suas potencialidades.

Algo mais em vídeo



Enfocando alguns fatos históricos e temas abordados nesta edição da Revista do Ensino, a CATE — Central de Apoio Tecnológico, da Secretaria de Educação, fez uma seleção de vídeos que podem auxiliar ou subsidiar o trabalho do professor em sala de aula. Confira e mande contar como foi seu trabalho.

Telecurso 2º Grau — Aula 27

A aula 27 do telecurso 2º grau aborda o período de predominância de economia cafeeira de exportação desenvolvida, principalmente, em São Paulo em grande latifúndios cuja mão-de-obra era livre e imigrante.

Neste período, da segunda metade do século XIX, também ocorreu a Guerra do Paraguai, cuja principal disputa entre a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e o Paraguai, era o domínio do comércio pela Bacia do Prata. Para o Brasil, entretanto, a guerra resultou em uma grande dívida com a Inglaterra e, também, na entrada de ideias abolicionistas e republicanas no país.

Assim, após um período de desenvolvimento destes ideais deu-se a Abolição da Escravatura, e a Proclamação da República.

Meu mestre, minha vida

O filme "Meu mestre, minha vida" aborda o problema educacional do negro.

Joe Clark é chamado para dirigir a fracassada Escola de Eastside. Ali, ele inicia um programa de reformas que visa melhorar o nível educacional da escola. Se isso não ocorresse o Estado tomaria posse do ginásio.

Uma história baseada em fatos reais ocorridos no Ginásio Eastside.

Duração: 1h47min

Telecurso 2º Grau — Aula 31

A aula 31 do telecurso 2º Grau trata sobre os acontecimentos, crises e mudanças que sucederam a Proclamação da República.

Após o dia 15 de novembro de 1889, ocorreu uma grande evolução econômica e social que auxiliou no progresso do país. Deu-se a decretação imediata do regime federativo; a aprovação da nova Constituição; o coronelismo; a política "café com leite"; a abolição da escravatura; a expansão da economia monetária; o rápido desenvolvimento das cidades e transportes; a maciça entrada de imigrantes europeus; entre outros.

Telecurso 1º Grau — Aula 28

A aula 28 do telecurso 1º Grau trata sobre a República, suas formas de governo e como foi implantada no Brasil.

A movimentação a favor da República iniciou com a organização de fazendeiros do café e com a criação do Partido Republicano, o qual defendia o federalismo, a democracia, e espalhou-se pelo Brasil conquistando adeptos da classe média.

Em 15 de novembro de 1889 houve a vitória dos republicanos com a Proclamação da

República, a qual veio acompanhada de uma nova Constituição e de uma forma presidencialista de governo.

O negro no Rio Grande do Sul — Etnias, Cultura e Identidade

Duração: 30min

Trata-se da história do negro no Estado do Rio Grande do Sul.

Aborda sua chegada no Brasil através de navios negreiros, como mercadoria. Os negros desembarcavam em portos como o de Salvador, Rio de Janeiro, Recife e Pernambuco.

No Rio Grande do Sul foram transportados para Colônia de Sacramento, onde as jornadas de trabalho eram acima do normal.

O trabalho escravo nas charqueadas, estâncias e nas atividades urbanas, como também a música, as danças, os ritos e a religião possuem destaque nesta fita.

O filme aborda, também, o preconceito na área social na hora de conseguir emprego.

Revista
DO ENSINO



O cinema também como ensino

Glênio Nicola Póvoas

Me é solicitada uma crítica de filme que tenha o ensino como tema, e logo vêm à baila os indefectíveis Sociedade dos Poetas Mortos e Ao Mestre, com Carinho. Não! Não é possível mais. Ainda estes filmes, por favor, não! Então me disponho a percorrer outro caminho.

O que eu penso é: o cinema é o ensino, também. Quer dizer, o cinema pode ser uma forma de ensino. E quando se diz o cinema, estamos aludindo ao conjunto de todos os filmes já realizados, desde as "fotografias animadas" de Louis Lumière até a última estréia ocorrida hoje em Paris ou em Los Angeles.

O ser humano como ser perceptivo que é, vai localizar o que lhe interessa de imediato. Nesse sentido, o filme passa a ser um instrumento de informação, de repasse de conhecimento, de ensino, cumprindo seu papel, podendo muitas vezes frustrar o espectador que imbuiu-se de expectativa (um mal moderno) ou, por outro lado, entusiasmá-lo.

Tem o filme bom e o ruim, segundo critérios subjetivos e objetivos de cada um e de todos. O filme (o diretor) passa a ser o professor e a sala de cinema, a sala de aula. O ritual assemelha-se.

Parece mais interessante então falar de alguns filmes que em princípio não estão relacionados ao tema proposto, como o filme japonês *Tampopo*, de Juzo Itami. Aqui, surge a personagem do professor, do mestre, na figura de um caminhoneiro, um cowboy do asfalto. Ele é o verdadeiro professor, interdisciplinador, estando perto da iluminação. Possui a sabedoria. É ele quem vai "ensinar", conduzir a aluna Tampopo na arte do talharim. Há um caminho a ser percorrido: o caminho do talharim. Professor e aluna vão percorrer juntos este caminho de altos e baixos, de procura, de desertação, por vezes. Com habilidade, o diretor vai costurando a história principal com muitas outras situações relacionadas com a alimentação, seu preparo e a degustação, conferindo-lhe um discreto charme buñuelesco.

O filme é humorado e reflexivo. E fala de uma coisa que os alunos brasileiros, por exemplo, desconhecem, não têm disciplina, regras básicas de conduta que foram abandonadas nas últimas décadas. A sociedade mesmo encarregou-se de abandonar certas regras. No ensino perderam-se a Filosofia e noções de línguas como o latim, e a prática esportiva degenerou-se. Enquanto mostra cinematográfica, *Tampopo* é a prova de interdisciplinariedade que o ensino intente buscar.

Outro filme que vem à mente faz parte da série Decálogo que Krzysztof Kieslowski dirigiu para a TV polonesa e apresentada por aqui na TVE. Trata-se do primeiro episódio, *Um Só Deus Tu Adorarás*, onde o personagem principal é um professor, mas isso não é o que interessa aparentemente. Interessa ao diretor do filme, mostrar o quanto é frágil a nossa vida. Este personagem viverá a ruína. Ele nos revela este outro lado: a "miséria" do homem, do personagem, do professor. Depois de tudo abaixo, tem que recomeçar do zero, mais embaixo ainda. É um professor de Lingüística deslumbrado com as possibilidades do computador.

Um Só Deus Tu Adorarás é a personificação de uma temática contemporânea, o homem versus a máquina, sua invenção que agora sobrepõe-se a ele como "indispensável", como também o cinema passou a ser, ou mais recentemente o vídeo. Ou, num outro nível, como as armas nucleares.

Pensar o cinema como ensino nos possibilita estas leituras. O filme hoje é como um livro. Até o formato de uma fita videocassete assemelha-se ao formato de um livro. O filme-video passa a ser um referencial bibliográfico. A videolo-



O filme *Tampopo* é modelo de disciplina

cadora passa então a ser uma espécie de biblioteca.

Para terminar estas anotações, um outro filme japonês, a mais recente "aula" do mestre Akira Kurosawa, *Madadayo*. O personagem principal também é um professor, mas na sala de aula só o vemos uma única e derradeira vez, justo no seu último dia de aula. O que vamos acompanhar daí para a frente é a essência deste professor, seu contato com a vida, na aposentadoria, cercado pelos ex-alunos discípulos. São estes fiéis que (re)constroem, por assim dizer, a vida do mestre. O filme é mais do que isso: é sobre viver a vida, desfrutar, estudar, aprender, dar-se conta, saber esperar. Como na sequência do terreno que está à venda, localizado na frente da casa do professor. É um espaço com uma ruína de guerra e um empresário quer comprar para construir altos edifícios. O dono do terreno prefere não vender ao ganancioso empresário levando em consideração o velho mestre. Sua atitude é de respeito ao professor, em respeito ao espaço do próximo. É uma lição de vida, de dignidade, de humanidade!

Há que ter um respeito às suas convicções, à natureza, uma adequação. O cinema nos proporciona esta visão. Se visto sob a ótica da reflexão, o cinema já garantiu seu espaço como sala de aula do passado, do presente e do futuro.

(*)Professor de Análise de Filmes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Informe-se



Aconteceu

MELHORIA DA QUALIDADE DO ENSINO INTERNO

O dia 12 de outubro marcou o encerramento dos trabalhos internos da Secretaria da Educação, relativos ao Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino. Na sede da Secretaria, a praça central foi o palco onde aconteceu, entre outras coisas, o show do Coral da Escola Anne Frank, regido pela professora Sueli Maria Martins Luz. Os temas tiveram a característica da originalidade, e retrataram o folclore alemão e italiano.

A programação foi aberta pela manhã, com a palestra do dr. Alfredo Jerusalinsky, que falou sobre "As aventuras e desventuras do educador no mundo de hoje". Logo após aconteceu a apresentação dos grupos, selecionados por área de cursos.

Ao falar, no final da programação, a professora Neuza Canabarro destacou o trabalho sério que o Governo vem desenvolvendo na área da Educação. Anunciou a realização, no dia 20 de novembro, dentro dos trabalhos de encerramento e avaliação do Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino dos anos de 92/93, do "Encontro Internacional da Educação numa Visão Interdisciplinar." Este Encontro será transmitido ao vivo pela TV Educativa, canal 7. Estará participando do Encontro professores reunidos nas Delegacias de Educação e convidados do exterior. O Plenário Central, localizado em Porto Alegre, esteve ligado aos plenários instalados nas sedes das Delegacias de Educação do Estado, possibilitando assim a participação de todos no processo. A secretaria lembrou que esse tipo de articulação durante um trabalho na Educação é inédito no Rio Grande do Sul.



A escola Anne Frank homenageou a Melhoria

Após a apresentação, as palavras da secretária

JERGS — JOGOS DA PRIMAVERA 93

Como promoção da Subsecretaria de Desporto da Secretaria da Educação, a etapa final dos XXII Jogos Escolares do Rio Grande do Sul foram realizados em Porto Alegre entre os dias 8 e 15 de outubro. A etapa, que se chama "Jogos da Primavera", contou com a participação de mais de 7 mil alunos/atletas de todo o Estado.

Os jogos escolares foram divididos em quatro etapas. No total, participaram 250 mil alunos de 700 escolas. Estiveram representadas as modalidades esportivas: basquete, handebol, futebol de campo, futebol de salão, natação, atletismo, judô, vôlei, ginástica olímpica e rítmica. Os jogos mais foram realizados em duas etapas, no Ginásio da Brigada Militar de Porto Alegre, Centro de Treinamento Esportivo — CETE, Clube dos Golfinhos, Colégio Protásio Alves e Sogipa. O Governador do Estado e a secretária de Educação estiveram presentes à solenidade de abertura no Gigantinho. As delegações participantes desfilaram em corteios, e em seguida aconteceu um grande show com grupos artísticos de alunos oriundos de todo o Estado.

Em xadrez, o município de Santa Cruz do Sul obteve três vitórias e um terceiro lugar nas quatro categorias disputadas. Na categoria mirim venceu Léo Eisenberger. Na categoria infanto-juvenil, o troféu ficou com Lester Schutz. No Grupo B, reservado às escolas particulares e federais, o vencedor na categoria Infanto-Juvenil foi Cícero Neisenberger, do Colégio Santa Cruz do Sul, de Santa Cruz do Sul.

Em natação, o município de Erechim foi o mais premiado. Além de conquistar o primeiro e segundo lugares do grupo B, também arrebatou o segundo lugar, empatando com mais duas escolas do Grupo A. A grande vencedora do Grupo B foi a equipe da FAPS, de Erechim, que somou 322 pontos.

O atletismo girauense marcou presença positiva nos XXII Jogos Escolares do Rio Grande do Sul. A euforia associada à preocupação com as provas das finais em Porto Alegre foi o assunto destaque durante a última semana entre os alunos da escola João XXIII, classificada no lançamento de disco. O atleta era Jocelito Fernandes, campeão regional nesta modalidade e na categoria de infanto-juvenil masculino. Paralelo a isso, nos 4 x 400 metros, o João XXIII também não decepcionou. Foi vice-campeão, com as "flash" Fabiano Balensieter, Moacir Reck, Jardas Sinanovic e Rogério Correa (com o substituto Alencar).

Os atletas estavam matriculados em escolas da rede pública e privada, de 1º e 2º Graus, com idade entre dez e treze anos (categoria mirim) e entre 14 e 16 anos (categoria infanto-juvenil). Foram servidas mais de 80 mil refeições aos atletas alojados em onze locais de Porto Alegre e Grande Porto Alegre.

Estiveram representadas 29 Delegacias de Educação do interior e capital, onde os jogos aconteceram simultaneamente. A Subsecretaria de Desporto considerou plenamente atingidos os objetivos, com ênfase para a integração dos alunos dentro da Rede Escolar. O sucesso da iniciativa vai possibilitar novas edições dos Jogos Escolares, sempre com a atenção voltada para o aluno, preocupação maior da pasta de Educação do Governo Alceu Collares.



Várias escolas disputaram na categoria basquete feminino

FEIRA DO LIVRO

Em época de Feira do Livro, na praça da Alfândega os jacarandás ficam floridos e os livros tomam conta do espaço entre pessoas de todas as idades. Neste ano, 12 meninos e meninas, não estiveram na feira apenas em busca de literaturas infantis. Eles estiveram autografando o livro "Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias".

O livro é resultado de uma coletânea de textos de alunos de 5^a a 8^a séries da rede estadual de ensino. O objetivo é estimular o gosto pela leitura e a produção textual das crianças em sala de aula.

Segundo Jane Bestetti, coordenadora do Centro do Livro e Bibliotecas Escolares (CLBE), a publicação de um livro com textos de crianças pela Secretaria de Educação do Estado é um fato inédito. O livro, "Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias", é resultado de um trabalho muito gratificante, tanto para o aluno, como para os professores e a Secretaria.

O Rio Grande do Sul é um dos maiores produtores de literatura infantil do Brasil. Os pequenos autores gaúchos escreveram textos sobre etnias, folclore, preservação da natureza, adolescência e outros, sempre sob a ótica de suas idades. O trabalho é bastante criativo e com muito humor.

O projeto, implantado em 1992, faz parte de uma série de metas do Governo do Estado para a Educação, visando à Melhoria da Qualidade de Ensino. O momento mais emocionante para Jane, foi quando o pequeno escritor, Cle-

ber Machado Guedes, 14 anos, questionado sobre sua preferência entre um livro ou um brinquedo, respondeu: "Eu prefiro mais um livro, pois enquanto o brinquedo estraga e fica velho, o livro fica para o resto da vida em minha cabeça".



Os autores assinaram centenas de livros durante a tarde de autógrafos.

SEMANA DO ENSINO

O processo de valorização do Ensino Supletivo, desenvolvido pela Secretaria da Educação, teve seu ponto alto com a Semana do Ensino Supletivo. De 25 a 29 de outubro, o saguão do Centro Administrativo Fernando Ferrari foi o palco onde brilharam trabalhos e exposições, arte e textos de alunos.

A Semana do Ensino Supletivo acontece desde 1970. Por iniciativa do Rio Grande do Sul, o estudante contemplado com a Lei 5692, reguladora deste tipo de ensino, passou a ter um espaço de divulgação de seu trabalho, no sentido da valorização. A Semana do Ensino Supletivo era então, realizada dentro das escolas participantes, restrita aos alunos. A partir do ano de 93, ela passa a acontecer em âmbito comunitário, no saguão do Centro Administrativo do Estado. A iniciativa é do Departamento de Ensino Supletivo da SE, e visa atingir um público maior para divulgação e esclarecimentos.

Neste ano, estiveram expostos trabalhos do NOES — Núcleo de Apoio ao Ensino Supletivo. As composições e textos foram prestigiados por mais de cinco mil pessoas durante a semana.

O CES — Centro de Ensino Supletivo, também compareceu. Deficientes colaboraram com trabalhos de artes gráficas e textos, além das empresas que contam com o tra-

balho desenvolvido pelo CES – Taurus, Supermercados Real, EBCT e Memphis.

A Semana do Ensino Supletivo acontece sempre na última semana de outubro, e para o próximo ano, reserva novidades. Quem garante é a professora Iraci Conforto, do Departamento de Ensino Supletivo da SE.

A seguir um dos trabalhos que estiveram expostos durante o evento:

"A Liberdade"

"A Liberdade" é um sonho que um dia quero poder realizar.

Um dia eu fui livre, mas com o passar do tempo eu a perdi por um erro que eu mesmo fiz.

Olha! se eu pudesse voltar ao passado eu jamais cometaria erro, pois a liberdade é tão linda que não há riqueza que a compre.

Quando eu era livre, eu podia fazer várias coisas bonitas e eu também era feliz e não sabia, mas eu não tinha a minha cabeça no lugar.

Mas agora que estou privado de tudo, aprendi a valorizar cada momento, cada instante deixa.

Às vezes me pergunto: — Cadê a liberdade? Será que partiu pra nunca mais voltar?

Acho que um dia se Deus quiser, conseguirei conquistá-la, para construir uma vida nova onde só quero paz, amor e muita "liberdade".

Alexandre Pires da Silva

22 anos

Pós-Alfabetização I — NOES/Presídio Central
— POA



Oss centros rurais de ensino supletivo estiveram presentes no saguão do Centro Administrativo.

V ENCONTRO DE ESTUDOS MISSIONEIROS IX MOSTRA DE ARTE MISSIONEIRA

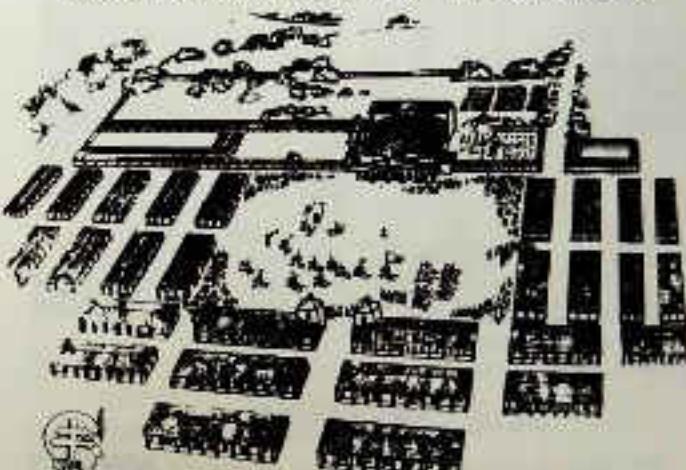
De 10 a 14 de novembro em São Luiz Gonzaga aconteceu o V Encontro de Estudos Missioneiros e a IX Mostra de Arte Missioneira, numa promoção do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, do Departamento de Ciências Sociais da URI e 32.º Delegacia de Educação. É o Rio Grande estudando sua história em uma quinta edição que envolveu professores, pesquisadores e universitários.

Houve fórum de debates e pesquisa sobre a história e cultura das Missões, com palestras de importantes intelectuais brasileiros e estrangeiros.

O encontro foi uma rara oportunidade de aprofundar conhecimento, de intercâmbio cultural e de experiências pedagógicas.

PARTICIPE DO

V ENCONTRO DE ESTUDOS MISSIONEIROS IX MOSTRA DA ARTE MISSIONEIRA



DE 10 A 14 NOVEMBRO 93
SÃO LUIZ GONZAGA - RS - BRASIL
PROMOÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO
E GEOGRÁFICO DE S.L.G.
APOIO DE URI - CAMPUS DE
SANTO ANGELO - DEPARTAMENTO
DE CIENCIAS SOCIAIS
32.º DELEGACIA DE EDUCAÇÃO
PATROCÍNIO: ALTA TENSOM / DROGA SUL

ALUNOS VISITAM O RESTAURANTE DO CENTRO ADMINISTRATIVO

O Centro Administrativo Fernando Ferrari já conta com infra-estrutura na área da alimentação. Desde o mês de setembro, está funcionando o restaurante, em uma área de quatro mil metros quadrados, e servindo uma média de 1.000 refeições por dia. A clientela abrange, além do Centro Administrativo e Secretaria da Educação, os funcionários das empresas vizinhas, como PROCERGS e DAER. A estrutura deste restaurante, gerenciado pela Divisão de

da Ticket Serviços, o funcionamento de seus diversos setores, o preparo dos alimentos, foram alguns dos itens que dez alunos da turma de Técnicas Domésticas da Escola Estadual Florinda Tubino Sampaio conferiram, em visita que durou toda a manhã do dia 20 de outubro, e culminou com um agradável desjejum na lancheria. Sucos, sanduíches, doces e salgados foram plenamente aprovados pela alegre turma do Florinda, que apoiou incondicionalmente esta iniciativa do Governo do Estado.

Eram nove horas da manhã quando a turma começou a visita de reconhecimento pelas instalações do Restaurante. Antes de percorrer os dois andares onde funcionam a cozinha, o almoxarifado, o restaurante, a administração e a lancheria, a nutricionista Marlise Clemente falou um pouco sobre a rotina diária. Explicou que o restaurante oferece, além da lancheria, que serve doces, salgados, sucos, hamburgers e sorvetes, o atendimento executivo e o "bandejão". No primeiro, é oferecido um buffet com seis tipos de saladas, duas guarnições, arroz, feijão, frutas, doces e sucos, refrigerantes e água mineral. "O buffet está servindo uma média de 230 refeições diárias", revela Marlise. O "bandejão" é o mais procurado pelos trabalhadores. O preço é mais acessível, mas também serve arroz, feijão, carne, sucos e saladas. Diferencia-se por oferecer opção sem carne e pão. As refeições começam a ser servidas às onze horas. Existe ainda outra alternativa, para quem quer variar um pouco: na lancheria, pode-se almoçar um "à la minute" com bife ou frango.

Marlise falou ainda sobre os serviços da Ticket Serviços, que atua no País desde 1975. "Só no Rio Grande do Sul, esta empresa, oriunda da França, possui 55 restaurantes, divididos em comerciais e empresariais. Especificamente no Centro Administrativo, foi responsabilidade do Governo do Estado a instalação dos equipamentos, como fornos, frigoríficos e azulejos. Os utensílios, como talheres, copos, mesas e bancos, são de propriedade da Ticket, que, através de contrato, explora o local. Resumindo, analisa Marlise, o restaurante foi organizado pelo Governo, mas é gerenciado pela Divisão GR, do grupo Ticket."

A VISITA

Terminando o bate-papo, iniciou-se a tão esperada visita. Marlise guiou os alunos, e a primeira parada foi nos setores de lavagem das hortaliças, efetuada em tanques, antes de serem cortadas e cozidas. Logo após, o almoxarifado e o frigorífico foram detalhadamente observados. As baixas temperaturas dentro das câmaras foi o que mais chamou a atenção.

Abóboras, alfaces, tomates, cebolas. É hora de preparar as saladas, as guarnições. Cortar, cozinhar. Mais de três funcionários se encarregam deste trabalho, que tem hora certa para estar pronto: antes das onze horas da manhã. A nutricionista esclarece que os hortifrutigranjeiros são considerados alimentos altamente perecíveis, e por isso são comprados diariamente, sem estoque.

A etapa seguinte aconteceu na cozinha, onde um cozinheiro-chefê comanda toda a orquestra, que terá como clímax o momento da degustação pelo cliente. Diante da "parafernália" de utensílios, era meio aos vapores, o que mais chamou a atenção foram as enormes panelas de pressão. Nestas, o arroz fica pronto em não mais de quinze minutos, em quantidade superior a 40 quilos, de uma só vez. Quatro cozinheiras fazem parte desta etapa, que garante um arroz sempre no ponto, todos os dias.

Uma passada pela administração, para falar com a encarregada, Maria Aleida Fisch Pereira, esclareceu mais alguns pontos. Segundo Aleida, o restaurante coleta diariamente amostras de todos os alimentos servidos, tanto no buffet, como no "bandejão" e na lancheria. "Estas amostras são guardadas na câmara frigorífica por 72 horas. Se

houver alguma reclamação, elas são analisadas no Cenfec. Mesmo com a reclamação, é preciso verificar se houve algum caso. Muitas vezes alguém pode reclamar de intoxicação, mas como as pessoas não comem só em um local pode ter acontecido em outro lugar." De seis em seis meses, é procedida uma análise geral de todos os alimentos, além do ambiente de trabalho, mãos dos funcionários e utensílios. A higienização é rigorosa, e abrange desde a limpeza mecânica dos pratos e talheres com a triagem seletiva do lixo incluída no próprio processo, até a lavagem total de todo o piso, diariamente.



Os panelões de pressão cozinharam em quinze minutos

Os restaurantes empresariais possuem cada vez mais aceitação no Brasil. Suas características de agilidade, conforto e higiene se adequam perfeitamente às exigências atuais quanto à eficiência e produtividade. Um empreendimento dessa porte tem de contar com infra-estrutura capaz de absorver todas as variáveis incontroláveis, como um exemplo, a influência do estado emocional dos clientes no julgamento dos pratos servidos. É o que nos conta a nutricionista Jurema da Silva Mendes, supervisora técnica: "O ato de alimentar-se, talvez por ter relação com a fase oral dos seres humanos, provoca uma sensibilidade muito grande. Muitas vezes, sem se dar conta, o cliente pratica uma certa 'catarse' de sentimentos e angústias na hora de comer. Pode sentir-se lesado, ou encontrar problemas onde eles não existem. É nossa tarefa distinguir a reclamação justa daquela mais emocional. Mas sempre respeitando o espaço do cliente. Diversas vezes, estendemos a abrangência de nossos currículos até a psicologia, quando se faz necessário. Encaramos o fato com muita naturalidade, afinal lidamos com o elemento humano, passível de variações de humor."

O restaurante do Centro Administrativo fica no prédio da Secretaria da Educação. O acesso pode ser feito pela rampa da SE ou pelo próprio Centro Administrativo do Estado. O atendimento é agil, e a administração garante o sucesso, com dedicação e aprimoramento constantes.



O buffet serve em média 230 refeições por dia.

II CANTO CORAL ESTUDANTIL

14.º Delegacia de Educação — Santo Ângelo

Dia 9 de outubro na Casa de Cultura de Santo Ângelo, o teatro "Antônio Cest", viveu um dia de festa. Estava se realizando o II Canto Coral Estudantil que reuniu corais de escolas públicas e particulares de toda a região missionária.

Uma acolhida calorosa ao evento, as crianças, jovens e adultos que participaram desta tarde de harmonia, lazer, cultura e integração, demonstravam o entusiasmo pela música e davam o maior presente à platéia através do fruto do trabalho em grupo, com dedicação e talento.



Pequenos talentos encantaram a platéia

Feira Regional de Ciência de São Luiz Gonzaga

No dia 9 de outubro, pela manhã, no salão ao lado da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga, realizou-se a Feira Regional de Ciências. Reunindo escolas de 1º e 2º Graus da região foram expostos trabalhos incríveis criados pela geração e sob a orientação de seus professores.

A visitação à feira foi intensa e a Equipe da Revista do Ensino registrou para você algumas imagens do que lá aconteceu.



"Em berço esplêndido" — Neri G. Mare — Reni Garcia da Escola Estadual São Nicolau Hilário Moares



"Roda d'água" — Aline Nascimento Daiane da Vega da Escola Estadual de 1º grau Haidée Nascimento Josane Wess



"Uma propriedade ideal" — Romeu da Silva Diehl da Escola Estadual Henrique Sommer do município de Pirapó.

Além disso apresentamos a seguir um dos projetos classificados: "Seja Humano"

SEJA HUMANO

E Saiba que-

AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) é causada pelo vírus HIV que destrói o sistema de defesa do organismo, enfraquecendo-o e facilitando o aparecimento de certas infecções e tumores.

Este vírus é transmitido através do esperma, secreção vaginal e sangue contaminado.

Nas relações性ais você pode se prevenir reduzindo o número de parceiros e usando preservativos de borracha (condom).

Para evitar o contágio através de agulhas, siringas e outros utensílios, certifique-se de que estes sejam descartáveis ou corretamente esterilizados.

AIDS É PROBLEMA DE TODOS NÓS. TODOS FAZEMOS PARTE DO GRUPO DE RISCO. VAMOS EVITÁ-LA.

É importante lembrar que NÃO se pega AIDS:

— Pelo simples fato de doar sangue;

— Aperto de mão;

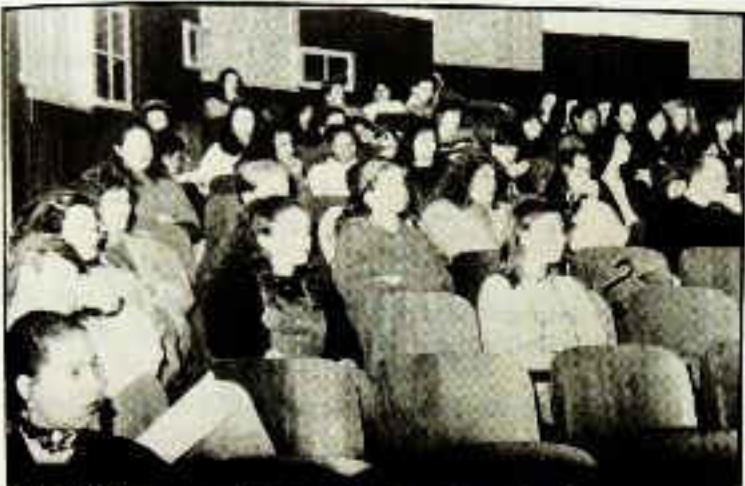
- Roupas;
- Vasos sanitários;
- Mosquitos;
- Utensílios domésticos;
- Piscina;
- Sauna;
- Abraços;
- Alimentos;
- Beijo no rosto;
- Cariño.

Seja humano, o aidético precisa do teu carinho, atenção e solidariedade. Você pode e deve fazer com que ele se senta melhor.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º e 2º GRAUS SÃO FRANCISCO XAVIER—PORTO XAVIER

AUTORES: Marielle — Trajane — Vaiken — TURMA: 82
PROFESSORA ORIENTADORA: Maria Salete D. da Silva
PORTO XAVIER — 1993

I ENCONTRO DE ESTAGIÁRIOS DA SE



Mais de 60 pessoas debateram questões relativas ao estágio na SE

Estágio, o que é? É mão-de-obra barata, ou é a oportunidade tão esperada de praticar os conhecimentos teóricos aprendidos na universidade? Questões como essa, presentes no dia-a-dia dos estagiários, foram debatidas no I ENCONTRO DE ESTAGIÁRIOS DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Organizado por duas estagiárias de Psicologia, Cynthia Menda e Je-sabel Dias, o encontro contou com a presença de grande número de estagiários da SE.

Os trabalhos começaram às 14 horas do dia 19 de outubro, no auditório do Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre. Um vídeo documentário apresentou um roteiro com cinco blocos, onde os voluntários, que não se intimidaram com a câmera, manifestaram suas idéias a respeito da realidade do estagiário. Neste documentário os personagens eram reais, as falas não foram ensaiadas e o enquadramento era fechado no rosto do entrevistado, porque, afinal, é no estágio que se começa a mostrar a cara.

É importante salientar a disposição da equipe da CATE, que colaborou com o equipamento e pessoal técnico para a realização do vídeo, bem como o apoio da TVE, onde foi editado e finalizado o material.

As tomadas foram gravadas dentro da própria SE, sendo que algumas foram externas, como no caso dos profissionais liberais que prestaram depoimento sobre suas experiências do tempo de estágio. Com pouco tempo disponível para utilização do equipamen-

to de edição e apenas uma câmera no trípode, valeu de tudo, até uma cadeira com rodinhas para improvisar um "treveling". Apesar de confirmar que estagiário sofre (garantem a maioria dos depoimentos) valeu a pena realizar um trabalho que possibilita a integração de um grupo que vai incomodar muita gente, quanto estiver com o diploma na mão.

Quinze segundos parece pouco tempo mas podem valer a consagração, principalmente se passarmos este tempo na frente da objetiva de uma câmera. Valem os preciosos quinze segundos de fama, profetizados por Andy Warhol, em relação ao poder que a mídia eletrônica exerce no nosso cotidiano.

As estagiárias Jesabel da Luz Dias e Cynthia Cas-tiel Menda, que cursam psicologia na Unisinos e realizam estágio curricular no Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos (DDRH), Diretoria de Recursos Humanos (DRH), da Secretaria de Educação (SE), utilizaram justamente este recurso do famoso um quarto de minuto para sensibilizar os colegas de estágio na SE.

A idéia tinha como objetivo recolher material em vídeo onde transparecessem impressões dos bolsistas em atividade na SE, como também o depoimento de profissionais que utilizaram este recurso antes de se consagrarem no mercado de trabalho. Foi importante também o depoimento de orientadores e empresários que acreditam nesta mão-de-obra iniciante, e apostam nos profissionais de amanhã.

No programa, entre os painelistas convidados, a doutora Sandra Frisehenbruder, do Serviço de Orientação Vocacional do Departamento de Psicologia da PUC/RS, falou sobre a importância da escolha profissional. Em seguida aconteceu o debate, que teve como ponto alto a discussão do espaço no mercado de trabalho. Não se deixar influenciar por prognósticos negativos em relação à saturação do mercado foi uma das necessidades levantadas pelos estudantes. A conclusão, no final, foi de que para os competentes, aqueles que lutam por seu espaço, sempre haverá espaço, independente da realidade vivida.

Liége Santos, responsável pelo Projeto de estágio profissionalizante na SE, destacou a importância do trabalho que vem sendo feito no sentido de mudar a visão de alguns chefes diante do estagiário. "Fazer xerox, atender telefone, servir cafézinho, são atividades que não são mais priorizadas para estagiários. Pretendemos fazer com que cada um trabalhe dentro de sua área, cumprindo assim com o objetivo essencial, que é a experiência." Liége aponta algumas resistências por parte de alguns coordenadores de setor. "Mas o estagiário também deve aprender a abrir seu caminho e garantir seu espaço."

Questões como bolsa-auxílio, data de pagamento e esclarecimentos diversos também foram discutidos, demonstrando a postura de valorização adotada pela SE em relação aos futuros profissionais.

E o trabalho das meninas da Psicologia não vai ficar por aí. Os encontros continuarão, só que em pequenos grupos, dando continuidade à proposta de integração. Quem viu, gostou e está apostando nos resultados positivos da iniciativa. E para quem não foi, uma dica: esta é uma oportunidade para falar, discutir, posicionar-se. Não perca!

Secretaria
cumpre mais
uma etapa
do Projeto
Nucleação



PROJETO NUCLEAÇÃO

A secretaria da Educação, Neuza Canabarro, avançou em outubro mais uma etapa do Projeto Nucleação. Mais de trinta municípios assinaram o convênio que racionaliza a Rede Pública e acaba com os contrastes na educação. Em parceria com as Prefeituras Municipais, as escolas pequenas são absorvidas por aquelas que apresentarem potencial de aproveitamento dos recursos existentes.

O Projeto Nucleação nasceu da necessidade de se estabelecer um aproveitamento racional do patrimônio administrado pela Secretaria da Educação. O Estado do Rio Grande do Sul, em toda a sua extensão, vem de muito tempo apresentando o problema das escolas que possuem pequeno número de alunos, mas que dispõem gastos equiparados aos das escolas maiores.

Com o Projeto Nucleação, as escolas menores têm seus alunos remanejados para escolas-pólo, localizadas no mesmo perímetro urbano. Para atender as necessidades de deslocamento dos alunos, as Kombis e os microônibus estão sendo entregues aos prefeitos das cidades convertidas. Cada um deles, ao assinar o acordo, está se responsabilizando pela continuação do Projeto na sua cidade, o que representa a parceria com a Secretaria para objetivos educacionais.

No Rio Grande do Sul, em 1991, do total de 3.201 escolas estaduais, 1.535 atendiam menos de cem alunos por unidade escolar. Considerando que essas 1.535 escolas totalizavam, aproximadamente, uma matrícula de 59.000 alunos em um espaço físico de 3.950 salas de aula, obtém-se uma média de 12 alunos por sala em um turno, ficando ociosos os outros dois turnos. O Projeto de Nucleação é uma resposta à necessidade de mudança na oferta de ensino, em especial do ensino público fundamental no meio rural, contribuindo para a melhoria pedagógica e administrativa desse nível de ensino.

Hoje, já temos um resultado parcial com índices animadores.

Em novembro de 1993, 327 municípios do Estado apresentaram proposta de nucleação.

Além disso, 282 municípios já implantaram ou comprometeram-se a implantar o Projeto para o ano letivo de 94. Com esses municípios, a Secretaria da Educação assumiu o compromisso de fornecer veículos para auxiliar no transporte escolar.

Até o presente momento, os dados relativos ao Projeto de Nucleação das Escolas, envolvendo os 282 municípios são os seguintes:

— 1.090 Escolas-Pólos previstas para a escolarização de 55.633 alunos do ensino de 1º grau, sendo 31.743 alunos oriundos de 2.440 pequenas escolas que tiveram suas ati-

vidades cessadas (nucleadas) e 23.890 alunos provenientes de 2.087 escolas que terão uma ou mais séries de 1º grau desativadas (fornecedoras).

1ª etapa:

1992 — 28 Kombis (distribuídas)

1993 — 34 microônibus (distribuídos)

2ª etapa:

1993 — 147 Kombis distribuídas para 133 municípios que estão implantando a nucleação.

166 microônibus (em aquisição) para municípios que já plantaram ou comprometeram-se com a nucleação até o final de 94.

3ª etapa:

1994 — 83 microônibus (em início de aquisição)

800 Kombis (em fase de autorização de aquisição).

Alguns municípios beneficiados no mês de outubro: Arroio Grande, Capão do Leão, Herval, Encruzilhada do Sul, Bom Jesus, Ipê, Caçapava do Sul, Manoel Viana, Jacutinga, a Secretaria assumiu convênio com 14 municípios, entregando 19 Kombis. Em Carazinho mais seis convênios, contemplando um total de oito Kombis. No dia 19 de outubro a Secretaria esteve em Três Passos para formalização de convênios com mais cinco municípios, repartindo cinco Kombis. Em Santa Rosa, 14 municípios receberam 17 Kombis.

INTERIORIZAÇÃO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

A Secretaria Neuza Canabarro, está intensificando a Secretaria da Educação, com o objetivo de ter contato direto com os diretores da escolas estaduais dos municípios do interior. As reuniões são realizadas nas sedes das Delegacias de Educação, onde durante um dia inteiro é feita uma avaliação do plano de governo para a área da Educação, juntamente como professores e a comunidade.

O Governador e seu secretariado, que também levam o governo ao interior, nas Regiões de Conselhos Regionais de Desenvolvimento, participam das reuniões da Secretaria da Educação.

A Secretaria já realizou reuniões com 23 municípios, testando 5 que deverão ser efetivadas até o final do ano. Nas palestras, utilizando equipamento de multimídia, como o data-show, apresenta a Educação como alavanca de desenvolvimento econômico e social.



VALORIZAÇÃO DO IDOSO E INTEGRAÇÃO DE GERAÇÕES

Considerando que o processo de saber envelhecer é tão importante quanto o processo de crescimento, pensamos que um dos objetivos educacionais deve estar pautado para esse processo, incentivando a escola a promover o desenvolvimento de atividades pedagógicas que objetivem a integração de gerações, proporcionando aos idosos a oportunidade de atuação, junto aos jovens mantendo-os ativos e participativos.

O idoso através de seus conhecimentos ajuda no enriquecimento da educação do jovem e também tem a oportunidade de renovar-se constantemente, restabelecendo momentos de transmissão cultural, social e afetiva entre si.

Os velhos são verdadeiros arquivos vivos e representam as raízes, base da nossa identidade, da importância do educando viver e conviver com pessoas de todas as idades, aceitando assim a velhice como uma decorrência natural da vida.

Sentimos que a solução dos problemas dos idosos não está na multiplicação de asilos, mas na mudança no modo de pensar e agir da sociedade, através da construção de um processo que permita a cada ser humano saber viver, na fatalidade, cada etapa do seu desenvolvimento. Nesta perspectiva trabalhamos para sensibilizar as Escolas da Rede Pública Estadual e Delegacias de Educação, para a abertura de espaços que favoreçam a valorização do velho e superem os preconceitos que o rodeiam.

No decorrer do nosso trabalho, notamos a necessidade, cada vez maior, de ampliar novos espaços para a 3ª idade; a procura é muito grande e, infelizmente, o número de vagas nas escolas, para atender esta clientela, ainda é reduzido.

No momento em que o idoso

se engaja nestes trabalhos, oferecidos pelas escolas, não quer mais se desligar (pois é ali que encontram motivos que o fazem sentir mais humanos, e com condições de produzir para si e para os outros) deixando de oportunizar esta convivência a outros idosos, daí a necessidade da formação de grupos de convivência onde possam se encontrar, relatar experiências, repassar conhecimento, viver e comunicar de modo sadio e feliz.

Através de depoimentos de alguns idosos que participam de cursos oferecidos por umas destas escolas, podemos constatar a validade deste tipo de trabalho:

"Sou artesã e este curso me oportunizou condições de conversação com artesãos de outros países (América Latina), redigir documentos (MERCOSUL) dentro da área do artesanato — facilitando minha atuação profissional."

Sonia Bueno - Curso de Espanhol.

"Tenho 66 anos, aposen-

tada, este curso foi a oportunidade de aprender a teoria do que já fazia na prática, sem muitas vezes entender o que realizava. É como um cego que voltou a enxergar."

Ruth Ribeiro — Cursos de Eletrotécnica

"Bancário aposentado, 56 anos, este curso nos proporcionou novas amizades, novos conhecimentos, aos quais nos dedicamos com seriedade, motivados pelo entusiasmo dos professores e monitores." João Favero — Curso Eletro-técnica

"Tenho 63 anos, este curso me ensinou muitas coisas, como: encomendar combustível, regular o carro, discutir sobre o assunto com os mecânicos. Já me sinto segura para viajar de carro, pois se ocorrer algum problema já sei como resolvê-lo." Maria Ignes Rodrigues — Curso Mecânica



3ª Idade participa de oficina de Espanhol

"Nunca trabalhei fora e quando surgiu esta oportunidade de estudar novamente, fiquei logo interessada. Para ser franca não esperava aprender tanta coisa em casa, como blocos, cadernos e restauração de livros. O contato com os colegas é excelente. Quando comecei o curso não pensava em trabalhar fora, mas agora se aparecer algum trabalho, sinto-me apta a fazê-lo."

Elena Leão — Curso
Encadernação

Após estes depoimentos, acreditamos na necessidade da abertura de novos espaços para a 3ª idade, pois para muitos idosos este é o momento da descoberta saudável de novos aprendizados e o entendimento de que sempre vale a pena começar.

ESPAÇOS PARA A 3.ª IDADE

Escola Estadual de 2º Grau
Parobé

Av. Loureiro da Silva, 945 —
Fone 221.6953

Escola Industrial Aberta para a 3.ª
Idade

Cursos:

- eletrotécnica
- encadernação
- mecânica
- ajardinamento
- línguas: — espanhol
- francês
- alemão
- inglês

Escola Estadual de 2º Grau
Ernesto Dornelles

Rua Duque de Caxias, 385 —
Fone 228.2455

— Reviva a Vida

Cursos:

corte e costura
encadernação
tapeçaria
tricot
trabalho decorativo em madeira

Centro Interdisciplinar
Vargas

Av. João Pessoa, 1070 — Fone: 221.6366

— Integração entre jovens e

idosos

Cursos:

- salgados em geral
- pintura em tela
- pintura em porcelana
- costura prática
- indústria caseira
- atendente de creche
- eletricidade
- tapeçaria

DAE/Coordenação: Sônia Terezinha
Carmen Hilda Gonçalves Ribeiro
Limongi Ely

Oficinas Pedagógicas

O Centro de Recursos Alternativos — CRAL/CATE/DDE/SE, através da realização das Oficinas Pedagógicas atende à necessidade de apoio aos esforços que estão sendo desenvolvidos pela Secretaria de Estado da Educação voltados à "Melhoria da Qualidade de Ensino" ministrado nas Escolas da Rede Pública do Estado.

As Oficinas Pedagógicas visam ao atendimento das necessidades emergenciais de atualização dos professores com regência de classe e supervisores de educação em exercício nas Escolas da Rede Pública do Estado.

As Oficinas Pedagógicas fundamentam-se numa metodologia teórico-prática, que tem por finalidade capacitar o professor a interagir, através de um conhecimento pedagógico objetivável, na implementação de atividades didáticas, instrumentalizando-o para enfrentar com segurança os desafios inerentes a práticas inovadoras. As Oficinas Pedagógicas

caracterizam-se por uma ação focal, tratando as diversas áreas do conhecimento de forma objetiva, prática e conjunta, contextualizadas na descoberta de alternativas de solução para as dificuldades da ação didático-pedagógica do professor em seu exercício na sala de aula. O conhecimento é construído por to-

dos mediante o fazer-comunicação, reflexão e a tomada de decisões voltadas à realidade física, sociocultural e econômica de seu público-metido: o professor, o supervisor de educação e a comunidade onde exerce suas atividades.

Diretoria de Divisão Escolar
CATE/CRAL



Referências Bibliográficas

- ABRAMOVICH, F. - Quem educa quem?, São Paulo, SUMMUS, 1986.
- ACRI, Edison - O Gaúcho, AGUIAR, Vera Teixeira de. Que Livro Indicar? Mercado Aberto/IEI, 1979.
- ALBERGARIA, Lino de. O Correspondente estrangeiro. Ilust. Marcelo Moreira. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpaló Kpatita).
- ALENCAR, Chico. Trapezunga e terreirão, uma fábula da abolição. Capa e ilust. Fabi. 7. ed. São Paulo, Moderna, 1987. (Coleção Viratmundo).
- ALMEIDA, Márcio. Minha escola é sopa. Capa e ilust. Waldolato. Belo Horizonte, Comunicação, 1982. (Coleção do pinto. Série 3).
- ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- ALVARENGA, Terezinha. Fora do arco-íris. Ilust. Ana Raquel. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpaló Kpatita).
- Forró da tia Olinda. Capa e ilust. Sônia Ledic. Belo Horizonte, Comunicação, 1981. (Coleção do pinto. Série 3).
- Rio dos sonhos. Capa Rogério Borges e ilust. Rui de Oliveira. São Paulo, Atual, 1985. (Série Dourada).
- Tô pedindo trabalho. Ilust. Igor Balbachevsky. 5. ed. Belo Horizonte, Miguilim, 1986.
- AMORIM, Antônio César Drumond. Xixi na cama. Capa Antônio Kazuo Hashitomi e ilust. Sonia Ledic. 4. ed. Belo Horizonte, Comunicação, 1985. (Coleção do pinto).
- AMORIM, Drumond. Xixi na Cama 2. ed. Comunicação, 1979.
- Anais do 34º Congresso Tradicionalista Gaúcho, ANDRADE, Floro Freitas de. Zungunga. Ilust. Rogério Borges. São Paulo, Melhoramentos, 1986.
- ARAÚJO, Henry Corrêa de. Pivete. Capa e ilust. Tarcio L. Rimol. Belo Horizonte, Comunicação, 1977. (Coleção do pinto).
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Maria e Companhia. EBAI, 1983.
- ARAÚJO, Maria Lysia Corrêa de. O círculo. Ilust. Regina Coeli Rennó. Belo Horizonte, Lé, 1985.
- ARAÚJO, Chloris A. de. Estórias do vovô Zabelê. Ilust. Cláudio Lucchesi e Themilton Tavares. 5. ed. São Paulo, Paulinas, 1984.
- ARENA, Dagoberto Buim. Vinte e quatro a zero. Ilust. Nicola Rozário. São Paulo, Edicon, 1986.
- AZULAY, Daniel. Salada espacial. Ilust. Daniel Azulay. Rio de Janeiro, Rio Gráfica, 1985. (Coleção Papo de anjo).
- I. BAKOS, Margaret M. RS: escravismo & abolição. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.
- BARBOSA LESSA — Mão Gaúcha, BECHARA, Evanildo. Ensino da gramática. Opressão? Liberdade? São Paulo, Ática, 1985.
- BENTIM, Celso. O filho do magistrado, o livro da solidariedade humana. 5. ed. São Paulo, Parma, 1979.
- BLOCH, Pedro. Dito, o negrinho da flauta. Capa e ilust. Marcelo Cips. 11. ed. São Paulo, Moderna, 1986. (Coleção Girassol).
- Joca, vergonha da escola. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- Lico, cara-de-pau. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1981. (Coleção Edijovem).
- Mãe, cadê meu paiz? Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1983. (Coleção Edijovem).
- Me dá uma força, gente! Capa e ilust. Noguchi. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1980. (Coleção Edijovem).
- Mito Maravilha. Ilust. Mibelli. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1987. (Coleção Edijovem).
- O menino que inventou a verdade. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1977. (Coleção Edijovem).
- Raia, bom de bola. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1983. (Coleção Edijovem).
- BORGES, Rogério. O negrinho Ganga Zumba. Ilust. Rogério Borges. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpaló Alô).
- Silvino Silvério, o grande caçador. Ilust. Rogério Borges. São Paulo, FTD, 1986. (Coleção Primeiros Histórios).
- BRAM, Joseph. Linguagem e sociedade. Rio de Janeiro, Bloch, 1968.
- BRANDÃO, Idéu. Dois contos. História de cachorro e Negrinho. Capa O. Séquiem e ilust. Carlos Roberto de Carvalho. São Paulo, Nacional, 1986. (Coleção Passelivre, 72).
- BRASIL, Assis. Pequeno pássaro com frio. Ilust. Rui de Oliveira. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpaló Kpatita).
- BRUXEL, Arnaldo. Os trinta povos Guarani.
- CAMPOS, Manoela. Periclités. Ilust. Glen Martins. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1982. (Coleção Gente Nova "B", 5).
- CAPARELLI, Sérgio. Os meninos da rua da praia. Capa e ilust. Vera Muccillo. 10. ed. Porto Alegre, L & PM, 1979.
2. CARDOSO, Fernando Henrique. Capitalismo e escravidão no Brasil meridional. O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- CARVALHO, André Dourado. Ilust. Angela Lago. Belo Horizonte, Lé, 1986.
- CARVALHO, José Augusto. Por uma política do ensino da língua. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- CLEMENTE, Jr. Elvo. Situação do ensino de língua portuguesa. Letras de Hoje. Porto Alegre, 24 jun. 1976.
3. CESAR, Guilhermino. História do Rio Grande do Sul. Período Colonial. Porto Alegre, Globo, 1979.
- COELHO, Ronaldo Simões. Urubu sabe. Ilust. Ana Raquel. Belo Horizonte, Formato Editorial, 1987.

- CORRÉA, Viriato. *Cazuza*. Ilust. Renato Silva. 34. ed. São Paulo, Nacional, 1987.
- CUNHA, Carlos da. *A guerra de mentirinha*. Ilust. Carlos da Cunha. São Paulo, Pioneira, 1977. (Biblioteca Pioneira de literatura infantil e juvenil. Série infantil)
- CURY, Felipe Machado. *Venturas e desventuras de Zé Teixeira*. Capa e ilust. Melado. 2. ed. Belo Horizonte, Companhia do Livro, 1977.
- CUTI. *A pelada peluda no largo da bola*. Ilust. Edu Andrade. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpalô Kpanpa)
- DEMARQUET, Sonia de Almeida. *Em busca da liberdade*. Capa e ilust. Paula Regis Junqueira. Belo Horizonte, Vozes, 1986. (Série meninos de nossa história).
- DINORAH, Maria. *Panela no fogo, barriga vazia*. Capa e ilust. Leonardo Menna Barreto Gomes. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- DORIN, Lannoy. *As regras do jogo*. Ilust. Maria Aparecida Rodrigues. 5. ed. São Paulo, Ed. do Brasil, 1985. (Coleção Reflexão e vida)
- DUCCA, W. I. *Sairá-Pereira*. Ilust. O. Sequetim. São Paulo, Nacional, 1984. (Coleção Passelivre, 19).
- FAGUNDES, Antônio Augusto — Indumentária Gaúcha. FERRERO, Emilia = Reflexão sobre alfabetização. S. P., Cortez, 1985.
- E. TEBEROSKI, A = A psicogênese da língua escrita, B. A. Artes Médicas, 1986.
- FRANÇOIS, Denise. A noção de norma em Linguística. Attitudes descriptiva. Attitude prescritiva. In: MARTINET, Jeanne. *Da teoria linguística ao ensino da língua*. Rio de Janeiro, 1979, p. 87-97.
- FREIRE, P. — Educação como prática de liberdade. R. J., Paz e Terra, 1967.
- GALDINO, Luiz. *Rio abaixo, vida acima*. Ilust. Avelino Guedes. São Paulo, FTD, 1987. (Coleção Fábulas contemporâneas)
- *Saruê, Zambi*. Ilust. Rogério Borges. 2. ed. São Paulo, FTD, 1985. (Coleção Canto jovem).
- *Saudade da Vila*. Capa e ilust. Eugênio Colomnese. 5. ed. São Paulo, Moderna, 1986. (Coleção Varedas)
- GANEM, Eliane. *Coisas de menino*. Capa e ilust. Jayme Leão. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. (Série Jovem, 1).
- GEEMPA = Alfabetização em classes populares. P. A. Kuarup, 1986.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Mestre Miudinho, o apito de ouro*. Capa Rui de Oliveira e ilust. Darcí Alves Lopes. São Paulo, Melhoramentos, 1985. (Série Comunicação)
- *O vôo de Pretinha e Branquinha*. Ilust. Carlos Brito. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpalô Alô)
- GOMES, Antonio Carlos & THEODORO, Gerson M. *Palmares em quadrinhos*. Criação Krisnas e Tugo, s. 1. p. Roswitha Kempf, 1984.
- GOMES, Sheila & GÓES, Lúcia Pimentel. *Feijãozinho 1, 2, 3*. Ilust. Alexandre Delforge. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpalô Alô)
- GONÇALVES, Lurdes. *Apenas João*. Capa O. Sequetim. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1987. (Coleção Passelivre, 21).
1. GUTIERREZ, Ester J. B. Negros, charqueadas & olarias. Um estudo sobre o espaço pelotense. Porto Alegre, 1991. Dissertação mestrado PUCRS.
- HALLIDAY, M. A. et alii. As ciências linguísticas e o ensino de línguas. Petrópolis, Vozes, 1974.
- HOUISS, Antônio. *Sugestões para uma política do idioma*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1970.
- JOSÉ, Ganimédes. *A história do galo Marquês*. Capa e ilust. M. Angéla Haddad Vilas. 10. ed. São Paulo, Moderna, 1985.
- *A vila das três cruzes*. Capa e ilust. Luiz Carlos Sá. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1982. (Coleção Novos adultos, 7).
- *Depois o silêncio*. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 175. (Coleção Edijovem).
- *João faz-de-conta*. Capa e ilust. Glen Martins. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1983. (Coleção Gente nova 'B', 10).
- JOSÉ, Ganimédes. *O caso da taça professorado* (o investigador Pipus e sua patota). Ilust. Carlos da Cunha. São Paulo, Pioneira, 1982. (Biblioteca Pioneira de literatura infantil e juvenil, Pinju).
- *Na terra dos orixás*. Ilust. Edu Andrade. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpalô Kpanpa)
- *Pai-de-todos*. Capa Julio Minervino. 12. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Jovens do mundo todo)
- *Tiana-Coragem*. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1977. (Coleção Edijovem).
- KELSEY, Vera. *Maria Rosa*. Trad. Laura Sandroni. Ilust. Cândido Portinari. Rio de Janeiro, Record, 1942.
- Lazzarotto. Série Missões Vol IV. Pedro Marques dos Santos.
- LEAL, Isa Silveira & LEAL, Alberto. *O menino de Palmares*. Capa Alice Prado Leal. 1. ed. São Paulo, Brasiliense, 1968. (Coleção Jovens do mundo todo).
- LESCANO, Jorge. *Os quitutes de Luanda*. Ilust. Cortiano. 2. ed. Curitiba, Criar, 1983.
- LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. 15. ed. São Paulo, Brasiliense, 1972. (Obras completas, 1ª série. Literatura Geral, 1. 2. 3).
- LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino*. Porto Alegre, UFMG, 1985.
- MACHADO, Ana Maria. *Do outro lado tem segredos*. Ilust. Gerson Conforto. 4. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- *O natal de Manuel*. Capa e ilust. Elvira Vigna. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- *Mandingas da ilha Quilomba*. Ilust. Flávia Savary. 3. ed. Rio de Janeiro, Salamandra, 1984.
- *Menina bonita do laço de fita*. Ilust. Walter Ono. São Paulo, Melhoramentos, 1986. (Série Contos outras nações)
- *Raul da ferrugem azul*. Capa e ilust. Patricia Gwinner. 7. ed. Rio de Janeiro, Salamandra/INL, 1979.
- MACHADO, Ana Maria & CLAUDIOUS. *Uma gota de mágica*. 4. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1984. (Série Meus Manecos)
- MAESTRI FILHO, Mário José. *O escravo no Rio Grande do Sul. A charqueada e a gênese do escravismo gaúcho*. Porto Alegre, EST, Caxias do Sul, EDUCS, 1984.
- MALFERRARI, Lilia. *A sombra das bananais*. Capa e ilust. Marcus Sant'Anna. 3. ed. São Paulo, Pioneira, 1982. (Biblioteca Pioneira de literatura infantil e juvenil, Pinju)
- *Camilinha e São Jorge*. Capa Rui de Oliveira e ilust. Liana Paolo Rabioglio. 6. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1983. (Série Comunicação).

- MARIGNY, Carlos de. **Lando das ruas**. Capa Alice Prado. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. (Coleção Jovens do mundo todo).
- . **Piratas da baía**. Ilust. Arnaldo Sivatti. 2. ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1977. (Coleção Edijovem).
- MARINS, Francisco. **Nas terras do rei café**. Ilust. Augustus e Oswaldo Stormi. 18. ed. São Paulo, Melhoramentos/INL, 1975. (Série Taquara-pôca, 1).
- MENDES, Sulema. **O amor e as pedras**. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1978. (Coleção Edijovem).
- MINERS, Lúcia. **Juca das rosas**. Ilust. Flávio A. Souto. São Paulo, Ática, 1982. (Série Pique).
- . **Tiao que morou num bumbo**. Ilust. Dário Santiago. Rio de Janeiro, Memórias Futuras, 1985.
- MORAES, Antonieta Dias de. **Juramento sobre punhal**. Capa Bruno Liberati e ilust. Gutenberg e Vasco Lima (dese-
nhos), Luís Jardim (bico-de-pena), P. Bertichem (litografia) e Hagedorn (quarela). Rio de Janeiro, José Olym-
pio, 1988.
- . **Três garotos na Amazônia**. Capa e ilust. Maria Cecília Marra Mendonça. São Paulo, Nacional, 1981.
- MORAES, Carlos. **Tidão, o justiciero dos pampas**. Capa Martin Kovenksy. São Paulo, Brasiliense, 1981. (Coleção Jovens do mundo todo).
- MOTT, Odette de Barros. **As empregadas**. Capa Rui de Oliveira e ilust. Avelino P. Guedes. 4. ed. São Paulo, Atual, 1986. (Série Odette de Barros Mott).
- . **A história contou**. Ilust. Marilda Castanha. São Paulo, Ed. do Brasil, 1988. (Coleção Akpaõ Alô).
- . **E agora?** Capa Alcy. 22. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Jovens do mundo todo).
- . **A rosa dos ventos**. Capa Carlos Bergamini. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1976. (Coleção Jovens do mundo todo).
- MUSKAT, Malvina. **Consciência e identidade**. Ática. Série Princípios.
- NICOLELIS, Giselda Laporta. **A força da vida**. Capa e ilust. Avelino Pereira Guedes. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1987. (Coleção Girassol).
- . **A prefeitura é nossa**. Ilust. Guido C. Arrighi. 6. ed. São Paulo, Pioneira, 1986. (Biblioteca Pioneira de Literatura infantil e juvenil: Pinju).
- . **O sol da liberdade**. Capa Rogério Borges e ilust. Ciça Fittipaldi. 2. ed. São Paulo, Atual 1987. (Série Dourada).
- . **Da cor do azeviche**. Ilust. Edu. Rio de Janeiro, Salamandra/INL, 1984.
- . **Sonhar é possível?** Capa e ilust. Rogério Borges. 6. ed. São Paulo, Atual, 1987. (Série Dourada).
- . **Um sinal de esperança**. Capa e ilust. Eduardo Vettlo. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1988. (Coleção Veredas).
- NUNES, Carlos Jorge. **Favela, minha morada**. Ilust. Carlos Jorge Nunes. Rio de Janeiro, Memórias Futuras, 1985.
- OLIVEIRA, Alafide Lisboa de. **A bonequinha preta**. Ilust. Ana Raquel. Belo Horizonte, Le, 1982. (Coleção Primeiras leituras).
- OLIVEIRA, Santos de. **A inspetora e a princesa Kunambantila**. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1983. (Coleção Edijovem).
- . **A inspetora e o bruxo da encruzilhada**. Ilust. Teixeira Mendes. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1976. (Coleção Edijovem).
- ORTENCIO, Bariani. **O enigma do saco azul**. Capa Avelino P. Guedes e ilust. Maria Ângela Haddad Villas. 2. ed. São Paulo, Atual, 1987. (Série Feitiço).
- OTTONI, Margarida. **Um preto... Um branco...** Capa e ilust. Macmiller. 2. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1983.
- . **PAIXÃO CORTES**, José Carlos — **O Gaúcho, Trajes, Usos, Artesanato**.
- PAULA, Branca Maria de. **O desfecho da peça**. Capa O. Sequetim e ilust. Carlos Roberto de Carvalho. São Paulo, Nacional, 1985. (Coleção Passelivre, 55).
- PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo, Martins Fontes, 1986.
- PICCHIA, Menotti. **No país das formigas**. Novas aventuras de João Peralta e Pé-de-moleque. Rio de Janeiro, Tecno-
print, s. d. (Edijovem).
- PINSKY, Mirna. **Nô na garganta**. Capa Avelino P. Guedes e ilust. Ciça Fittipaldi. 11. ed. São Paulo, Atual, 1987. (Série Feitiço).
- POERSCH, José Marcelino. **A razão de informação sintática como índice de desenvolvimento lingüístico**. Anais do VII Encontro Nacional de Lingüística.
- . **Interdependência dos membros da relação maturidade lingüístico x complexidade lingüística**. Letras de Hoje. Porto Alegre, PUCRS, (44), 160-187. Jun. 1981.
- . **O ensino do código escrito, uma disciplina formal**. Letras de Hoje. Porto Alegre, PUCRS, 22(4) 67-79. dez. 1987.
- . **Por um nível metapático na construção de sentido textual**. In POERSCH, J. M. (org.) **Implicações da Psico-lingüística nos processos de produção e recepção do código escrito**. (Letras de Hoje, n.º 86). Porto Alegre, Edipuc, 1991. p. 59-69.
- POLLICE, Ercilia. **Joaquim, Zuluquim, Zulu**. Ilust. Elcio Ferrari. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1983. (Coleção Gente Nova "B", 6).
- Portela, Fernando & SCARLATO, Francisco Capuano. **Africa do Sul**. O apartheid. Ilust. Jayme Leal. São Paulo, Ática, 1987. (Viagem pela Geografia).
- PRADO, Lucília Junqueira de Almeida. **A estrela d'alva**. Ilust. Carlos Cunha. 3. ed. São Paulo, Pioneira, 1986. (Bi-
blioteca Pioneira de Literatura infantil e juvenil: Pinju).
- . **De sol a sol**. Capa e ilust. Waldolato. Belo Horizonte, Comunicação, 1980. (Coleção do pintor, Série 2).
- PRADO, Lucília Junqueira de Almeida. **Rio de Contas**. Capa Rui de Oliveira. São Paulo, Melhoramentos, 1976. (Série Comunicação).
- . **Viver vale a pena**. Capa e ilust. Rogério Borges. 2. ed. São Paulo, Moderna, 1987. (Coleção Veredas).
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. **A princesa dos escravos**. Isabel para a juventude. Capa e ilust. Ivan Wasth Rodrigues. Rio de Janeiro, Brasil — América, 1970.
- RAMOS, Maria Lúcia. **Os astronautas da mata do clô**. São Paulo, Paulinas, 1972.
- REBELO, Marques & TABAIÁ, Arnaldo. **O galinho preto**. Ilust. Noguchi. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1971. (Coleção Fantasmínha).

- REZENDE, Stela Maris. *O último dia de brincar*. Ilust. Vlad Eugen Poenaru. Belo Horizonte, Migalha, s. d.
- REZENDE FILHO, José Tonico. Capa Ary de Almeida Normanha e ilust. Iranildo Alves. 2. ed. São Paulo, Ática, 1978. (Série Vaga-lume)
- REZENDE FILHO, José & BRASIL, Assis. *Tonico e Carniça*. Ilust. Iranildo Alves. São Paulo, Ática, 1982. (Série Vaga-lume)
- RIBEIRO, Jannart Moutinho. *Aventuras do Dito Carneiro*. Capa Luís Salgueiro e ilust. Oswaldo Stromi. São Paulo, Melhoramentos, 1968. (Série No mundo da aventura)
- ROCHA, Ruth. *A decisão do campeonato*. Ilust. Ivan & Marcello. 2. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1985. (Coleção Cafê pimba e sua turma, 1)
- . *Como se fosse dinheiro*. Ilust. Ivan & Marcello. 3. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1986. (Coleção Cafê pimba e sua turma, 2)
- . *Faz muito tempo*. Ilust. Eva Furnari. 2. ed. Rio de Janeiro, Record, 1987. (Coleção Recô Recô)
- . *O piquenique do Catapimba*. Ilust. Ivan & Marcello. Rio de Janeiro, Rocco, 1987. (Coleção Cafê pimba e sua turma, 4)
- SALDANHA, Paula. *O praça quinze*. Ilust. Paula Saldanha. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1984.
- SANTANA, Ailton Rodrigues. *A menina que enganou o sol*. Ilust. Luadi. São Paulo, Edicon, 1986.
- SANTIAGO, Luiz de. *Operação escravos de Jó*. Ilust. Myoung Youn Lee. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1974. (Coleção A Turma do posto quatro)
- . *Operação falsa baiana*. Ilust. Myoung Youn Lee. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1973. (Coleção A Turma do posto quatro)
- SANTOS, Joel Rufino dos. *A botija de ouro*. Ilust. José Flávio Teixeira. São Paulo, Ática, 1984. (Coleção Curupira)
- . *Aventuras no país do pinta-aparece*: e outras histórias. Ilust. Walter Ono. São Paulo, Abril, 1982. (Histórias de Recreio)
- . *Dudu Calunga*. Ilust. Zefálio Texeira. São Paulo, Ática, 1986. (Coleção Curupira)
- . *Zumbi*. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1986. (Projeto Passo à frente. Coleção Biografias, 2)
- SANTOS, Zaira F. *Quatro histórias*. Ilust. Rachel Dubois Ferreira. Porto Alegre, Paulinas, 1960. (Andorinhas)
- SCOTT, Michael. Lendo nos entrelinhas. In: *Cadernos PUC: Lingüística (16)*. São Paulo, PUCSP, 1983. p. 101-124
- SEIS histórias de Nataí. Ilust. Glen Matins. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1982. (Coleção Novos Adultos, 9)
- SILVA, José Guimarães e. *Companheiro de viagem*. Ilust. Luiz Carlos Afonso. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1981. (Coleção Novos Adultos, 3)
- SMITH, Frank. Reading like a writer. *Language Arts*. Urbana, National Council of Teachers of English, 60 (5): 558-68. May 1983. (Traduzido)
- TEIXEIRA JR., Luiz Alexandre. *O engenho colonial*. Ilust. Negreiros. 4. ed. São Paulo, Ática, 1986. (Coleção O Cetiano da História).
- TELLFS, Carlos Queiroz. *O ninho dos morcegatos*. Ilust. Saulo Garoux e Alexandre Toribio. São Paulo, FTD, 1987. (Coleção Primeiras Histórias)
- TENE. *O Time*. Ilust. Têne. 3. ed. São Paulo, Ática, 1981. (Coleção Um, dois, feijão com arroz).
- VILA, Martinho da. *Vamos brincar de política?* Ilust. Jacyra Silva. São Paulo, Global, 1986. (Quem canta conta)
- VITÓRIA, Jair. *Escravo e Guerreiro*. Capa e ilust. Roberto Negreiros. São Paulo, Moderna, 1985. (Coleção Veredas)
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- YARUP, Luz Celso — Pesquisa
- WEIMER, Günter. *O trabalho escravo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Sagra, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1991.
- WITCZAK, Elair Carmen Moro. *Baita homem*. Capa e ilust. Roberto Palva. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1984. (Coleção Novos Adultos, 14).
- . *Laura*. Capa e ilust. Luís Carlos Alonso. São Paulo, Salesiana Dom Bosco, 1982. (Coleção Novos Adultos, 4).
- ZATTERA, Vera Stedile — Traje Típico Gaúcho.
- ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. São Paulo, Global, 1981.
- ZIRALDO. *O menino marron*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1986. (Série Mundo Colorido).

Serviços

A Revista do Ensino com o intuito de participar ativamente e servir como instrumento de integração de todos os segmentos ligados à Educação, vem através desta seção abrir espaço para que seja dado a conhecer as necessidades de algumas instituições, que podem ser supridas com a boa vontade e ação coletiva:

CAMPANHAS * vidros para o Centro Rural de Ensino Supletivo (CREs) de Santa Rosa acon-

dicionar conservas.

Encaminhar doações para o Departamento de Ensino Supletivo da Secretaria da Educação, Borges de Medeiros, 1501, CAERGS.

Contatos telefônicos: 2250400, ramal 272, com professora Iraci Conforto

* Livros e revistas para os presídios.

Encaminhar doações para Borges de Medeiros, 1501 — 9º andar — Ala Norte — CAERGS

— Unidade de Atendimento Educacional e Social (UAES) da Susepe — Secretaria da Justiça

ERRATA — Por lapso desta Editoria, o artigo "Nutrição Uma Visão Holística", da edição nº 177, de agosto/setembro da Revista do Ensino, não recebeu o crédito de sua autora. Retificamos esta situação informando que a Profª Valdeni T. Zani é a coordenadora da Divisão de Nutrição Escolar da Secretaria da Educação.

Expediente:

GOVERNO DO ESTADO
Aces Collares
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
Neusa Canabarro

Equipe Técnica:

Direção: Ana Lía Ibargoyen
Pesquisa/Redação/Edição:
Lígia M. S. Oliveira
M. Clara C. Boose
Arte: Everson Godinho Vicente
Fotos: Lígia Oliveira
M. Clara C. Boose
Everson G. Vicente
Agradecimentos:
Fabiane Drachier — (Rio Pardo)
Carlos Augusto G. Carvalho
CRTUR/Sec. Des. Econ. e Social
Execução Gráfica: CORAG

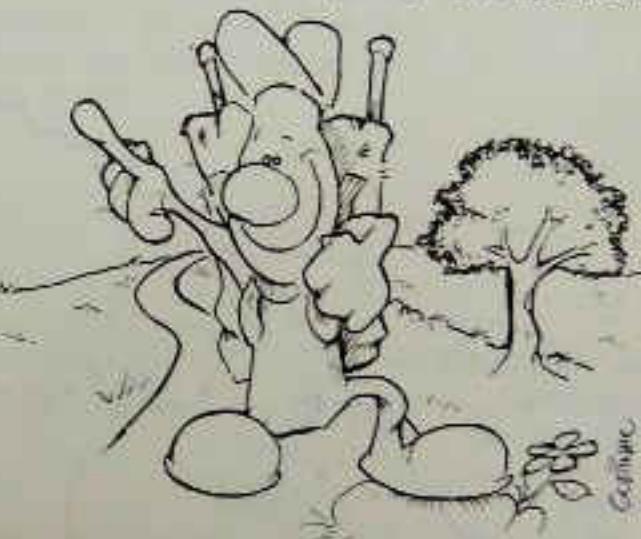
Revistinha do turismo



Depois do bate-papo que as crianças daquela turma de alunos tiveram com os lápis vermelho, amarelo e verde sobre tudo o que era necessário saber sobre TURISMO, para poder viajar de verdade...

O lápis vermelho alertou que para viajar, sempre antes se deve preparar a "mochila", ou seja o material que se poderá precisar para o percurso de deslocamento e durante a estada em determinado local.

O volume de coisas a serem levadas dependerá da distância do local e do tempo que passaremos nele.



— Descubra no desenho algumas coisas importantes para serem levadas numa viagem e pinte-as:

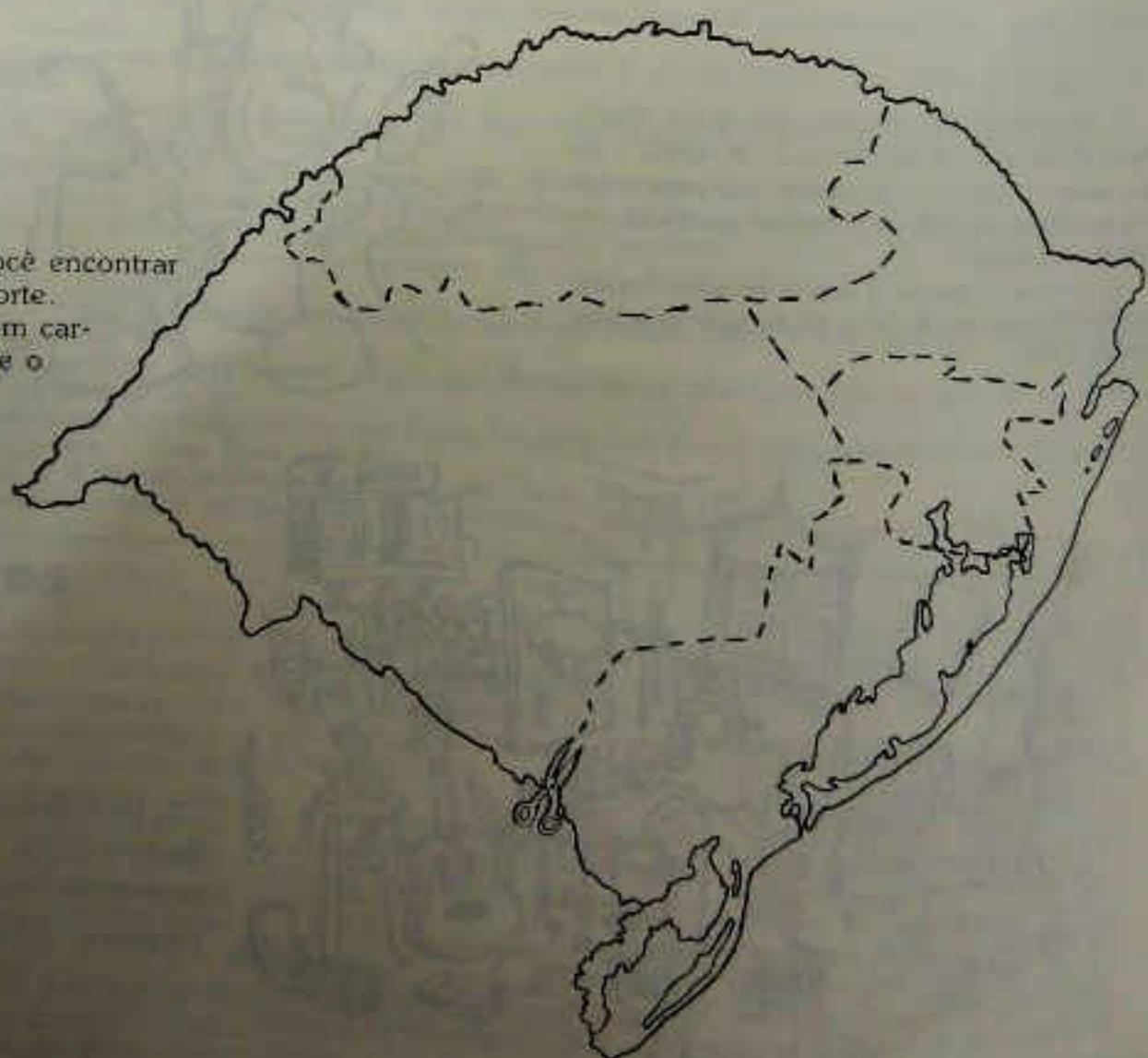
O lápis amarelo alertou que para uma viagem ser realizada, com tranquilidade, precisamos saber de onde saímos, para onde vamos e que caminhos teremos que utilizar. Para isso, o melhor amigo é o MAPA.

Para ajudar você a se localizar e poder descobrir tudo isso, o lápis verde apresentou para as crianças o mapa do Rio Grande do Sul, que é por onde devemos começar a conhecer a nossa terra.

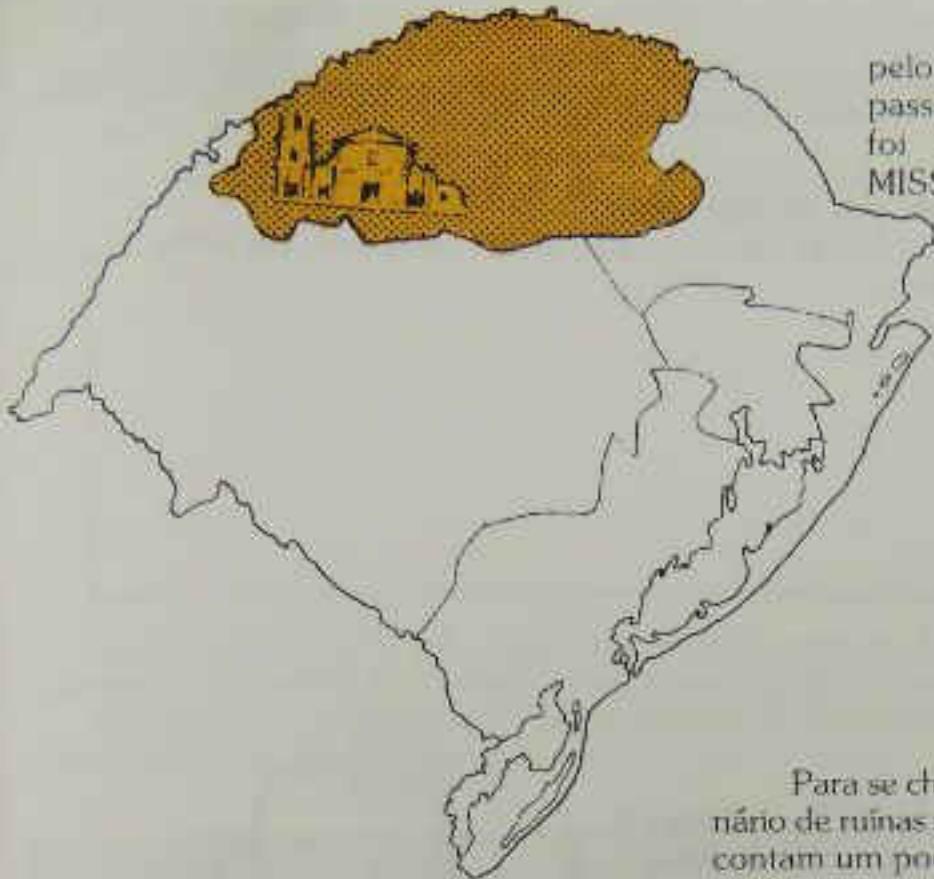


Ele, como sempre, brincalhão recortou o mapa para que você pudesse brincando, montá-lo como um quebra-cabeças.

Onde você encontrar
a tesoura recorte.
Depois cole em car-
tolina e monte o
mapa do Rio
Grande do
Sul.



A região escolhida pelo lápis para iniciar o passeio com os alunos foi a REGIÃO DAS MISSÕES



Para se chegar a um cenário de ruínas seculares, que contam um pouco do passado de nossa terra, passamos por belos campos verdes de soja e coxilhas douradas pelos trigos.



A região missionária fica a noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Só que para as crianças se localizarem melhor o lápis verde e sua "super" imaginação, fez uma comparação do mapa do Rio Grande do Sul com um rosto fazendo careta...

Veja como ele imaginou!



O lápis verde propôs às crianças que continuassem a brincadeira, tentando localizar as cidades missionárias em seus rostos



Dizendo por exemplo que:

— A cidade de Santo Ângelo ficaria localizada, no rosto, abaixo do seu olho direito;



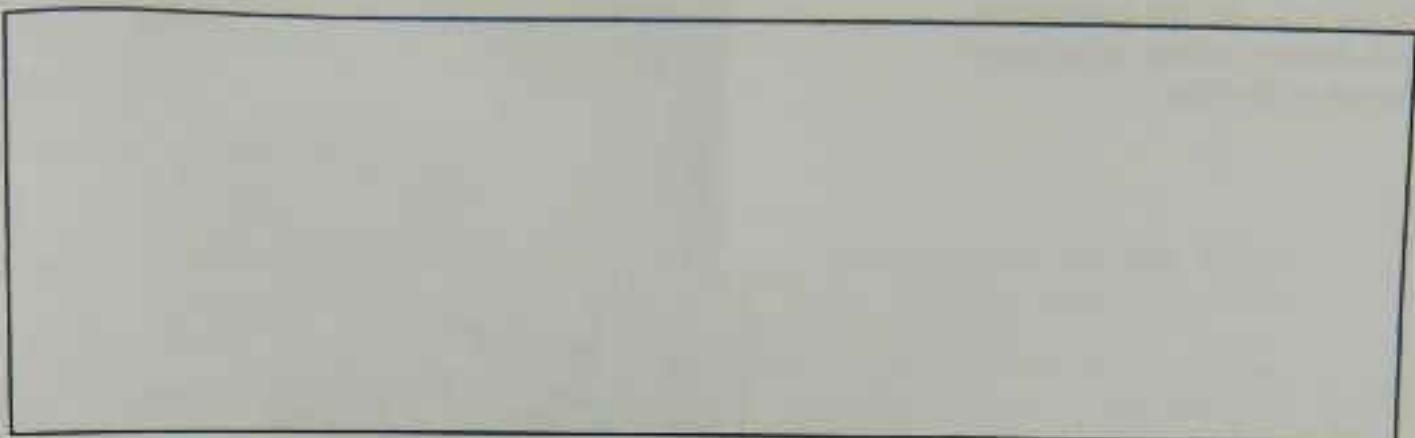
— A cidade de Porto Alegre ficaria ao lado esquerdo da boca...

É divertido assim! Exclamaram as crianças _____



Brinque você também. Imagine que seu rosto é o mapa da sua cidade. Agora tente localizar o bairro onde você mora, onde fica sua escola, o centro da cidade, a igreja, a Prefeitura, um lugar bonito para se visitar... E outros locais interessantes que você e sua turma escolherem.

Agora, desenhe aqui o seu mapa.



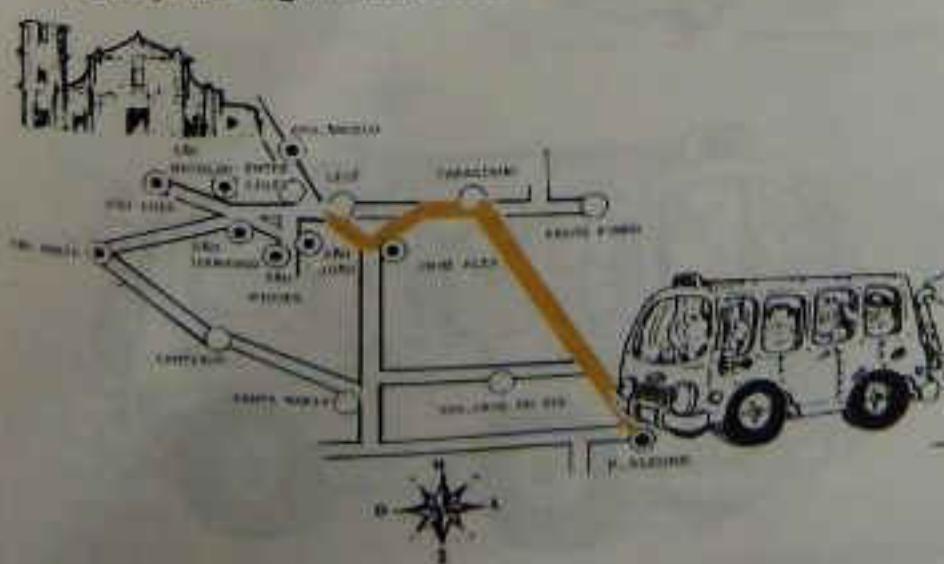
Saindo de Porto Alegre, a capital do Estado, para se chegar à região das Missões se pode usar rodovias ou ferrovias. Mas, atualmente é mais comum viajar via rodoviária.

Neste trajeto passamos por várias cidades. E, é em Cruz Alta que encontramos o "PORTAL DAS MISSÕES".



E Cruz Alta também é a terra em que nasceu o escritor Érico Veríssimo, que escreveu muito sobre nossa terra e nossa gente.

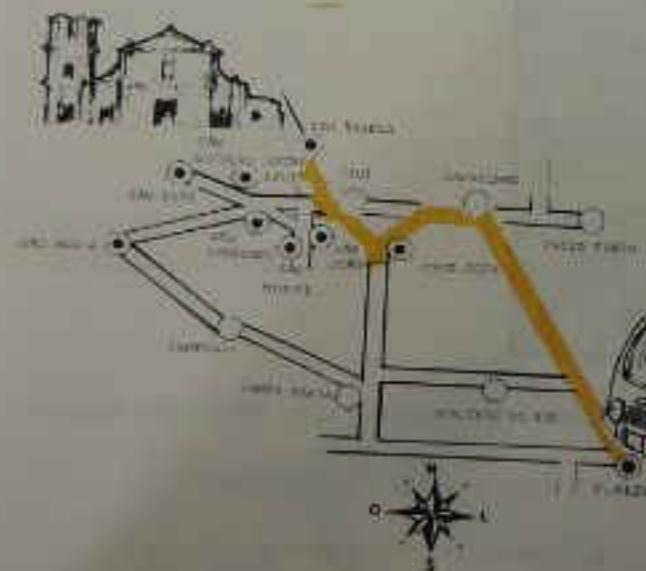
Você já leu algum livro dele? converse com sua professora e colegas sobre isso.



Passando por Cruz Alta continuamos a nossa viagem em direção a capital das Missões, que é Santo Ângelo, pois lá é o lugar ideal para começar a viagem aos SETE PÓVOS GUARANIS no Brasil.

Santo Ângelo fica a 470km de Porto Alegre, que foi o nosso ponto de partida.

Fundada em 1706, a mais recente das missões gaúchas, tem na Catedral do centro da cidade uma réplica da Igreja de São Miguel — o orgulho de seus 80 mil habitantes, a maioria descendentes de imigrantes italianos e alemães.



Percorrendo 9km, por um acesso que sai da cidade, chega-se a BR 285, estrada pela qual é possível se chegar a todas as missões brasileiras.

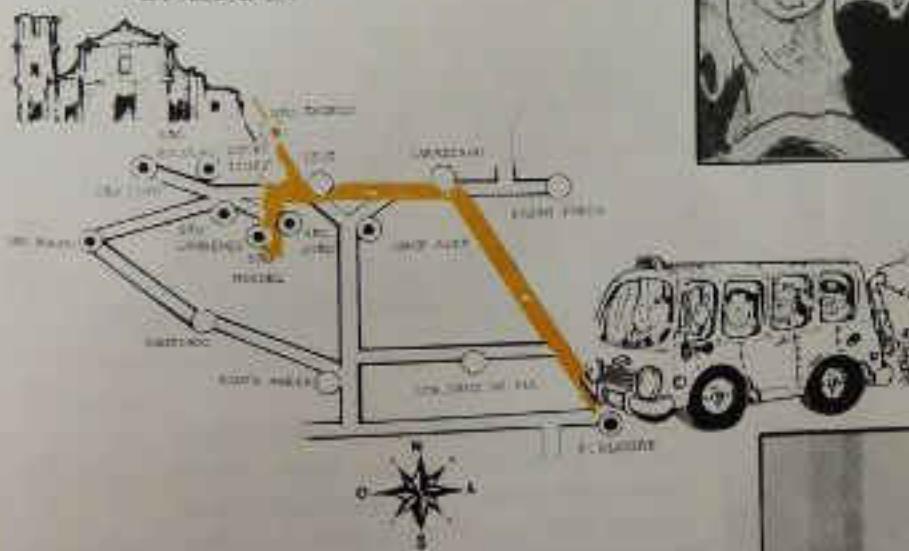


O lápis amarelo alertou que dentro do ônibus ou carro, não devemos colocar as mãos ou cabeça para fora da janela!



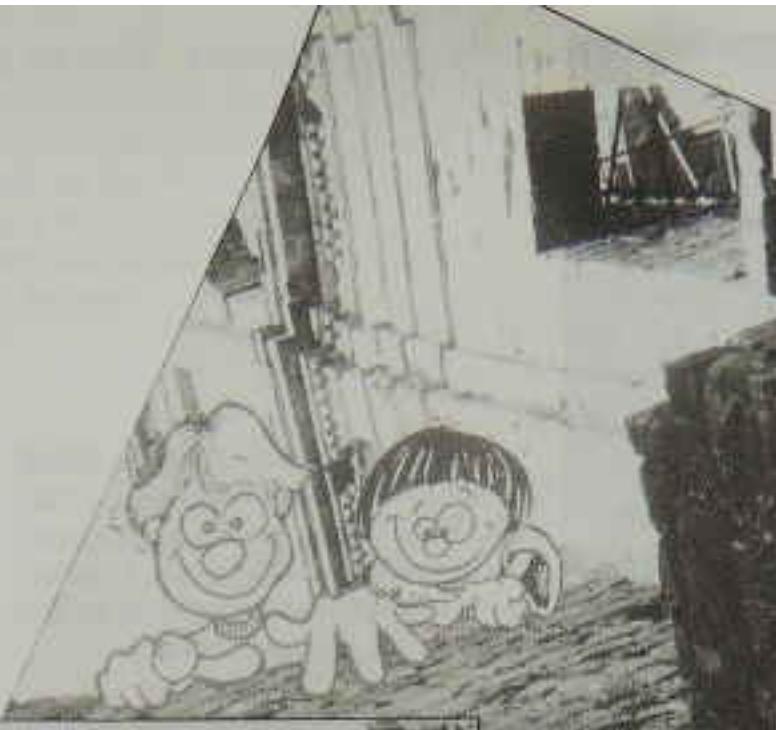
Rumo a oeste, distante 23km de Santo Ângelo chegamos a São João Batista, onde foi o local da primeira fundição das Missões, cujo ferro era utilizado para a confecção dos sinos, entre outros artefatos.

Apenas 10km adiante está a saída para São Miguel. Ela é a única das Missões brasileiras, declaradas patrimônio da humanidade pela UNESCO.

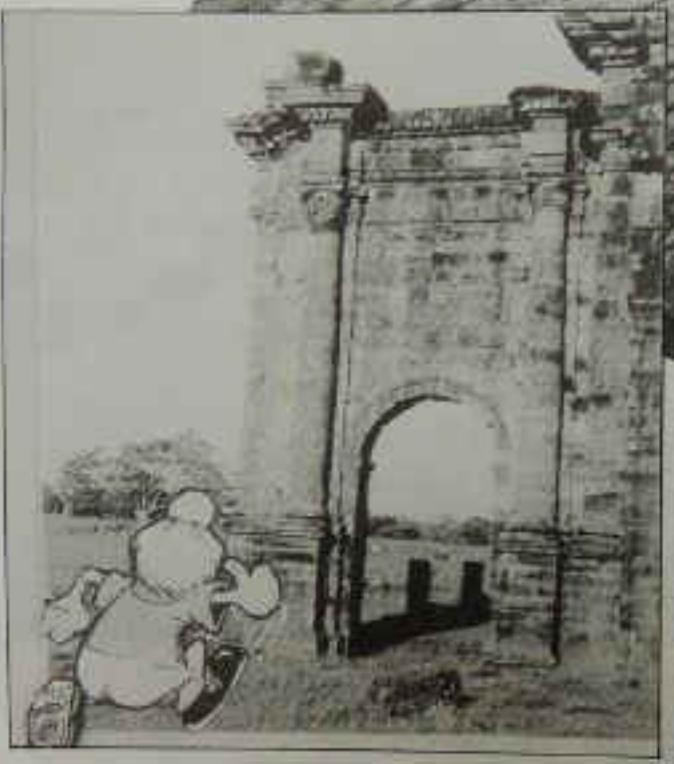


Seu templo colossal, para a arquitetura das "Reduções", mede 70m de comprimento por 30m de largura. E foi construída com blocos de mais de uma tonelada de gres. O portal permanece de pé, com seus 20m de altura. Uma construção que um dia resistiu ao peso de cinco toneladas de sinos.

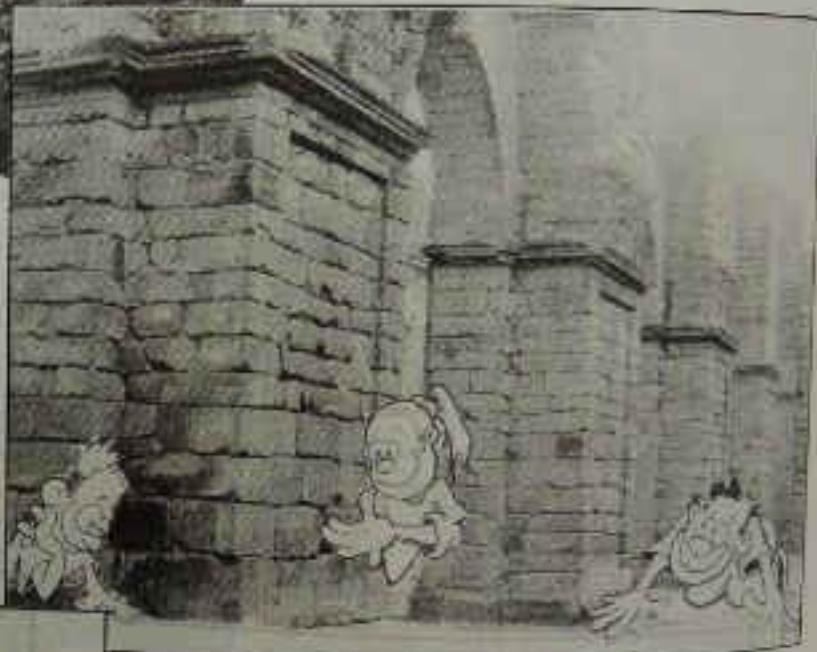




A garotada ficou totalmente deslumbrada e emocionada com o que viu ao chegar às ruínas de São Miguel. A partir daí, soltaram-se pelo campo e começaram a explorar e conhecer cada detalhe de parede, texturas, formas, objetos. Vestígios de uma civilização que existiu no passado e que marcou tão fortemente nossa história e a personalidade do nosso povo.



Depois da primeira exploração, os lapis levaram o grupo para o Museu Lúcio Costa, que fica dentro da área das ruínas, defronte à Igreja e do outro lado da praça.



As crianças ficaram muito atentas às explicações do lápis verde quanto às quase 100 estátuas de diversos estilos e de rara beleza, talhadas em madeira e pedra.

Este acervo, as crianças descobriram que é da época jesuítica e foi reunido graças aos esforços de pessoas da comunidade.

Você sabe por que a surpresa da gurizada?

Algumas estátuas maiores em madeira são ocas. Têm um buraco atrás que foi feito pelos próprios escultores com o objetivo de diminuir o seu peso.

Existem, no entanto, lendas que justificam sua utilidade, uma delas diz que serviriam para que os padres entrassem dentro delas para fazer suas pregações mais importantes para os índios. Daf talvez tenha se originado a expressão "SANTINHO DO PAU OCÓ".

E por falar em como eram as coisas por lá naquele tempo.

O lápis verde contou que tudo era muito organizado. A forma das cidades (reduções como eram chamadas) era quadrangular. O importante nessa forma era proteção para os índios quando

O centro era uma grande praça quadrada aonde desembocavam as ruas principais. Do lado norte ou sul da praça, ficavam normalmente da direita para a esquerda o asilo/orfanato, o cemitério, a Igreja e dois pátios.

No fundo do primeiro pátio, erguia-se a residência dos padres com porões e adegas. E, no lado oposto à igreja havia algumas repartições: o quarto do porteiro, a escola, a sala de música e dança, a sala de armas, entre outras.

O segundo pátio era rodeado de armazéns e oficinas mecânicas. Por trás do cemitério e da igreja ficava a horta dos padres.

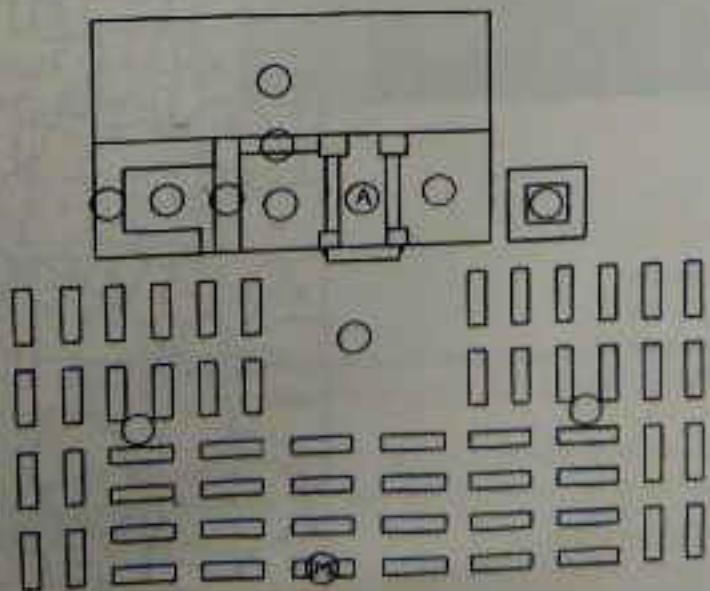
Nos outros três lados da praça alinhavam-se os blocos de casas dos índios. Eram conjuntos de casas enfileiradas com telhado comum, todas casas sólidas e cobertas de telhas fabricadas pelos próprios índios.

A praça central com 150m de lado e ruas retas com 18m de largura que desembocavam nela.

Normalmente os caciques tinham um local próprio para suas tarefas de administrar a redução. Situado no outro lado da praça, defronte à igreja, esse local era chamado de CABILDO — uma espécie de prefeitura, que era também o pórtico de entrada da redução.

Coloque, agora, no desenho da redução, as letras correspondentes às edificações e seus setores, que você acaba de conhecer:

- A Igreja
 - B Residência dos pais
 - C Escola
 - D 1º pátio
 - E 2º pátio
 - F Oficinas
 - G Horta
 - H Cemitério
 - I Falso/orfanato
 - J Praça central
 - L Casas dos índios



O lápis vermelho e amarelo ficaram de queixo caído para tantos conhecimentos demonstrados pelo lápis verde, que vibrava junto com a garotada que aprendia com ele, mas em especial, com o que viam, tocavam e ouviam...

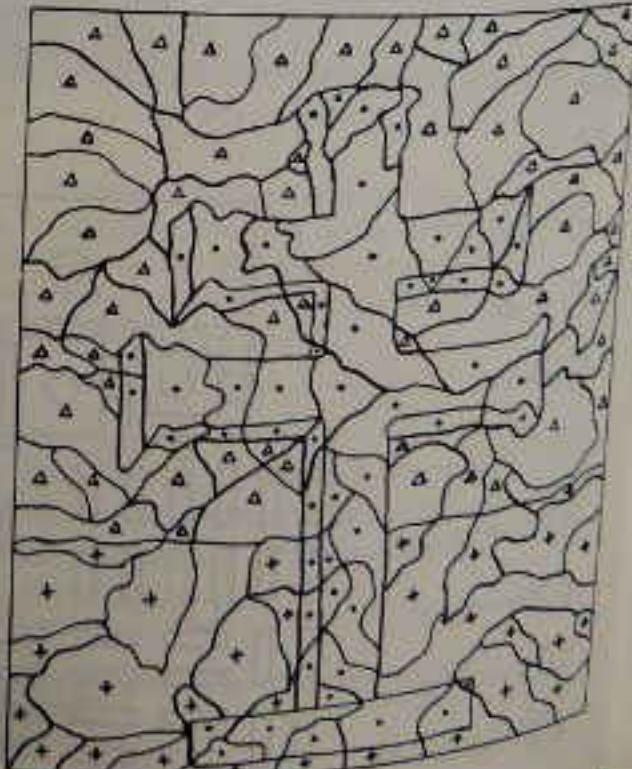


Agora, você também pode brincar na cruz missionária. Basta pintar os espaços que estão marcados de acordo com a legenda.

marrom
verde
azul



No final da tarde as crianças resolveram brincar em volta de uma cruz, que está ainda hoje num dos cantos da praça. É a CRUZ MISSIONEIRA.



UMA CURIOSIDADE!

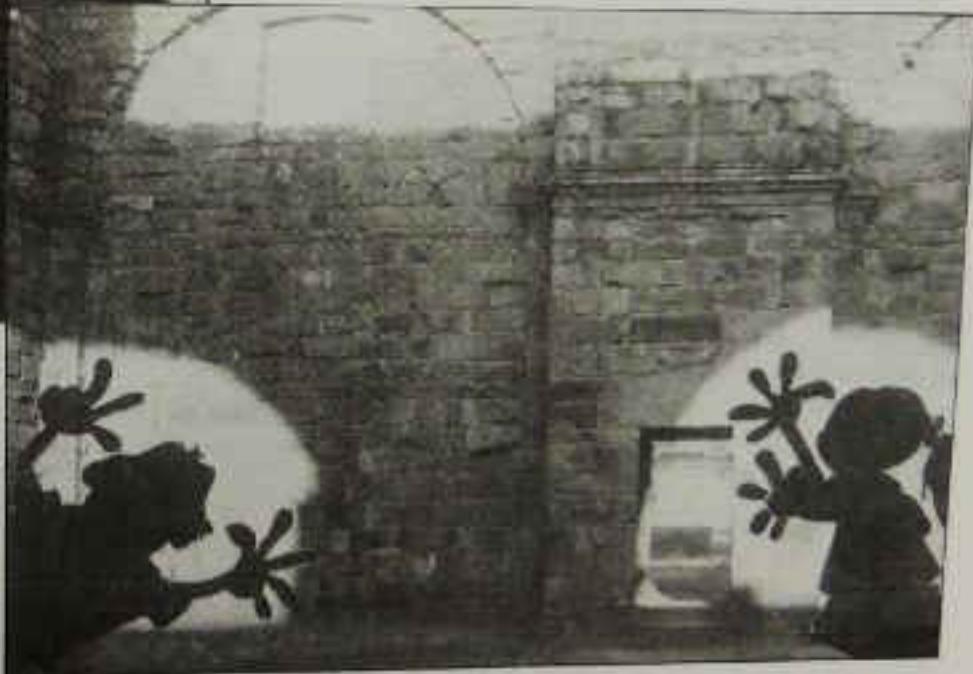
Você sabia que essa cruz em algumas épocas foi chamada de Cruz de Lorena e Cruz de Caravaca?

Mas um estudioso do assunto afirma que não existe comprovação documental que explique a existência dos dois braços desta cruz, mas devemos chamá-la de CRUZ MISSIONEIRA por ser o símbolo mais original das Missões.



Quando a tarde começou a cair sobre a cidade de São Miguel, as ruínas e suas paredes pareceram mudar de cor e ficaram quase douradas!

Lá as crianças puderam ver dois shows ...



Um natural proporcionado pelo sol nas paredes, portas e janelas, fazendo figuras variadas de luz e sombras. O outro é o show "SOM E LUZ — EPOPEIA DE UM POVO", que acontece todas as noites, na praça em frente à catedral jesuística.

Imagine uma noite de primavera, em pleno campo, com o céu coberto de estrelas e à sua frente, recortando o horizonte escuro o vulto majestoso de ruínas. Não de quaisquer ruínas, mas de uma catedral.

Completando a magia da noite, sinta o brando vento missionário, que há milhares de anos sopra nesta planície, passando através de seu abrigo leve, acariciando-lhe a pele.



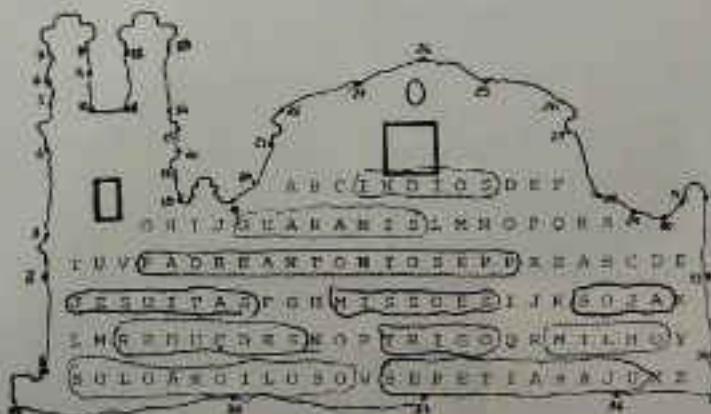
De repente, agredindo o silêncio, os grilos cantarão mais alto, o vento soprará mais forte e trazido por ele se ouvirá o som de uma música indígena. De dentro da escuridão levanta-se uma voz cheia de dor perguntando: QUEM SÃO ESSES INTRUSOS QUE AQUI VIERAM PROFANAR MINHA ONDULANTE PRADARIA? É a própria mãe terra que relembrá as histórias que ali se passaram.

Assim comece um dos mais belos espetáculos já apresentados no Rio Grande do Sul.

As crianças sentaram-se quietinhas nas arquibancadas e assistiram atentas e interessadas ao show, pois era importante estar "ligado" em tudo o que acontecia...

Agora, ligue os pontinhos de acordo com a sequência numérica e você descobrirá o que as crianças viram na escuridão.

Depois encontre no caça-palavras as coisas mais importantes e significativas em relação a esta região.



PALAVRAS:
ÍNDIOS
GUARANIS
PADRE ANTONIO SEI
JESUÍTAS
MISSÕES
SOJA
REDUÇÕES
TRIGO
MILHO
SOLO ARGILOSO
SEPE TIARAU

Com esta primeira visita as crianças se entusiasmaram muito e quiseram até pesquisar a respeito da história das missões.



Sabe o que elas descobriram?



Que o Rio Grande do Sul teve muito mais reduções do que é de conhecimento da maioria das pessoas. Porque o que é mais divulgado são os SETE POVOS DAS MISSÕES, onde estavam as maiores reduções e as que tiveram mais destaque histórico.

No entanto, descobriram também sobre outras localidades onde os jesuítas fundaram povoados e que somam em mais de quinze.

Além disso, descobriram que o diálogo entre Sepé Tiaraju e o comandante das tropas portuguesas, Gomes Freire de Andrade, que eles ouviram durante o show de "SOM E LUZ", lá em São Miguel, na verdade aconteceu na Fortaleza de Jesus Maria José, em Rio Pardo, onde estavam aquartelados os exércitos portugueses e que na época era o limite geográfico entre o Rio Grande do Sul português e as Missões.

Hoje ainda Rio Pardo guarda os traços daquela época e as crianças foram até lá para conferir.



Você já pode encontrar o nome dos SETE POVOS DAS MISSÕES. Basta fazer a cruzadinha abaixo, cuidando o número de letras:



HORIZONTAL

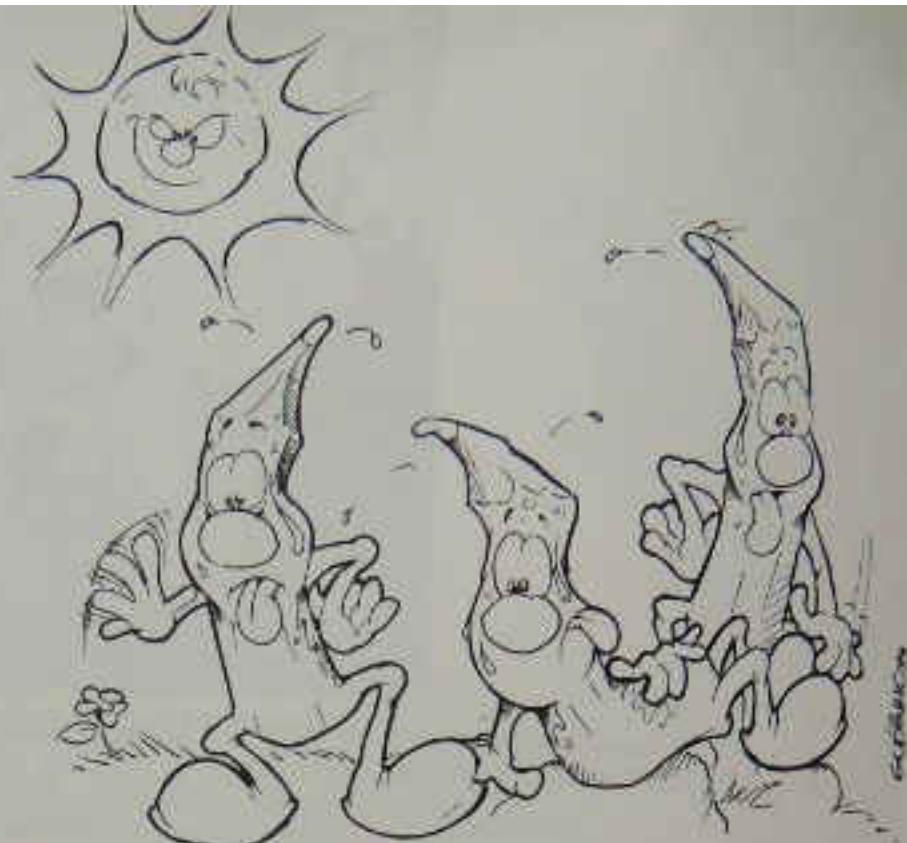
- São João (7)
São Luís (7)
São Bento (8)
São Miguel (9)
São Nicolau (11)
São Lourenço (11)

Santo Ange
L'ARTICUL

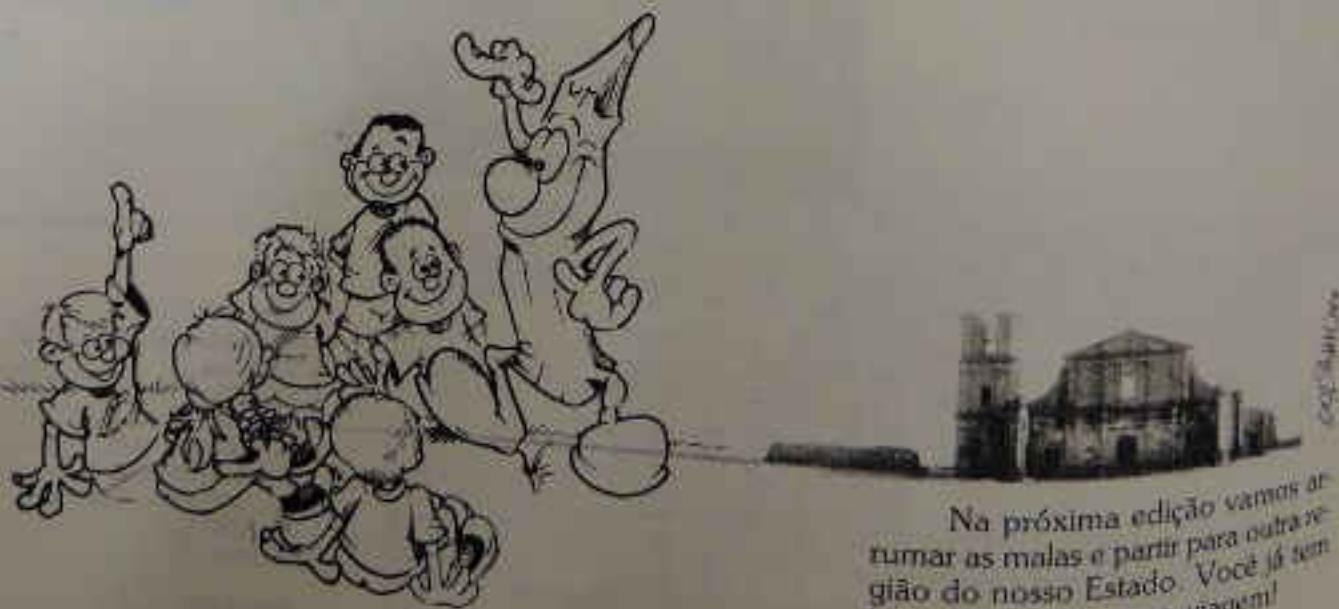
MISSIONS

Os lápis vermelho, amarelo e verde apesar de cansados pelo forte calor da região estão felizes por tudo o que puderam mostrar às crianças.

Só que a curiosidade deles é insaciável como a das crianças que querem continuar conhecendo outros lugares e regiões do nosso Estado.



A Revistinha do Turismo quer compartilhar com você as belezas, a melhor acolhida da nossa terra, passar dias felizes aprendendo com a nossa turminha e quer que você volte sempre para des cobrir novas histórias, novos caminhos...



Na próxima edição vamos atumar as malas e partir para outra viagem do nosso Estado. Você já tem lugar garantido nessa viagem!

